

A PASSAGEM DA GRANDE RAÇA

ou

A Base Racial da História Europeia

Madison Grant

Presidente da Sociedade Zoológica de Nova York;
Administrador do Museu Americano de História Natural;
Conselheiro da Sociedade Geográfica Americana

Com Prefácios de

Henry Fairfield Osborn

Professor de Pesquisa em Zoologia, Universidade de Columbia

Tradução Inédita para o Português Brasileiro
Dezembro de 2019

THE
PASSING
OF THE
GREAT
RACE
—
GRANT

THE PASSING OF
THE GREAT RACE

MADISON GRANT



SCRIBNERS



SUMÁRIO

PALAVRAS DO TRADUTOR	4
PREFÁCIO	6
PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO	8
INTRODUÇÃO	10
PARTE I – RAÇA, LÍNGUA E NACIONALIDADE	13
CAPÍTULO 1 – RAÇA E DEMOCRACIA	14
CAPÍTULO 2 – A BASE FÍSICA DA RAÇA	18
CAPÍTULO 3 - RAÇA E HABITAT	28
O HABITAT NÓRDICO	28
O HABITAT DOS ALPINOS E DOS MEDITERRÂNEOS	31
CAPÍTULO 4 – A COMPETIÇÃO DE RAÇAS	32
CAPÍTULO 5 – RAÇA, LÍNGUA E NACIONALIDADE	36
CAPÍTULO 6 – RAÇA E LÍNGUA	41
CAPÍTULO 7 – AS RAÇAS EUROPEIAS NAS COLÔNIAS	44
PARTE II – AS RAÇAS EUROPEIAS NA HISTÓRIA	51
CAPÍTULO 1 – O HOMEM EOLÍTICO	52
CAPÍTULO 2 – O HOMEM PALEOLÍTICO	56
CAPÍTULO 3 – AS IDADES NEOLÍTICA E DO BRONZE	63
CAPÍTULO 4 – A RAÇA ALPINA	69
CAPÍTULO 5 – A RAÇA MEDITERRÂNEA	75
CAPÍTULO 6 – A RAÇA NÓRDICA	82
CAPÍTULO 7 – A EUROPA TEUTÔNICA	87
CAPÍTULO 8 – A EXPANSÃO DOS NÓRDICOS	91
CAPÍTULO 9 – A PÁTRIA NÓRDICA	100
CAPÍTULO 10 – A RAÇA NÓRDICA FORA DA EUROPA	103
CAPÍTULO 11 - AS APTIDÕES RACIAIS	105
CAPÍTULO 12 – ÁRIA	107
CAPÍTULO 13 – A ORIGEM DAS LÍNGUAS ARIANAS	111
CAPÍTULO 14 – A LÍNGUA ARIANA NA ÁSIA	116
REFERÊNCIAS	121
MAPAS	124

PALAVRAS DO TRADUTOR

Esta tradução foi elaborada com vistas ao fim único de divulgar conhecimento sem os filtros institucionais, midiáticos e editoriais do sistema sionista global. É desnecessário explicar o porquê desta tradução ter sido efetuada liberal e anonimamente. O essencial e que justifica este trabalho, é que a questão racial é mal colocada e terrivelmente equívoca, independentemente da posição política de seu proponente, de modo a gerar preconceções que vão do senso comum que atribui à cor da pele uma relevância inexistente na tipificação racial, até o consenso científico acadêmico que nega a possibilidade de distinção a acusando de perversidade e obsolescência. Isto se dá, em todos os níveis sociais e intelectuais em nosso país graças à ignorância planejada instituída sobre o assunto, cuja mera abordagem por si só configura os mais hostis contra-ataques, independentemente da integridade e propósitos de seu explorador. Esta obra, considerada a mais importante e popular no século XX, parou de ser editada após 1936 e foi lida no mundo inteiro no seu idioma original.

Devido ao desconhecimento geral de seu conteúdo especialmente entre a presente geração de estudiosos e defensores da Causa Nacional, seja esta identitária, tradicionalista ou conservadora não-liberalista em geral – cientes de que sem uma clara **consciência racial** individual e coletiva, nenhum projeto intelectual-político ou artístico-espiritual, a nível pessoal, familiar ou grupal podem ser levados a termo sem o risco de se autodestruírem – presenteio-vos com o novo instrumento nuclear de suas futuras argumentações em prol de um futuro próximo mais belo, justo e verdadeiro.

Com a licença da palavra, dedico esta publicação ao amigo e camarada em Luta, G. K.

Sr. B.,
Dezembro de 2019.

“[...] a visão de que o escravo negro era um infeliz primo do homem branco, profundamente bronzeado pelo sol tropical, que negou as bênçãos do Cristianismo e da Civilização, desempenhou um papel não pequeno com os sentimentalistas da Guerra Civil, e levou cinquenta anos para compreender que falar inglês, vestir roupas boas, ir à escola e à igreja, não transforma um negro em um homem branco. Nem um liberto sírio ou egípcio foi transformado em romano, usando uma toga e aplaudindo seu gladiador favorito no anfiteatro”.

– Madison Grant.

PREFÁCIO

A história europeia já foi escrita em termos de nacionalidade e idioma, mas nunca antes em termos de raça; no entanto, a raça teve um papel muito maior na língua ou na nacionalidade na moldagem dos destinos dos homens; raça implica hereditariedade, e hereditariedade implica todas as características e traços morais, sociais e intelectuais que são as fontes da política e do governo.

Independentemente e inconscientemente, o autor, nunca antes um historiador, transformou esse esboço histórico na corrente de um grande movimento biológico, que remonta aos ensinamentos de Galton e Weismann, a partir do último terço do século XIX. Esse movimento nos obrigou a reconhecer a força e a estabilidade superiores da hereditariedade, como sendo mais duradouras e potentes que o meio ambiente. Esse movimento também é uma reação dos ensinamentos de Hippolyte Taine entre historiadores e de Herbert Spencer entre biólogos, porque prova que o ambiente e, no caso da educação do homem, tem uma influência imediata, aparente e temporária, enquanto a hereditariedade tem uma influência profunda, sutil e permanente nas ações dos homens.

Assim, a história racial da Europa, que constitui o assunto principal do autor e que é totalmente original em sua abordagem, pode ser parafraseada como a história da hereditariedade da Europa. É a história influenciada pelos impulsos hereditários, predisposições e tendências que, como traços raciais altamente distintos, datam de milhares de anos e foram originalmente formados quando o homem ainda estava no estado tribal, muito antes do advento da civilização.

Nos capítulos iniciais do autor, esses traços e tendências são comentados à medida que são observados hoje sob as variadas influências da migração e mudanças no ambiente social e físico. Nos capítulos relacionados à história racial da Europa, entramos em um novo e fascinante campo de estudo, no qual acredito que o próprio autor poderá algum dia se expandir para uma história mais longa. Não há como afirmar que este é o método científico correto para abordar o problema do passado.

A tendência moral de interpretação da hereditariedade da história é para nossos dias e geração e está em forte acordo com o verdadeiro espírito do movimento eugênico moderno em relação ao patriotismo, a saber, a conservação e multiplicação para o nosso país das melhores forças espirituais, morais, intelectuais e físicas da hereditariedade; somente assim a integridade de nossas instituições será mantida no futuro. Essas forças divinas são mais ou menos esporadicamente distribuídas em todas as raças, algumas delas encontradas no que chamamos de raças mais baixas, algumas espalhadas amplamente por toda a humanidade, mas certamente são distribuídas de maneira mais ampla e uniforme em algumas raças do que em outras.

Assim, a conservação daquela raça que nos deu o verdadeiro espírito do americanismo não é uma questão de orgulho racial ou de preconceito racial; é uma questão de amor ao país, de um sentimento verdadeiro, baseado no conhecimento e nas lições da história, e não no sentimentalismo promovido pela ignorância. Se me perguntassem: Qual é o maior perigo que ameaça a República Americana hoje? Eu certamente responderia: A morte gradual entre nosso povo daqueles traços hereditários através dos quais os princípios de nossos fundamentos religiosos,

políticos e sociais foram estabelecidos e sua insidiosa substituição por traços de caráter menos nobres.

Henry Fairfield Osborn,
Julho de 1916.

PREFÁCIO À SEGUNDA EDIÇÃO

A história está se repetindo nos Estados Unidos atualmente e, aliás, está dando uma demonstração convincente do pensamento central deste volume, a saber, que a hereditariedade e a predisposição racial são mais fortes e estáveis que o meio ambiente e a educação.

Quaisquer que sejam suas aptidões intelectuais, literárias, artísticas ou musicais, em comparação com outras raças, o ramo anglo-saxão da raça Nórdica está novamente se mostrando como o qual a nação deve depender principalmente em termos de liderança, de coragem, de lealdade, de unidade e harmonia de ação, de auto-sacrifício e de devoção a um ideal. Não que membros de outras raças não estejam fazendo sua parte, muitos estão, mas em nenhum outro grupo humano que chegou a este país é mostrada a unanimidade de coração, mente e ação que agora estão sendo exibidas pelos descendentes dos povos de olhos azuis e cabelos claros do norte da Europa. Em uma viagem recente ao norte da Califórnia e a Oregon, observei que, diante dos regimentos que partiram primeiro para a cidade de Nova York e depois, que na maravilhosa variedade de jovens de Plattsburg, o tipo anglo-saxão era claramente dominante sobre todos os outros, e os membros mais puros desse tipo superavam os demais. No norte da Califórnia, vi um grande regimento parar e, com uma ou duas exceções, todos eram nativos americanos, descendentes de ingleses, escoceses e homens do norte da Irlanda que fundaram o Estado de Oregon na primeira metade do século XIX. Em Plattsburg, cabelos claros e olhos azuis eram muito perceptíveis, muito mais do que em qualquer multidão ordinária das faculdades americanas como as que vemos reunidas em nossas universidades.

Deve-se lembrar também que muitos jovens de cabelos e olhos escuros de Plattsburg e outros campos de treinamento de voluntários costumam ser três ou quatro oitavos Nórdicos, porque exige apenas um único ancestral de olhos escuros para emprestar cabelos e olhos escuros a uma linhagem nórdica pura. Há uma clara diferenciação entre as linhagens Nórdicas, Alpinas e Mediterrâneas originais; mas onde caracteres e características físicas estão parcialmente combinados em um mosaico e, em menor grau, estão misturados, é necessária uma longa experiência para julgar qual linhagem é dominante.

Com uma raça possuindo essas predisposições, remontando aos primórdios da história europeia, não há hesitação ou mesmo espera por recrutamento e o triste pensamento estava continuamente em minha mente na Califórnia, em Oregon e em Plattsburg, em que novamente essa raça estava passando, que esta guerra terá um preço muito alto para esta linhagem de vida anglo-saxônica, que desempenhou um papel tão grande na história americana.

Guerra é, num mais alto sentido, disgênica ao invés de eugênica. É destrutiva para as melhores linhagens, espiritual, moral e fisicamente. Para o futuro do mundo, a destruição de riqueza é uma questão pequena em comparação com a destruição das melhores linhagens humanas, pois a riqueza pode ser renovada enquanto essas linhagens da verdadeira aristocracia humana, uma vez perdidas, o são para sempre. No novo mundo pelo qual estamos trabalhando e lutando, o mundo da liberdade, da justiça e da humanidade, salvaremos a democracia somente quando a democracia descobrir sua própria aristocracia, como nos dias em que nossa República foi fundada.

Henry Fairfield Osborn,
Dezembro, 1917.

INTRODUÇÃO

As páginas a seguir são dedicadas a uma tentativa de elucidar o significado da história em termos de raça; isto é, pelos caracteres físicos e psíquicos dos habitantes da Europa ao invés de pelo seu agrupamento político, ou pela sua linguagem falada. Praticamente todos os historiadores, enquanto usavam a palavra raça, se basearam em nomes tribais ou nacionais como sua única definição. Os antigos, como os modernos, ao determinar a origem étnica, não olhavam para além do nome, língua ou país de um homem, e a informação real fornecida pela literatura clássica sobre a questão das características físicas é limitada a algumas observações dispersas e muitas vezes obscuras.

A antropologia moderna demonstrou que as linhas raciais não são apenas absolutamente independentes dos agrupamentos nacionais e linguísticos, mas que, em muitos casos, essas linhas raciais as cortam em ângulos acentuados e correspondem estreitamente às divisões da clivagem social. A grande lição da ciência da raça é a imutabilidade dos caracteres somatológicos ou corporais, com os quais está intimamente associada a imutabilidade das predisposições e impulsos psíquicos. Esta continuidade de herança tem uma influência muito importante na teoria da democracia e ainda mais na do socialismo, e aqueles que estão envolvidos na ascensão social e nos movimentos revolucionários são, portanto, geralmente muito intolerantes às limitações impostas pela hereditariedade.

As teorias democráticas de governo na sua forma moderna baseiam-se em dogmas de igualdade formulados há cerca de 150 anos, e se assentam no pressuposto de que o ambiente e não a hereditariedade é o fator controlador do desenvolvimento humano. A filantropia e o nobre propósito ditaram a doutrina expressa na Declaração de Independência, o documento que hoje constitui a base real das instituições americanas. Os homens que escreveram as palavras, “nós consideramos essas verdades óbvias, que todos os homens são criados iguais”, eram eles mesmos donos de escravos, e desprezavam os índios como algo menos que humano. Igualdade nas suas cabeças significava apenas que eram tão bons ingleses como os seus irmãos do outro lado do oceano.

As palavras “que todos os homens são criados iguais” foram desde então sutilmente falsificadas pela adição da palavra “livre”, embora tal expressão não seja encontrada no documento original, e os ensinamentos baseados nessas palavras alteradas nas escolas públicas americanas de hoje assustariam e surpreenderiam os homens que formularam a Declaração.

As leis da natureza operam com a mesma força implacável e imutável nos assuntos humanos como nos fenômenos da natureza inanimada, e a base do governo do homem é agora e sempre foi, e sempre será, força e não sentimento, uma verdade demonstrada novamente pela atual conflagração mundial.

Será necessário que o leitor despoje sua mente de todos os preconceitos de raça, uma vez que a antropologia moderna, quando aplicada à história, envolve toda uma mudança de definição. Devemos, antes de tudo, compreender que a raça pura e simples, a estrutura física e psíquica do homem, é algo inteiramente distinto da nacionalidade ou da língua, e que a raça está hoje na base de todos os fenômenos da

sociedade moderna, exatamente como tem feito através dos éons não registrados do passado.

A antiguidade das populações europeias existentes, vistas à luz lançada sobre as suas origens pelas descobertas das últimas décadas, permite-nos transportar a História e a Pré-História para períodos tão remotos que o mundo clássico torna-se algo tão somente de ontem. Os povos vivos da Europa consistem de camadas sucessivas de diversos elementos raciais em proporções variadas, e os historiadores e antropólogos, ao estudarem essas populações, têm se preocupado principalmente com os estratos recentes e negligenciado os tipos mais antigos e submersos.

As populações aborígenes desde tempos imemoriais têm sido repetidamente inundadas por multidões de recém-chegados e desapareceram por um tempo do ponto de vista histórico. Ao longo dos séculos, porém, estes elementos primitivos reafirmaram lentamente o seu tipo físico e criaram gradualmente os seus conquistadores, de modo que a história racial da Europa foi no passado e é hoje uma história de repressão e ressurgimento das raças antigas.

Invasões de novas raças geralmente chegam em ondas sucessivas, as anteriores sendo rapidamente absorvidas pelos conquistados, enquanto as chegadas posteriores geralmente mantêm por mais tempo a pureza de seu tipo. Conseqüentemente, os elementos mais recentes são encontrados em um estado menos misto do que os mais antigos, e os estratos mais primitivos da população sempre contêm traços físicos derivados de predecessores ainda mais antigos.

O Homem habitou a Europa, de uma forma ou de outra, durante centenas de milhares de anos, e durante todo este lapso de tempo a população foi tão densa quanto o permitido pelo suprimento alimentar. As tribos no estágio de caça são necessariamente de pequeno porte, não importando o quão abundante seja a caça, e no período Paleolítico o homem provavelmente existia apenas em localidades especialmente favoráveis, e em comunidades relativamente pequenas.

Nos períodos Neolítico e do Bronze, os animais domesticados e o conhecimento da agricultura, embora de caráter primitivo, proporcionaram um aumento da oferta de alimentos, e a população por consequência aumentou muito. Os habitantes dos lagos do Neolítico eram, por exemplo, relativamente numerosos. Com o desmatamento e a drenagem dos pântanos durante a Idade Média e, sobretudo, com a expansão industrial do século passado, a população se multiplicou com grande rapidez. Evidentemente, podemos fazer pouca ou nenhuma estimativa dos números da população paleolítica da Europa, e não muito mais dos números da época Neolítica, mas mesmo esta última deve ter sido muito pequena em comparação com o recenseamento de hoje.

Alguma concepção do crescimento da população nos últimos tempos pode ser baseada no aumento da Inglaterra. Foi computado que a Inglaterra saxã na época da Conquista continha cerca de 1.500.000 habitantes; na época da Rainha Elizabeth a população era de cerca de 4.000.000, enquanto em 1911 o censo deu para a mesma área cerca de 35.000.000.

O imenso alcance do tema da raça, em relação à História, desde o seu alvorecer nebuloso, e as limitações do espaço, requer que as generalizações sejam

declaradas, frequentemente, sem mencionar as exceções. Essas declarações arrebatadoras podem até parecer muito ousadas, mas descansam, ao melhor da crença do escritor, sobre alicerces sólidos de fatos, ou então são conclusões legítimas de evidências agora em mãos. Em uma ciência tão recente quanto a antropologia moderna, novos fatos são constantemente revelados e exigem a modificação das hipóteses existentes. Quanto mais o tema é estudado, mais provisória parece até a teoria mais bem sustentada, mas a pesquisa moderna abre uma vista de vasto interesse e significado para o homem, agora que descartamos os grilhões de antigos pontos de vista falsos e somos capazes de discernir, ainda que vagamente, a solução de muitos dos problemas da raça. No futuro, novos dados irão inevitavelmente expandir-se, e talvez alterar as nossas ideias, mas os fatos que estão agora em causa, e as conclusões daí resultantes, são provisoriamente apresentados nos capítulos seguintes, e necessariamente muitas vezes de forma dogmática.

As declarações relativas ao tempo têm apresentado a maior dificuldade, como as autoridades diferem amplamente, mas as datas foram fixadas com extremo conservadorismo e o escritor acredita que quaisquer mudanças neles são daqui em diante exigidas por uma investigação e estudo mais aprofundados, irá resultar em empurrá-los para trás e não para frente na Pré-História. As datas dadas no capítulo do “Homem Paleolítico” são francamente tiradas da mais recente autoridade sobre este assunto, “Os Homens da Velha Idade da Pedra”, do Professor Henry Fairfield Osborn, e o escritor deseja aproveitar esta oportunidade para reconhecer seu grande endividamento para com esta fonte de informação, bem como para com o Sr. M. Taylor Pyne e o Sr. Charles Stewart Davison por sua ajuda e muitas sugestões úteis.

O autor também gostaria de reconhecer uma dívida de gratidão ao grande trabalho do Professor William Z. Ripley sobre “As Raças da Europa”, que contém uma vasta gama de dados antropológicos, mapas e retratos de tipo, fornecendo uma mina de informações nas quais o autor se baseou livremente, para a atual distribuição das três raças primárias da Europa.

A Sociedade Geográfica Americana e sua equipe, particularmente o Sr. Leon Dominian, também têm sido de grande ajuda na preparação dos mapas aqui contidos, e esta ocasião é aproveitada pelo escritor para expressar seu profundo agradecimento por sua ajuda.

PARTE I – RAÇA, LÍNGUA E NACIONALIDADE

CAPÍTULO 1 – RAÇA E DEMOCRACIA

O FRACASSO em reconhecer a clara distinção entre raça e nacionalidade e a distinção ainda maior entre raça e língua e a fácil suposição de que uma é indicativa da outra, tem sido no passado um sério impedimento para uma compreensão dos valores raciais. Historiadores e filólogos têm abordado o assunto do ponto de vista da linguística e, como resultado, temos sido sobrecarregados com um grupo de raças míticas, como o latino, o ariano, o indo-germânico, o caucasiano e, talvez, o mais inconsistente de todos, a raça céltica.

O homem é um animal que difere dos seus companheiros habitantes do globo terrestre, não em espécie, mas apenas em grau de desenvolvimento, e um estudo inteligente da espécie humana deve ser precedido de um amplo conhecimento de outros mamíferos, especialmente dos primatas. Em vez de tal treinamento essencial, os antropólogos muitas vezes procuram se qualificar através de pesquisas em linguística, religião ou costumes matrimoniais, ou em projetos de cerâmica ou tecelagem de cobertores, todos relacionados apenas à etnologia.

A questão da raça tem sido ainda mais complicada pelo esforço dos teólogos antiquados em comprimir toda a humanidade nos escassos seis mil anos da cronologia hebraica, como exposto pelo Arcebispo Ussher. Professores religiosos também têm defendido a proposição não apenas de que o homem é algo fundamentalmente distinto de outras criaturas vivas, mas que não há diferenças herdadas na humanidade que não possam ser obliteradas pela educação e pelo meio ambiente.

É, portanto, necessário, desde o início, que o leitor aprecie completamente que **raça, língua e nacionalidade são três coisas separadas e distintas**, e que na Europa estes três elementos só ocasionalmente são encontrados persistindo em combinação, como nas nações escandinavas.

Para perceber a natureza transitória das fronteiras políticas, basta considerar as mudanças do século passado, para não falar das que podem ocorrer no final da presente guerra. Quanto à língua, aqui na América ouvimos diariamente a língua inglesa falada por muitos homens que não possuem uma única gota de sangue inglês e que, alguns anos depois, não conheciam uma palavra do discurso saxão.

Em consequência de certas doutrinas religiosas e sociais, que agora, felizmente, se tornaram obsoletas, a consciência da raça tem sido grandemente prejudicada entre as nações civilizadas, mas, no começo, todas as diferenças de classe, de casta e de cor, linhas reais foram marcadas de clivagem racial.

Em muitos países, as classes existentes representam raças que antes eram distintas. Na cidade de Nova York e em outros lugares dos Estados Unidos, há uma aristocracia americana nativa repousando camada após camada de imigrantes de raças inferiores, e o americano nativo, embora, é claro, negando a distinção de uma classe aristocrata, no entanto, até o momento forneceu aos líderes do pensamento e do controle do capital, da educação e dos ideais religiosos e viés altruísta da comunidade.

Nas formas democráticas de governo, a operação do sufrágio universal tende à seleção do homem comum para o cargo público, em vez do homem qualificado por nascimento, educação e integridade. Resta ver como este esquema de administração acabará por funcionar, mas de um ponto de vista racial, ele irá inevitavelmente aumentar a preponderância dos tipos inferiores e causar uma correspondente perda de eficiência na comunidade como um todo.

A tendência em uma democracia é para uma padronização do tipo e uma diminuição da influência do gênio. A maioria deve ser necessariamente inferior a uma minoria escolhida, e sempre se ressentir de especializações nas quais não pode participar. Na Revolução Francesa, a maioria, chamando-se “o povo”, procurou deliberadamente destruir o tipo superior, e algo do mesmo tipo foi, em certa medida, feito depois da Revolução Americana pela expulsão dos Lealistas¹ e pelo confisco de suas terras.

Na América, quase conseguimos destruir o privilégio do nascimento, ou seja, a vantagem intelectual e moral que um homem de boa raça traz consigo ao mundo. Estamos agora empenhados em destruir o privilégio da riqueza, ou seja, a recompensa da inteligência e da indústria bem-sucedidas, e em alguns quadrantes há uma tendência para atacar o privilégio do intelecto e privar um homem das vantagens de uma educação precoce e completa. A ortografia simplificada é um passo nesta direção. A ignorância da gramática inglesa ou da aprendizagem clássica não deve ser apontada como uma censura ao aspirante político e social.

A humanidade emergiu da selvageria e da barbárie sob a liderança de indivíduos selecionados, cuja proeza pessoal, capacidade ou sabedoria lhes deu o direito de liderar e o poder de obrigar à obediência. Tais líderes sempre foram uma fração minúscula do todo, mas enquanto a tradição de sua predominância persistiu, eles foram capazes de usar a força bruta do rebanho impensante como parte de sua própria força, e foram capazes de dirigir à vontade o cego impulso dinâmico dos escravos, camponeses ou classes mais baixas. Esse déspota tinha a sua disposição um enorme poder que, se fosse benevolente ou mesmo inteligente, poderia ser usado, e mais frequentemente era usado, para a elevação geral da raça. Mesmo os governantes que mais abusaram desse poder derrubaram com rigor impiedoso os elementos antissociais, como piratas, bandidos ou anarquistas, que prejudicam o progresso de uma comunidade, pois doenças ou feridas paralisam um indivíduo.

Verdadeira aristocracia ou verdadeira república é o governo pelo mais sábio e melhor, e sempre uma pequena minoria em qualquer população. A sociedade humana é como uma serpente arrastando seu longo corpo no chão, mas com a cabeça sempre um pouco mais adiantada e um pouco elevada sobre a terra. A cauda da serpente, na sociedade humana representada pelas forças antissociais, foi no passado arrastada por pura força ao longo do caminho do progresso. Tal tem sido a organização da humanidade desde o início, e tal ainda está nas comunidades mais antigas que as nossas. O progresso que a humanidade pode fazer sob o controle do sufrágio universal, ou a regra da média, pode encontrar outra analogia nos hábitos de certas cobras que balançam lateralmente e desconsideram a cabeça com seus cérebros e

¹ Colonos norte-americanos que permaneceram leais a Coroa Britânica durante a Guerra Revolucionária Americana de 1776.

olhos. Tais serpentes, no entanto, não são conhecidas pela sua capacidade de progredir rapidamente.

Para usar outra analogia, em uma organização aristocrática enquanto distinguida de uma organização plutocrática ou democrática, as classes intelectuais e talentosas formam a ponta da lança, enquanto o eixo maciço representa o corpo da população que adiciona seu volume e peso ao impacto penetrativo da ponta. Num sistema democrático, esta força concentrada no topo está dispersa por toda a massa, fornecendo, sem dúvida, uma certa quantidade de fermento, mas, a longo prazo, a força e o gênio da pequena minoria são dissipados, se não totalmente perdidos. *Vox populi*, tão longe de ser *Vox Dei*, torna-se assim um lamento interminável por direitos, e nunca um cântico do dever.

Onde uma raça conquistadora é imposta a uma outra raça, a instituição da escravidão frequentemente surge para obrigar a raça serviçal a trabalhar, e para introduzi-la à força em uma forma mais elevada de civilização. Assim que os homens podem ser induzidos a trabalhar para suprir suas próprias necessidades, a escravidão se torna um desperdício e tende a desaparecer. Os escravos são muitas vezes mais afortunados do que os homens livres quando tratados com humanidade razoável, e quando suas necessidades elementares de alimento, vestuário e abrigo são supridas.

Os índios ao redor dos postes de pele no norte do Canadá eram anteriormente os escravos virtuais da Hudson Bay Company, cada índio e sua índia e seu *papoose*² sendo adequadamente supridos com simples alimentos e equipamentos. Ele também estava protegido contra o rum do homem branco e contra as festas de escalpelamento do homem vermelho e, em troca, deu à empresa todas as suas *peltries*³ – o produto total do seu trabalho de um ano. Do ponto de vista de um índio essa era quase uma condição ideal, mas era para todos em tendas servidão ou escravidão. Quando, através da abertura do país, a continuidade de tal sistema arcaico se tornou uma impossibilidade, o índio vendeu suas peles ao maior lance, recebeu um grande preço em dinheiro, e então desperdiçou seus lucros em bugigangas ao invés de cobertores, e em rum em vez de farinha, com o resultado de que ele está agora gloriosamente livre, mas está no caminho certo para se tornar um doente marginalizado. Neste caso do índio da Hudson Bay, as vantagens do passo ascendente da servidão para a liberdade não são totalmente claras. Uma condição muito semelhante de vassalagem existia até recentemente entre os peões do México, mas sem a compensação de uma classe dominante inteligente e previdente.

Do mesmo modo, a servidão na Europa medieval foi, aparentemente, um dispositivo através do qual os proprietários de terras superaram os instintos nômades de sua propriedade. São necessários anos para levar a terra à sua maior produtividade, e a agricultura não pode ser praticada com sucesso mesmo em distritos bem regados e férteis por agricultores que se deslocam continuamente de uma localidade para outra. O servo ou aldeão⁴ estava, portanto, ligado por lei à terra, e ele não podia sair, exceto com o consentimento de seu mestre. Assim que estes instintos nômades deixaram de existir, a servidão desapareceu. Basta ler as severas leis contra

² Criança nativa norte-americana de pais indígenas.

³ Peles comercializadas. Nome provém do francês antigo *peleterie*.

⁴ *Villein*.

a vagabundagem na Inglaterra, pouco antes da Reforma, para perceber o quão difundido e sério era este instinto nômade.

Aqui na América ainda não esquecemos os instintos errantes de nossos pioneiros ocidentais, que nesse caso provaram ser benéficos para todos, exceto para os migrantes.

CAPÍTULO 2 – A BASE FÍSICA DA RAÇA

NO ESTUDO MODERNO e científico da raça, há muito descartamos a teoria Adâmica de que o homem é descendente de um único par, criado há alguns milhares de anos em um Jardim mítico do Éden, em algum lugar da Ásia, para se espalhar mais tarde sobre a Terra em ondas sucessivas.

Muitas das raças da Europa, ambas as vivas e as extintas, vieram do Oriente através da Ásia Menor ou através do litoral africano, mas a maioria dos antepassados diretos das populações existentes habitou a Europa por muitos milhares de anos. Durante esse tempo, numerosas raças de homens passaram por este cenário. Alguns, sem dúvida, desapareceram por completo, e alguns deixaram o seu sangue para trás nos europeus de hoje.

É um fato, porém, que a Ásia foi a principal área de evolução e diferenciação do homem, e que os vários grupos tiveram o seu principal desenvolvimento lá, e não na península a que chamamos Europa.

Sabemos agora, desde a elaboração das Leis Mendelianas de Herança, que certos caracteres corporais, os chamados **caracteres unitários**, tais como a forma do crânio, a estatura, a cor dos olhos, a cor dos cabelos e a forma do nariz, são transmitidos de acordo com leis matemáticas fixas, e, ainda, que vários caracteres unitários que normalmente estão correlacionados, ou que se pertencem conjuntamente, podem, após prolongada mistura com outra raça, passar separadamente e formar o que é conhecido como combinações desarmônicas. Tais combinações desarmônicas são, por exemplo, um moreno alto, ou um loiro baixo; olhos azuis associados a cabelos morenos, ou olhos castanhos com cabelos loiros. Na ciência moderna, o significado da palavra “caractere” está agora limitado a traços físicos ao invés de mentais e espirituais, como no uso popular.

O processo de mistura de caracteres unitários tem ido longe nas populações existentes, e com a facilidade dos modernos meios de transporte este processo está indo muito mais longe na Europa e na América. Os resultados imediatos de tal mistura não são misturas ou tipos intermediários, mas sim mosaicos de caracteres contrastados. Essas misturas, se é que existem, como acabam por ocorrer, são demasiado remotas para nos preocupar aqui. O primeiro resultado do cruzamento de um puro moreno com um puro loiro é produzir loiros puros ou morenos puros em certas proporções conhecidas, em vez de descendência de um tipo intermediário; ou então um terceiro grupo que pode ser loiro ou moreno, mas que possui caracteres latentes do tipo contrastado. Tais caracteres latentes ou recessivos reaparecem frequentemente em descendentes remotos.

Ao definir a raça na Europa, é necessário não só considerar grupos ou tipos puros, mas também a distribuição de caracteres unitários pertencentes a cada subespécie particular do homem lá encontrada. O cruzamento destas populações progrediu de tal forma que, em muitos casos, é necessária uma análise dos caracteres físicos para reconstruir os elementos que entraram na sua composição étnica.

Às vezes encontramos um caractere unitário que aparece aqui e ali como o único remanescente de uma raça outrora numerosa, por exemplo, o aparecimento ocasional em populações europeias de um crânio do tipo Neandertal, uma raça

amplamente difundida na Europa há 40.000 anos, ou do tipo Cro-Magnon, a raça predominante 16.000 anos atrás. Antes que os restos fósseis das raças Neandertal e Cro-Magnon fossem estudados e compreendidos, tais espécimes reversíveis eram considerados patológicos, ao invés de serem reconhecidos como reaparições de um tipo antigo e submerso.

Os caracteres unitários são, para todos os efeitos, imutáveis e não mudam durante a vida de uma língua ou de um império. A forma do crânio do *fellaheen*⁵ egípcio, no ambiente imutável do Vale do Nilo, é absolutamente idêntica em medidas, proporções e capacidade com crânios encontrados nos túmulos pré-dinásticos de mais de seis mil anos.

Existe hoje em dia uma crença generalizada e fátua no poder do meio ambiente, bem como na educação e na oportunidade de alterar a hereditariedade, que surge do dogma da fraternidade dos homens, derivado por sua vez dos pensadores soltos da Revolução Francesa e de suas mímicas americanas. Essas crenças causaram muitos danos no passado e, se não forem contraditas, podem causar danos muito mais graves no futuro. Assim, a visão de que o escravo negro era um infeliz primo do homem branco, profundamente bronzeado pelo sol tropical, que negou as bênçãos do Cristianismo e da Civilização, desempenhou um papel não pequeno com os sentimentalistas da Guerra Civil, e levou cinquenta anos para compreender que falar inglês, vestir roupas boas, ir à escola e à igreja, não transforma um negro em um homem branco. Nem um liberto sírio ou egípcio foi transformado em romano, usando uma toga e aplaudindo seu gladiador favorito no anfiteatro. Teremos uma experiência semelhante com o judeu polonês, cuja estatura anã, mentalidade peculiar e concentração impiedosa no interesse próprio estão sendo enxertadas no estoque da nação.

Recentes tentativas têm sido feitas no interesse das raças inferiores entre nossos imigrantes para mostrar que a forma do crânio muda, não apenas em um século, mas em uma única geração.

Em 1910, o relatório do especialista em antropologia da Comissão de Imigração do Congresso, declarou gravemente que um judeu crânio-redondo, ao atravessar o Atlântico poderia ter um filho crânio-redondo, mas que alguns anos mais tarde, em resposta ao sutil elixir das instituições americanas, como exemplificado em um cortiço do East Side⁶, podia e tinha uma criança cujo crânio era consideravelmente mais comprido; e que um crânio-longo do sul da Itália, reproduzindo-se livremente, teria precisamente a mesma experiência no sentido inverso. Em outras palavras, o *melting pot*⁷ estava agindo instantaneamente sob a influência de um ambiente alterado.

O que o *melting pot* realmente faz na prática, pode ser visto no México, onde a absorção do sangue dos conquistadores espanhóis originais pela população nativa indígena produziu a mistura racial que chamamos mexicana, e que agora está empenhada em demonstrar sua incapacidade de autogoverno. O mundo tem visto muitas dessas misturas de raças, e o caráter de uma raça mestiça está apenas começando a ser compreendido em seu verdadeiro valor.

⁵ Agricultor, fazendeiro.

⁶ Distrito da Pensilvânia.

⁷ Caldeirão de mistura, metáfora que significa heterogeneidade racial descontrolada em uma sociedade.

Deve-se ter em mente que as especializações que caracterizam as raças mais elevadas têm um desenvolvimento relativamente recente, são altamente instáveis e, quando misturadas a caracteres generalizados ou primitivos, tendem a desaparecer. **Quer admitamo-lo quer não, o resultado da mistura de duas raças, a longo prazo, dá-nos uma raça que reverte para o tipo mais antigo, generalizado e inferior.** O cruzamento entre um homem branco e um índio é um índio; o cruzamento entre um homem branco e um negro é um negro; o cruzamento entre um homem branco e um hindu é um hindu; e o cruzamento entre qualquer uma das três raças europeias e um judeu é um judeu.

No cruzamento dos elementos loiros e morenos de uma população, os traços escuros mais profundamente enraizados e antigos são prepotentes ou dominantes. Esta é uma questão de observação diária, e o funcionamento desta lei da natureza não é influenciado ou afetado por instituições democráticas ou por crenças religiosas.

Medidos em termos de séculos, os caracteres unitários são imutáveis, e o único benefício a ser derivado de um ambiente alterado e de melhores condições alimentares é a oportunidade oferecida a uma raça que viveu em condições adversas, para alcançar o seu desenvolvimento máximo, mas os limites desse desenvolvimento são fixados para ela pela hereditariedade e não pelo ambiente.

No tratamento de populações europeias, o melhor método de determinação da raça consiste na comparação das proporções do crânio, o chamado **índice cefálico**. É a relação entre o comprimento máximo e a largura máxima medida na parte mais larga do crânio acima das orelhas. Os crânios com um índice de 75 ou menos, isto é, quando a largura é igual ou inferior a três quartos do comprimento, são considerados crânios **dolicocéfalos ou compridos**. Os crânios de um índice de 80 ou mais são crânios **braquicéfalos ou redondos**. Os índices intermediários, entre 75 e 80, são considerados **mesocéfalos**. Estes são os índices cranianos. Para permitir carne em espécimes vivos, cerca de dois por cento deve ser adicionado ao índice, e o resultado é o índice cefálico. Nas páginas seguintes são considerados apenas os crânios longos e redondos, e as formas intermédias, ou mesocéfalas, são atribuídas ao grupo dos dolicocéfalos.

Este índice cefálico, embora extremamente importante senão o caractere da unidade de controle, é, no entanto, apenas um único caractere e deve ser verificado junto a outros caracteres somatológicos. Normalmente, um crânio longo é associado a uma face longa, e um crânio redondo com uma face redonda.

A utilização deste teste, o índice cefálico, permite-nos dividir a grande maioria das populações europeias em três subespécies distintas do homem, uma a **norte** e uma a **sul**, ambas dolicocéfalas ou caracterizadas por um crânio longo, e uma subespécie **central** que é braquicéfala ou caracterizada por um crânio redondo.

A primeira é a subespécie **Nórdica** ou **Báltica**. Esta raça é crânio-longo, muito alta, de pele clara, com cabelos loiros ou castanhos e olhos de cor clara. Os Nórdicos habitam os países em torno dos mares do Norte e Báltico, e incluem não só os grandes grupos escandinavos e teutônicos, mas também outros povos primitivos que aparecem pela primeira vez no sul da Europa e na Ásia como representantes da língua e cultura arianas.

A segunda é a subespécie **Mediterrânica** ou **Ibérica** escura, que ocupa as costas do Mar Interior e se estende ao longo da costa atlântica até chegar às espécies Nórdicas. Também se espalha para leste e para o sul da Ásia. É crânio-longo como a raça Nórdica, mas o tamanho absoluto do crânio é menor. Os olhos e o cabelo são muito escuros ou pretos, e a pele mais ou menos morena. A estatura é atrofiada em comparação com a da raça Nórdica e de musculatura e estrutura óssea fraca.

A terceira é a subespécie **Alpina** que ocupa toda a Europa Central e Oriental, estendendo-se através da Ásia Menor até ao Indocuche⁸ e aos Pamir⁹. Os armenoides¹⁰ constituem uma subdivisão Alpina e representam o tipo ancestral dessa raça que permaneceu nas montanhas e nos altos planaltos da Anatólia e da Ásia ocidental. Os Alpinos são redondos, de altura média e construção robusta, tanto no esqueleto como nos músculos. A coloração do cabelo e dos olhos era originalmente muito escura e ainda tende fortemente nessa direção, mas muitos olhos de cores claras, especialmente acinzentados, são agora encontrados nas populações Alpinas da Europa Ocidental.

Enquanto os habitantes da Europa traem como um todo sua origem mista, no entanto, as três principais subespécies são encontradas em grandes números e em grande pureza, bem como restos esparsos de raças ainda mais antigas representadas por pequenos grupos ou por indivíduos, e até mesmo por caracteres unitários.

Estes três grupos principais têm caracteres corporais que os constituem como subespécies distintas do *Homo sapiens*. Cada um possui ampla variedade, mas, por uma questão de clareza, a palavra raça e não a palavra espécie ou subespécie será usada quase, mas não completamente, exclusivamente. Na zoologia, o termo espécie implica a existência de uma certa quantidade definida de divergência em relação ao tipo mais estreitamente relacionado, mas a raça não requer uma quantidade similar de diferença. No homem, onde todos os grupos são mais ou menos férteis quando cruzados, ocorrem tantos tipos intermediários ou mistos que a palavra espécie tem um significado muito limitado para uso amplo. As espécies relacionadas quando agrupadas em conjunto constituem gêneros e subgêneros.

A velha ideia de que a fertilidade ou infertilidade das raças de animais era a medida das espécies, está agora abandonada. Uma das maiores dificuldades na classificação do homem é a sua perversa predisposição para a miscigenação. Esta é uma questão de observação diária, especialmente entre as mulheres dos melhores provavelmente por causa da sua maior variedade de escolha.

O índice cefálico é de menor valor na classificação das populações asiáticas, mas a distribuição dos crânios redondos e longos é semelhante à da Europa. O vasto planalto central desse continente é habitado por crânios redondos. De fato, o Tibete e os Himalaias ocidentais eram provavelmente o centro de radiação de todos os crânios redondos do mundo. Na Índia e na Pérsia ao sul desta área central ocorre uma longa corrida craniana relacionada ao homem Mediterrâneo na Europa.

⁸ Cordilheira asiática no Afeganistão e Paquistão, também chamada Hindu Kush.

⁹ Cordilheira centro-asiática, formada da união de outras cordilheiras, dentre elas o Indocuche. Situa-se no Tadjiquistão, Quirguistão, Afeganistão e Paquistão.

¹⁰ Subtipo caucasiano antigo de homens morenos da região sul do Cáucaso e Mesopotâmia.

Ambos os tipos de crânio ocorrem, muito misturados, entre os índios americanos, e o índice cefálico é de pouco valor na classificação dos ameríndios. Ainda não foi encontrada uma explicação satisfatória para a variabilidade da forma do crânio desta espécie, mas a variação total dos caracteres físicos entre o norte do Canadá e o sul da Patagônia é inferior à variação entre a Normandia e a Provença, na França.

Na África, o índice cefálico é também de pequeno valor de classificação, pois todas as populações são caracterizadas por um crânio longo.

A distinção entre um crânio longo e um crânio redondo na humanidade provavelmente remonta pelo menos aos primeiros tempos do Paleolítico, se não a um período ainda mais remoto. É de tamanha antiguidade que quando novas espécies ou raças aparecem na Europa no final do Paleolítico, entre 10.000 e 7.000 a. C., os caracteres do crânio entre elas são tão claramente definidos como hoje em dia.

O fato de duas espécies distintas da humanidade terem ambos crânios longos, assim como o norte europeu e o negro africano, não é uma indicação necessária de relação, e nesse caso é apenas um caso de especialização paralela. No entanto, o fato de o sueco ter um crânio comprido e o saboiardo¹¹ um crânio redondo prova que são descendentes de subespécies distintas.

As afirmações de que a raça Nórdica é uma mera variação da raça Mediterrânea, e que esta, por sua vez, é derivada do negro etíope, assentam numa ideia errada de que uma dolicocefalia em comum deve significar identidade de origem, bem como na não consideração de muitos caracteres somatológicos de valor quase igual ao do índice cefálico. A este respeito, é bom observar que esta medição, sendo apenas uma proporção, pode produzir valores idênticos para os crânios que diferem em qualquer outra proporção e detalhe, bem como em dimensão e capacidade absolutas.

A **cor dos olhos** é de grande importância na determinação da raça, porque todos os olhos azuis, cinzentos ou verdes do mundo de hoje vieram originalmente da mesma fonte, ou seja, a raça Nórdica do norte da Europa. Este olho de cor clara não apareceu em nenhum outro lugar da Terra, e é uma especialização desta subespécie do homem apenas, e é, conseqüentemente, uma de extremo valor na classificação das raças europeias. Os olhos de cor escura são quase universais entre os mamíferos selvagens, e inteiramente assim entre os primatas, os parentes mais próximos do homem. É, portanto, uma certeza absoluta que todas as raças originais do homem tinham olhos escuros.

Uma subespécie de homem, e tão somente uma, especializou-se em olhos de cor clara. Esta mesma subespécie também desenvolveu **cabelo** claro ou loiro, um caractere muito menos profundamente enraizado do que a cor dos olhos, pois as crianças loiras tendem a ficar mais escuras com o avançar dos anos, e as populações em grande parte de extração Nórdica, como as da Lombardia, ao se misturarem com raças mais escuras, perdem seus cabelos loiros mais facilmente do que seus olhos de cores claras.

¹¹ Ou savoirdo, de Saboia, *Savoie*, França.

O cabelo loiro também vem de todas as espécies Nórdicas, e de nenhum outro lugar. Sempre que encontramos loiros entre as raças mais escuras da terra, podemos ter a certeza de que algum Nórdico errante passou por ali. Quando ocorrem indivíduos do tipo louro perfeito, como por vezes nas ilhas gregas, podemos suspeitar de uma recente visita de marinheiros de um navio que passa, mas quando apenas se mantêm caracteres isolados, dispersos por áreas consideráveis, como a loirice dos berberes do Atlas ou dos albaneses montanheses, temos de procurar no passado sombrio a origem destes traços desfocados dos primeiros invasores.

A gama de cores do cabelo louro em povos Nórdicos puros vai desde o linho¹² e vermelho até tons de castanho e marrom. Os tons mais escuros podem indicar cruzamento em alguns casos, mas cabelo absolutamente preto certamente significa um cruzamento ancestral com uma raça negra – na Inglaterra, com a raça Mediterrânea.

Nas populações Nórdicas, as mulheres têm, em geral, cabelos mais claros do que os homens, o que aponta para um passado louro e um futuro mais sombrio para essas populações. As **mulheres**, em todas as raças humanas, como as fêmeas entre todos os mamíferos, tendem a exibir os traços mais antigos, mais generalizados e primitivos do passado da raça. O macho em seu desenvolvimento individual indica a direção em que a raça está tendendo sob a influência da variação e seleção.

Interessante notar, em conexão com o físico mais primitivo da mulher, que, também na esfera espiritual, as mulheres retêm o conhecimento antigo e intuitivo de que a grande massa da humanidade não é livre e igual, mas sim ligada e desigual.

A **cor da pele** é um caractere de importância, mas é extremamente difícil de medir, já que o intervalo de variação na Europa entre peles de extrema brancura e aquelas que são extremamente morenas, é quase completo. Em geral, a raça Nórdica em sua pureza tem uma pele absolutamente clara, e é, conseqüentemente, o *Homo albus*, o homem branco por excelência.

Muitos membros da raça Nórdica aparentemente puros têm peles, assim como cabelos, mais ou menos escuros, de modo que o valor determinante deste caractere é incerto. Não há dúvida de que a qualidade da pele e a amplitude extrema de sua variação de cor, desde o preto, marrom, vermelho, amarelo a branco-marfim, são excelentes medidas das distinções específicas ou subgenéricas entre os maiores grupos da humanidade, mas ao se tratar de populações europeias, às vezes é difícil correlacionar tons de brancura com outros caracteres físicos.

Acontece frequentemente que um indivíduo com todos os caracteres Nórdicos em grande pureza, tem a pele de um tom oliva ou escuro, e com muito mais frequência encontramos um indivíduo com traços morenos absolutamente puros na posse de uma pele de brancura quase marfim e de grande clareza. Esta última combinação é muito frequente entre os morenos das Ilhas Britânicas. Que essas são, até certo ponto, combinações desarmônicas, podemos estar certos, mas para além disso, nosso conhecimento não conduz. Os donos, no entanto, de uma pele clara sempre foram, e ainda são, objetos de inveja aguçada por aqueles cujas peles são negras, amarelas ou vermelhas.

¹² Acinzentado.

A **estatura** é outro caractere unitário de maior valor do que a cor da pele, e talvez que a cor do cabelo, e é um dos de maior importância na classificação europeia porque nesse continente temos as variações mais extremas da altura humana.

Condições econômicas excessivamente adversas podem inibir uma raça de atingir a medida total do seu crescimento e, nesta medida, o ambiente desempenha o seu papel na determinação da estatura, mas fundamentalmente é a raça, e sempre a raça, que estabelece o limite. Os altos escoceses e os sardos anões devem os seus respectivos tamanhos à raça, e não à farinha de aveia ou ao azeite. É provável que o fato de a estatura dos Irlandeses ser, em média, inferior à dos escoceses se deva em parte às condições econômicas e em parte ao efeito depressor de uma população considerável de reservas baixas primitivas.

Montanheses de todo o mundo tendem a ser altos e vigorosos, um fato provavelmente devido à eliminação rígida de defeitos pelo ambiente desfavorável. Neste caso, a altitude funcionaria como latitude, e produziria as condições severas que parecem essenciais ao vigor humano. A baixa estatura dos lapões e dos esquimós pode ter sido atribuída originalmente às condições difíceis de um habitat ártico, mas, em todo o caso, há muito que se tornou um carácter racial.

No que diz respeito às principais espécies da Europa, a estatura é uma medida muito valiosa da raça.

Para recapitular quanto a este caractere, a raça Mediterrânea está em toda parte marcada por uma estatura relativamente baixa, por vezes muito deprimida, como no sul da Itália e na Sardenha, e também por uma estrutura óssea relativamente leve e um desenvolvimento muscular débil.

A raça Alpina é mais alta do que a Mediterrânea, embora mais baixa do que a Nórdica, e é caracterizada por uma composição encorpada e resistente.

A raça Nórdica é quase sempre distinguida pela sua grande estatura. Quase a estatura mais alta do mundo se encontra entre as populações nórdicas puras das fronteiras escocesa e inglesa, enquanto os nativos britânicos de sangue moreno pré-nórdico são, em sua maioria, relativamente baixos; e ninguém pode questionar o valor racial da estatura que observa nas ruas de Londres o contraste entre o cavalheiro Piccadilly da raça Nórdica e o *costermonger*¹³ Cockney¹⁴ do antigo tipo Neolítico.

Em muitos casos em que estas três raças europeias se misturaram, a estatura parece ser um dos primeiros caracteres Nórdicos a desaparecer, mas onde quer que na Europa encontremos uma grande estatura numa população que, de outro modo, não possuía características Nórdicas, podemos ter a certeza de uma travessia Nórdica, como no caso de uma grande parte dos habitantes da Borgonha, da Suíça, do Tirol e dos Alpes Dalmácios¹⁵ ao sul da Albânia.

¹³ Vendedor ambulante.

¹⁴ Piccadilly e Cockney referem-se a distritos londrinos que correspondem a classes sociais e dialetais distintas, formando mesmo comunidades de costumes peculiares.

¹⁵ Região da Croácia.

Estes quatro caracteres unitários, formato do crânio, cor dos olhos, cor do cabelo e estatura, são suficientes para nos permitir diferenciar claramente entre as três principais raças da Europa, mas se quisermos discutir as pequenas variações e misturas, teremos de ir muito mais longe e assumir outras proporções do crânio do que o índice cefálico, bem como a forma e posição dos olhos, e as proporções e forma dos maxilares e queixo.

O **nariz** também é um caractere extremamente importante. O nariz humano original era, é claro, largo e sem ponte. Esta característica é mostrada claramente nos recém-nascidos que recapitulam em seu desenvolvimento os vários estágios da evolução do gênero humano. Um nariz sem brida com narinas largas e flamejantes é um caractere muito primitivo, e ainda é retido por algumas das maiores divisões da humanidade em todo o mundo. Aparece ocasionalmente em populações brancas de origem europeia, mas é por toda parte um caractere muito antigo, generalizado e reduzido.

A ponte alta e o nariz comprido e estreito, o chamado nariz romano, normando ou aquilino, são característicos das raças mais especializadas da humanidade. Enquanto um caractere aparentemente sem importância, o nariz é um dos melhores ganchos para a origem racial, e nos detalhes de sua forma, e especialmente na forma lateral das narinas, é um determinante racial de maior valor.

Os **lábios**, sejam finos ou carnudos, sejam limpos ou revirados, são caracteres raciais. Lábios grossos, salientes e revirados são traços muito antigos e característicos das raças primitivas. Um peito do pé alto também tem sido considerado uma indicação de tipo patricio, enquanto que o pé chato é frequentemente um atestado de origem plebeia.

A ausência ou abundância de **pelos e barba** e a relativa ausência ou abundância de pelos corporais são caracteres de não pouco valor na classificação. Os pelos abundantes do corpo são, em grande parte, peculiares às populações das espécies mais altas e das mais baixas, sendo característicos do norte da Europa e também dos selvagens australianos. Significa apenas a retenção, em ambos os grupos, de um traço muito antigo e primitivo que foi perdido pelos negros, mongóis e ameríndios.

As raças Nórdica e Alpina estão muito mais bem equipadas com pelos da cabeça e do corpo do que a raça Mediterrânea, que é em toda a sua extensão uma raça glabra¹⁶ ou relativamente nua.

O chamado ramo de cabelos vermelhos da raça Nórdica tem caracteres especiais além dos cabelos ruivos, tais como uma gama esverdeada de olhos, uma pele de textura peculiar tendendo a uma grande clareza ou a sardas, e certos traços temperamentais peculiares. Esta era provavelmente uma variedade intimamente relacionada aos loiros, e aparece pela primeira vez na história em associação com eles.

Na **estrutura dos pelos da cabeça** de todas as raças da humanidade, encontramos uma progressão regular de uma curvatura extrema para uma retidão lisa,

¹⁶ Do latim *glaber*, "calvo".

e esta lisura ou ondulação depende da forma da seção transversal do próprio cabelo. Este corte transversal tem três formas distintas, correspondendo às divergências mais extremas entre as espécies humanas.

Embora as três principais raças europeias sejam o tema deste livro, e embora não seja a intenção do autor de se ocupar dos outros tipos humanos, é necessário, neste momento, afirmar que estas três subespécies europeias são subdivisões de um dos grupos ou subgêneros primários do gênero *Homo* que, no seu conjunto, devemos chamar ao caucasiano por falta de um nome melhor¹⁷.

A grande massa do resto da humanidade pode ser dividida em negros e negroides, e os mongóis e mongoloides.

A primeira aparentemente originou-se no sul da Ásia e entrou na África a partir do canto nordeste daquele continente. A África a sul do Saara é agora o principal lar desta raça, embora se encontrem vestígios de aborígenes negros em todo o sul da Ásia, da Índia às Filipinas, enquanto os melanésios negros muito distintos e os australoides se encontram mais a leste e a sul.

Um terceiro subgênero da humanidade inclui os mongóis crânio-redondos e seus derivados, os ameríndios, ou índios americanos. Este grupo é essencialmente asiático e ocupa o centro e a metade oriental desse continente. Uma descrição desses subgêneros negros e mongoloides e seus derivados, bem como de certas espécies aberrantes do homem, está fora do escopo deste trabalho.

A considerar esta medida, a seção transversal de cabelo em conexão com esses principais subgêneros, descobrimos que existe uma relação permanente e que cada uma das três principais divisões da humanidade está, na forma da seção transversal do seu cabelo, diferenciado dos demais.

A seção transversal do cabelo das raças negro e negroide é uma elipse plana com o resultado de que todos os membros deste subgênero têm cabelo crespo.

A seção transversal do cabelo dos mongóis e seus derivados, os ameríndios, é um círculo completo, e o cabelo deste subgênero é perfeitamente reto e liso.

A seção transversal do cabelo dos chamados caucasianos, incluindo as subespécies Mediterrânea, Alpina e Nórdica, é uma elipse oval e, conseqüentemente, é intermédia entre as seções transversais dos negroides e mongoloides. O cabelo desta estrutura é ondulado ou encaracolado, nunca crespo ou absolutamente liso, e é característico de todas as populações europeias, quase sem exceção.

Confinamos nossa discussão aos caracteres unitários mais importantes, mas existem muitas outras ajudas valiosas à classificação que se encontram nas proporções do corpo e no comprimento relativo dos membros. Por exemplo, é de conhecimento geral que existem entre as mulheres brancas dois tipos distintos neste último aspecto, um de pernas compridas e de corpo curto, e outro de corpo comprido e pernas curtas. Todos estes fatos têm um valor racial ainda não compreendido.

¹⁷ Ao longo do século XX o termo caucasiano foi substituído, em antropologia, por europeide.

Sem entrar em mais detalhes físicos, é provável que todas as proporções relativas no corpo, as características, o esqueleto e o crânio, que são fixos e constantes e se encontram fora do corpo de variação individual representam heranças fracas do passado. Cada ser humano une em si mesmo o sangue de milhares de antepassados, que remontam a milhares de anos, sobrepostos a uma herança pré-humana de antiguidade ainda maior, e o rosto e o corpo de cada homem vivo oferecem uma intrincada massa de hieróglifos que a ciência um dia aprenderá a ler e interpretar.

Usaremos os principais caracteres unitários acima mencionados como base da nossa definição de raça e, mais tarde, chamaremos a atenção para traços temperamentais e espirituais que pareçam estar associados a distintos tipos físicos.

Iremos apenas discutir as populações europeias e não nos debruçaremos sobre as regiões do globo onde as raças humanas são tais que outros caracteres físicos devam ser chamados a fornecer definições claras.

Um assunto fascinante se abriria se nos debruçássemos sobre o efeito de combinações raciais e desarmonias, como, por exemplo, onde as populações mistas Nórdicas e Alpinas da Lombardia mantêm a forma do crânio, cor dos cabelos e estatura da raça Alpina, com a cor clara dos olhos da raça Nórdica, ou onde as populações montanhesas ao longo da costa leste do Adriático, do Tirol à Albânia, têm a estatura da raça Nórdica e um crânio e coloração Alpina.

CAPÍTULO 3 - RAÇA E HABITAT

AS LEIS que regem a distribuição das várias raças do homem e a sua evolução por meio da seleção são substancialmente as mesmas que as que controlam a evolução e a distribuição dos mamíferos maiores.

O homem, porém, com sua mentalidade superior, libertou-se de muitos dos elementos que limitam a expansão dos animais. No seu caso, a seleção através da doença e da concorrência social e econômica substituiu a seleção através do ajustamento às limitações do abastecimento alimentar.

O homem é o mais cosmopolita dos animais, e de uma forma ou de outra prospera nos trópicos e no ártico, ao nível do mar e nos planaltos altos, no deserto e nas florestas fétidas do equador. No entanto, as várias raças da Europa com as quais lidamos neste livro têm, cada uma delas, um determinado habitat no qual cada uma atinge o seu maior desenvolvimento.

PRÉ-HISTÓRIA					
IDADE DA PEDRA			IDADE DOS METAIS		
Paleolítico ou Pedra Lascada	Mesolítico	Neolítico ou Pedra Polida	Cobre	Bronze	Ferro
2,5 mi a 10 mil a.C.	13 mil a 9 mil a.C.	5 mil a 3 mil a.C.	3,3 mil a 1,2 mil a.C.	3,3 mil a 700 a.C.	1,2 mil a.C. a 1 mil d.C.

Quadro 1: Períodos da Pré-história

Fonte: Tradutor, 2019.

O HABITAT NÓRDICO

Os Nórdicos aparecem no seu atual centro de distribuição, a bacia do Báltico, no final do Paleolítico, assim que os glaciares em retirada deixaram terras habitáveis. Esta raça estava provavelmente naquela época na posse de seus caracteres fundamentais, e sua extensão no grupo teutônico desde as planícies da Rússia até a Escandinávia não estava na natureza de uma mudança radical de ambiente. Em consequência, a raça é agora e sempre fora, e provavelmente sempre será, ajustada a certas condições ambientais, sendo a principal delas a proteção contra um sol tropical. Os raios actínicos¹⁸ do sol na mesma latitude são uniformes em força em todo o mundo, e a luz solar contínua afeta negativamente a delicada organização nervosa dos Nórdicos. Os nevoeiros e as longas noites de Inverno do Norte servem de proteção contra o excesso de sol e os seus raios demasiado diretos.

Pouco menos importante é a presença de uma grande quantidade de umidade, mas acima de tudo é necessária uma variedade constante de temperaturas. O contraste acentuado entre a temperatura noturna e diurna e entre o Verão e o Inverno é necessário para manter o vigor da raça loura a um nível elevado. O tempo uniforme, se continuar por muito tempo, diminui a sua energia. Extremos muito grandes, como no meio do Inverno ou no meio do Verão na Nova Inglaterra, são prejudiciais. Alternâncias limitadas mas constantes de calor e frio, de umidade e secura, de sol e

¹⁸ Irradiações luminosas que provocam ação química sobre um corpo ou objeto.

nuvens, de tempestades calmas e ciclônicas, oferecem o ambiente ideal para a raça Nórdica.

Os homens da raça Nórdica podem não desfrutar dos nevoeiros e das neves do Norte, das mudanças intermináveis de clima e das flutuações violentas do termômetro, e podem procurar as ensolaradas ilhas do Sul, mas sob as condições anteriores eles florescem, fazem o seu trabalho e criam as suas famílias. No Sul, ficam apáticos e deixam de se reproduzir.

Nas classes mais baixas, a crescente proporção de brancos pobres e *crackers*¹⁹ são sintomas de falta de ajuste climático. Os brancos na Geórgia, nas Bahamas e sobretudo em Barbados²⁰ são excelentes exemplos dos efeitos deletérios da residência fora do habitat da raça Nórdica.

Os brancos pobres das montanhas Cumberland no Kentucky e no Tennessee apresentam um problema mais difícil, porque aqui a altitude, ainda que pequena, deve modificar os efeitos da latitude, e o clima destas montanhas não pode ser particularmente desfavorável aos homens de raça Nórdica. Há provavelmente outras forças hereditárias a trabalhar aqui até agora pouco compreendidas.

Sem dúvida que as más condições alimentares e econômicas, a consanguinidade prolongada e a perda através da emigração dos melhores elementos desempenharam um papel importante na degeneração destes pobres brancos. Representam, em grande parte, os filhos de servos trazidos pelos ricos plantadores nos primeiros tempos coloniais. Seus nomes indicam que, muitos deles são descendentes de antigos fronteirizos ao longo da fronteira escocesa e inglesa, e a persistência com que as rixas familiares são mantidas certamente aponta para tal origem. O tipo físico é tipicamente Nórdico, na sua maioria puro saxão ou anglo, e toda a população montanhosa apresenta características físicas, morais e mentais algo aberrantes, mas muito pronunciadas, que recompensariam a investigação científica. O problema é demasiado complexo para ser resolvido por referência ao ancilóstomo²¹, ao analfabetismo ou à competição com negros.

Este tipo desempenhou um papel muito importante na colonização do Médio Oeste, através do Kentucky, Tennessee e Missouri. Dali eles passaram tanto pelo rio Missouri quanto pela trilha de Santa Fé, e contribuíram um pouco mais do que sua parte nos ladrões de cavalos, ladrões de trens, e homens maus do Oeste.

A Escócia e as Bahamas são habitadas por homens da mesma raça, mas o vigor dos ingleses nas Bahamas desapareceu e a beleza das suas mulheres desvaneceu-se. O fato de não estarem em competição com uma raça autóctone melhor adaptada às condições climáticas permitiu-lhes sobreviver, mas o tipo não poderia ter persistido, mesmo nos últimos duzentos anos, se tivessem sido obrigados a competir em pé de igualdade com uma população nativa e aclimatada.

¹⁹ Epíteto racial para brancos de área rural no sul estadunidense, comumente empregado de modo pejorativo.

²⁰ Ilha mais oriental do Caribe.

²¹ Verme parasitário associado a condições econômicas de miséria que se fixa no intestino delgado de mamíferos, causador de Ancilostomose, uma infecção intestinal.

Outro elemento que adentra a degeneração racial em muitas outras ilhas e, quanto a isto, em muitas aldeias da Nova Inglaterra, é a perda através da emigração dos indivíduos mais vigorosos e energéticos, deixando para trás os menos eficientes para continuar a raça em casa.

Nos países subtropicais, quando a energia dos Nórdicos está em baixa, parece que a herança racial da força física e do vigor mental foi suprimida e recessiva ao invés de destruída. Muitos indivíduos que nasceram em ambientes climáticos desfavoráveis, mas que voltam ao habitat original de sua raça no Norte, recuperam sua cota total de energia e vigor. Nova York e outras cidades do norte têm muitos sulistas que são tão eficientes quanto os nortistas puros.

Esta raça loira pode existir fora do seu ambiente nativo como aristocratas proprietários de terras, que não são obrigados a fazer trabalho manual nos campos sob um sol ardente. Como tal aristocracia, continua a existir sob os céus italianos, mas como um trabalhador do campo, o homem de sangue Nórdico não podia competir com seu rival Alpino ou Mediterrâneo. Não se deve supor que os exércitos teutônicos que, durante mil anos após a queda de Roma, desceram dos Alpes como os glaciares para derreter no sol do sul, eram compostos apenas por cavaleiros e gentis-homens que se tornaram a nobreza da Itália. O homem nas fileiras também tomou a sua terra e trabalho na Itália, mas ele teve que competir diretamente com o nativo sob condições climáticas que eram desfavoráveis à sua raça. Nesta competição, o gigante Nórdico de olhos azuis morreu e o nativo sobreviveu. Seu oficial, entretanto, vivia no castelo e dirigia o trabalho de seus escravos sem outra preocupação que não fosse a perseguição e a guerra, e por muito tempo ele manteve seu vigor.

A mesma coisa aconteceu no nosso Sul antes da Guerra Civil. Lá, os homens brancos não trabalhavam nos campos ou na fábrica. O trabalho pesado sob o sol escaldante foi realizado por escravos negros, e o plantador foi poupado da exposição a um ambiente desfavorável. Sob estas condições, ele foi capaz de manter muito do seu vigor. Quando a escravidão foi abolida, e o homem branco teve que arar seus próprios campos ou trabalhar na fábrica, a deterioração começou.

A mudança no tipo de homens que agora são enviados pelos Estados do Sul para representá-los no Governo Federal em relação aos seus antecessores na era *antebellum*²² deve-se em parte a estas causas, mas em maior grau deve-se ao fato de uma grande parte das melhores estirpes raciais no sul terem sido mortas durante a Guerra Civil. Além disso, a guerra destruiu as tradições aristocráticas que anteriormente garantiam a seleção dos melhores homens como governantes. Os novos ideais democráticos com o sufrágio universal em livre funcionamento entre os brancos resultam na escolha de representantes que carecem da distinção e capacidade dos líderes do Velho Sul.

Uma raça pode ser ajustada completamente a um determinado país em um estágio de seu desenvolvimento e estar em uma desvantagem quando uma mudança econômica ocorre, tal como foi experimentada na Inglaterra há um século, quando a nação mudou de uma comunidade agrícola para uma comunidade industrial. O tipo de

²² Expressão latina que significa "antes da guerra". Período histórico estadunidense que vai do fim do século XVIII até 1861, início da Guerra Civil e se refere ao crescimento econômico do sul e a gradual polarização entre abolicionistas e escravagistas, norte e sul, respectivamente.

homem que floresce nos campos não é o tipo de homem que prospera na fábrica, assim como o tipo de homem necessário para a tripulação de um navio a vela não é o tipo útil como foguista de um navio a vapor moderno.

O HABITAT DOS ALPINOS E DOS MEDITERRÂNEOS

O ambiente da raça Alpina parece ter sido sempre o país montanhoso da Europa Central e Oriental, bem como da Ásia Ocidental. Esse tipo nunca floresceu nos desertos da Arábia ou do Saara, nem conseguiu manter as suas colônias no norte da Europa no domínio dos crânios-longos Nórdicos. É, no entanto, um estoque robusto e persistente e, embora grande parte dele não seja excessivamente refinado ou cultivado, possui, sem dúvida, grandes potencialidades de desenvolvimento futuro.

Os Alpinos no oeste da Europa, especialmente na Suíça e nos distritos imediatamente circundantes, têm sido tão profundamente nordicizados e tão saturados com a cultura das nações vizinhas, que estão em nítido contraste com os atrasados Alpinos de línguas eslavas nos Balcãs e no leste da Europa.

A raça Mediterrânea, por outro lado, é claramente um tipo sulista com afinidades orientais. É um tipo que não floresceu no norte da Europa sob antigas condições agrícolas, nem é adequado para os distritos agrícolas e fronteiras da América e do Canadá. É ajustado aos países subtropicais e tropicais melhor do que qualquer outro tipo europeu, e florescerá em nossos Estados do Sul e ao redor das costas do Principal Espanhol²³. Na França, é sabido que os membros da raça Mediterrânea estão melhor adaptados à colonização na Argélia do que os Alpinos ou Nórdicos franceses. Essa subespécie do homem é notoriamente intolerante ao frio extremo, devido à sua sensibilidade a doenças dos pulmões, e diminui com as explosões do inverno do Norte no qual os Nórdicos se deleitam.

O elemento moreno Mediterrâneo no nativo americano parece estar a aumentar às custas do elemento louro Nórdico, geralmente em todos os Estados do Sul, e provavelmente também nas grandes cidades. Este tipo de homem, no entanto, é escasso nas nossas fronteiras. No Noroeste, e no Alasca nos dias da corrida do ouro, era um tema de comentários nos campos de mineração se um homem aparecesse com olhos escuros, tão universais eram os olhos azuis e cinzentos entre os pioneiros americanos.

²³ *Spanish Main* refere-se à porção sul da América do Norte, toda a Central e a porção norte do Sul designando a colonização espanhola desta vasta região.

CAPÍTULO 4 – A COMPETIÇÃO DE RAÇAS

ONDE DUAS RAÇAS ocupam um país lado a lado, não é correto falar de um tipo em transformação para um outro. Mesmo se presentes em números iguais, um dos dois tipos contrastados terá uma pequena vantagem ou capacidade que o outro carece para um ajuste perfeito ao ambiente. Aqueles que possuem essas variações favoráveis florescerão às custas de seus rivais, e seus filhos serão não apenas mais numerosos, como também tenderão a herdar essas variações. Dessa maneira, um tipo gradualmente gera o outro. Nesse sentido, e somente nesse sentido, as raças mudam.

O homem passa continuamente pela seleção através do ambiente social. Entre os americanos nativos do período colonial, uma família numerosa era um trunfo, e a pressão social e a vantagem econômica aconselharam o casamento precoce e vários filhos. Duzentos anos de contínua expansão política e prosperidade material mudaram essas condições e as crianças, em vez de serem um trunfo para cultivar os campos e proteger o gado, tornaram-se um passivo caro. Agora eles precisam de apoio, educação e doação de seus pais, e uma família numerosa é vista por alguns como uma séria desvantagem na luta social.

Essas condições não ocorrem inicialmente entre os imigrantes, e as famílias numerosas da população recém-chegada ainda são a regra, exatamente como na América colonial, e hoje são no Canadá francês, onde ainda prevalecem as condições rústicas e florestais.

O resultado é que uma classe ou tipo em uma população se expande mais rapidamente do que outra e, em última análise, a substitui. Este processo de substituição de um tipo por outro não significa que a raça mude ou se transforme em outra. É uma substituição pura e simples e não uma transformação.

A redução da taxa de natalidade entre as classes mais valiosas, enquanto a taxa de natalidade das classes mais baixas permanece inalterada, é um fenômeno frequente de prosperidade. Tal mudança torna-se extremamente prejudicial para a raça se não for controlada, a menos que a natureza seja autorizada a manter por seus próprios dispositivos cruéis os números relativos das diferentes classes em suas devidas proporções. Atacar o **suicídio racial** encorajando a geração indiscriminada não só é inútil, como também perigoso se conduzir a um aumento dos elementos indesejáveis. O que é necessário na comunidade acima de tudo, é um aumento nas classes desejáveis, que são de tipo superior física, intelectual e moralmente, e não apenas um aumento no número absoluto da população.

O valor e a eficiência de uma população não são numerados pelo que os jornais chamam de *almas*, mas pela proporção de homens de vigor físico e intelectual. A pequena população colonial da América era, homem a homem, muito superior à média dos habitantes atuais, embora estes últimos sejam vinte e cinco vezes mais numerosos. O ideal de eugenia para o qual o estadismo deve ser dirigido é, obviamente, **a melhoria da qualidade e não da quantidade**. Isto, no entanto, é na atualidade um conselho de perfeição, e devemos enfrentar as condições tal como elas são.

A pequena taxa de natalidade nas classes altas é, até certo ponto, compensada pelos cuidados recebidos pelas crianças que nascem e pela maior probabilidade de se tornarem adultas e se reproduzirem. A elevada taxa de natalidade das classes mais baixas é, em condições normais, compensada por uma elevada mortalidade infantil, o que elimina as crianças mais fracas.

Onde o altruísmo, a filantropia ou o sentimentalismo intervêm com o propósito mais nobre, e proíbem a natureza de penalizar as vítimas infelizes da reprodução imprudente, a multiplicação de tipos inferiores é encorajada e fomentada. Os esforços para preservar indiscriminadamente os bebês entre as classes mais baixas muitas vezes resultam em sérios danos à raça.

A consideração errônea das leis divinas e a crença sentimental na santidade da vida humana, tendem a impedir tanto a eliminação de crianças defeituosas como a esterilização de adultos que não têm valor para a comunidade. As leis da natureza exigem a obliteração dos inaptos, e a vida humana só é valiosa quando é útil à comunidade ou à raça.

É altamente injusto que uma minoria minúscula seja chamada a fornecer cérebros para a massa impensante da comunidade, mas é ainda pior onerar os elementos responsáveis e maiores, mas ainda sobrecarregados, com um número cada vez maior de pervertidos morais, deficientes mentais e aleijados hereditários.

A igreja assume uma séria responsabilidade para com o futuro da raça, sempre que ela pisa e preserva uma estirpe defeituosa. O casamento dos surdos-mudos foi saudado há uma geração como um triunfo da humanidade. Agora é reconhecido como um crime absoluto contra a raça. Um grande prejuízo é feito à comunidade pela perpetuação de tipos inúteis. Essas estirpes tendem a ser mansas e humildes, e como tal, fazem um forte apelo às simpatias dos bem-sucedidos. Antes que a eugenia fosse compreendida, muito poderia ser dito de um ponto de vista cristão e humano em favor da caridade indiscriminada em benefício do indivíduo. As sociedades de caridade, de altruísmo ou de extensão de direitos deveriam ter, no entanto, hoje em dia, na sua gestão, um mínimo de cérebros; caso contrário, poderão continuar a fazer, como por vezes fizeram no passado, mais danos à raça do que a peste negra ou a varíola.

Enquanto tais organizações caritativas se limitarem ao alívio do sofrimento individual, não importa quão criminosos ou doentes possam ser, nenhum dano será causado, exceto à nossa própria geração, e se a sociedade moderna reconhecer um dever para com os mais humildes malfeitores ou imbecis, esse dever pode ser plenamente cumprido, desde que sejam privados da capacidade de procriar a sua estirpe defeituosa.

Aqueles que lerem estas páginas sentirão que há pouca esperança para a humanidade, mas o remédio foi encontrado, e pode ser aplicado de forma rápida e misericordiosa. Um sistema rígido de seleção através da eliminação daqueles que são fracos ou inaptos – ou seja, fracassos sociais – resolveria toda a questão em cem anos, além de permitir livrar-nos dos indesejáveis que lotam nossas prisões, hospitais e manicômios. O próprio indivíduo pode ser alimentado, educado e protegido pela comunidade durante sua vida, mas o Estado, através da esterilização, deve fazer com que sua linhagem pare com ele, ou então as gerações futuras serão amaldiçoadas com uma carga cada vez maior de vítimas do sentimentalismo equivocado. Esta é

uma solução prática, misericordiosa e inevitável de todo o problema, e pode ser aplicada a um círculo cada vez maior de descartes sociais, começando sempre pelos criminosos, doentes e loucos, e estendendo-se gradualmente a tipos que podem ser chamados de debilitados ao invés de defeituosos, e talvez, em última análise, a tipos raciais sem valor.

Os esforços para aumentar a taxa de natalidade das classes produtoras de gênios da comunidade, embora mais desejáveis, encontram grandes dificuldades. Em tais esforços, encontramos condições sociais sobre as quais ainda não temos qualquer controle. Foi tentado há dois mil anos por Augusto, e seus esforços para evitar o suicídio racial e a extinção da antiga raça romana foram singularmente proféticos sobre o que alguns homens de ampla visão estão tentando, a fim de preservar a raça dos americanos nativos de descendência colonial.

O homem tem escolha entre dois métodos para melhoramento da raça. Ele pode procriar do melhor, ou pode eliminar o pior pela segregação ou esterilização. O primeiro método foi adotado pelos espartanos, que tinham como ideais nacionais a eficiência militar e as virtudes do autocontrole, e segundo estas linhas os resultados foram completamente bem-sucedidos. Em condições sociais modernas, seria extremamente difícil, em primeira instância, determinar quais seriam os tipos mais desejáveis, exceto da maneira mais geral, e mesmo que uma seleção satisfatória fosse finalmente feita, seria, em uma democracia, uma impossibilidade virtual de limitar por lei o direito de procriar a uns poucos privilegiados e escolhidos.

As experiências de limitar a criação às classes indesejáveis foram feitas inconscientemente na Europa medieval sob a orientação da igreja. Depois da queda de Roma, as condições sociais foram tais que todos aqueles que amavam uma vida estudiosa e tranquila foram obrigados a refugiar-se da violência dos tempos nas instituições monásticas, e sobre estes a igreja impôs a obrigação do celibato, e assim privou o mundo de descendentes dessas classes desejáveis.

Na Idade Média, através da perseguição que resultou em morte real, prisão perpétua e banimento, o pensamento livre, progressivo, e os elementos intelectuais foram persistentemente eliminados em grandes áreas, deixando a perpetuação da raça a ser exercida pelo brutal, pelo servil e pelo estúpido. Agora é impossível dizer até que ponto a Igreja Romana através desses métodos prejudicou a capacidade cerebral da Europa, mas só na Espanha, por um período de mais de três séculos, do ano 1471 ao 1781, a Inquisição condenou à estaca ou à prisão uma média de 1000 pessoas por ano. Durante estes três séculos, nada menos que 32.000 pessoas foram queimadas vivas, e 291.000 foram condenadas a vários termos de prisão e outras penas, e 7.000 pessoas foram queimadas em efígie, representando homens que tinham morrido na prisão ou tinham fugido do país.

Não se poderia conceber um método melhor para eliminar as estirpes produtoras de gênios de uma nação e, se fosse esse o seu objetivo, o resultado era eminentemente satisfatório, como o demonstra o espanhol supersticioso e ininteligente de hoje em dia. Uma eliminação semelhante de cérebros e capacidades ocorreu no norte de Itália e da França, e nos Países Baixos, onde centenas de milhares de huguenotes foram assassinados ou levados ao exílio.

Nas condições existentes, o método mais prático e esperançoso de melhoramento racial é através da eliminação dos elementos menos desejáveis na nação, privando-os do poder de contribuir para as gerações futuras. É bem conhecido entre os criadores de gado que a cor de um rebanho pode ser modificada pela eliminação contínua de tons inúteis, e isso é verdade para outros caracteres. As ovelhas negras, por exemplo, têm sido praticamente destruídas ao cortar geração após geração todos os animais que apresentam essa fase de coloração, até que, em rebanhos cuidadosamente mantidos, um indivíduo negro aparece apenas como um raro gracejo.

Na humanidade, não seria uma questão de grande dificuldade assegurar um consenso da opinião pública quanto ao menos desejáveis, digamos, dez por cento da comunidade. Quando este resíduo humano desempregado e inempregável tiver sido eliminado, juntamente com a grande massa de crime, pobreza, alcoolismo e fraqueza de espírito associada a ele, seria fácil considerar a conveniência de restringir ainda mais a perpetuação dos tipos menos valiosos remanescentes. Por esse método, a humanidade poderia finalmente tornar-se suficientemente inteligente para escolher deliberadamente as estirpes mais vitais e intelectuais para continuar a raça.

Além da seleção pelo ambiente climático, o homem está agora, e esteve por muito tempo, em processo de seleção pela doença. Foi dizimado ao longo dos séculos por pestilências como a morte negra e a peste bubônica. Nos dias dos nossos pais, a febre amarela e a varíola amaldiçoavam a humanidade. Essas pragas estão agora sob controle, mas doenças semelhantes, agora consideradas como meros incômodos à infância, como o sarampo, a caxumba e a escarlatina, são flagelos terríveis para as populações nativas sem experiência prévia com elas. Adicione a estas a varíola e outras doenças de homens brancos, e ter-se-ão os grandes construtores de impérios de ontem. Não foram as espadas nas mãos de Colombo e seus seguidores que dizimaram os índios americanos, foram os germes que seus homens e seus sucessores trouxeram, implantando as doenças do homem branco no mundo do homem vermelho. Muito antes da chegada dos puritanos à Nova Inglaterra, a varíola tremeluzia para cima e para baixo pela costa até os nativos não serem mais do que um remanescente quebrado de seus números anteriores.

Atualmente, a raça Nórdica está passando por uma seleção pelo alcoolismo, um vício particularmente Nórdico, e pelo consumo²⁴, e ambos estes flagelos temíveis, infelizmente, atacam os membros da raça que, de outro modo, seriam mais desejáveis, diferindo a este respeito de doenças sujas como o tifo, a febre tifoide ou a varíola. Basta procurar entre as classes mais desejáveis que as vítimas do rum e de tubérculo para perceber que a morte ou a deficiência mental e física por essas duas causas custaram à raça muitos de seus mais brilhantes e atraentes membros.

²⁴ De alimentos.

CAPÍTULO 5 – RAÇA, LÍNGUA E NACIONALIDADE

A NACIONALIDADE é um agrupamento político artificial da população, geralmente centrado em torno de uma única língua como expressão de tradições e aspirações. A nacionalidade pode, contudo, existir independentemente da língua, mas os Estados assim formados, como a Bélgica ou a Áustria, são muito menos estáveis do que aqueles onde prevalece uma língua uniforme, como, por exemplo, a França ou a Inglaterra.

Estados sem uma única língua nacional estão constantemente expostos à desintegração, especialmente quando uma minoria substancial dos habitantes fala uma língua que é predominante num Estado adjacente, com, conseqüentemente, uma tendência a gravitar em direção a esse Estado.

A história do século passado na Europa tem sido o registro de uma longa série de lutas para unir em uma unidade política todos aqueles que falam os mesmos, ou intimamente próximos, dialetos. Com exceção das revoluções internas e sociais, todas as guerras europeias desde o período napoleônico foram causadas pelo esforço de promover a unificação da Itália ou da Alemanha, ou pelas tentativas desesperadas dos Estados dos Balcãs de sair do caos turco e entrar nas nações europeias modernas com base na comunidade linguística. A unificação da Itália e da Alemanha está ainda incompleta, de acordo com as opiniões dos seus patriotas mais avançados, e a solução da questão dos Balcãs está ainda no futuro.

Os homens estão perfeitamente conscientes da sua nacionalidade e são muito sensíveis à sua língua, mas apenas em alguns casos, nomeadamente na Suécia e na Alemanha, é que uma grande parte da população possui algo análogo à verdadeira consciência racial, embora o termo “raça” esteja em toda parte mal utilizado para designar grupos políticos ou linguísticos.

Às vezes acontece que uma parte da população de uma grande nação se reúne em torno da língua, reforçada pela religião, como expressão da individualidade. A luta entre os valões Alpinos francófonos²⁵ e os flamengos Nórdicos²⁶ de idioma baixo-holandês na Bélgica é um exemplo de duas línguas concorrentes numa nação artificial que se formou originalmente em torno da religião. Por outro lado, o movimento nacional irlandês centra-se principalmente na religião, reforçada por mitos de grandeza antiga. Os canadenses franceses e os polacos utilizam tanto a religião como a língua para manter unidas aquilo que consideram uma unidade política. Nenhuma destas chamadas nacionalidades se baseia na raça.

Durante o século passado, juntamente com a tendência para formar grupos imperiais ou grandes grupos nacionais, como os movimentos pangermânico, pan-eslavo, panromeno, ou o irredentismo italiano, surgiu um contra-movimento por parte de pequenas “nacionalidades” em desintegração para se reafirmarem, tais como os avivamentos nacionais da Boêmia, Bulgária, Sérvia, Irlanda e do Egito. A agitação é geralmente causada, como nos casos dos irlandeses e dos sérvios, por delírios de grandeza anterior que agora se tornam obsessões nacionais, mas às vezes significa

²⁵ *Walloons*, grupo étnico nativo da porção sul belga na região da Valônia.

²⁶ *Flemish*, grupo étnico germânico da Bélgica da região do Flandres.

a resistência de um pequeno grupo de cultura superior à absorção por uma civilização inferior.

Exemplos de um tipo alto ameaçado por uma cultura mais baixa são dados pelos finlandeses, que estão tentando escapar do destino terrível de seus vizinhos no Golfo da Finlândia – a russificação dos alemães e suecos das províncias do Báltico – e pela luta dos dinamarqueses de Schleswig²⁷ para escapar da germanização. Também os armênios têm resistido firmemente à pressão do Islã para forçá-los a abandonar sua antiga fé cristã. Este povo realmente representa o último posto avançado da Europa em direção ao Oriente maometano e constitui o melhor meio remanescente através do qual os ideais e a cultura ocidentais podem ser introduzidos na Ásia.

Nesses, como em outros casos, o processo de absorção, do ponto de vista do mundo em geral é bom ou mau, exatamente na proporção do valor relativo da cultura e raça dos dois grupos. O mundo não seria mais rico em civilização com uma Boêmia independente ou uma Romênia alargada, mas, pelo contrário, uma nação húngara independente ou uma Grécia ampliada aumentariam muito as forças que contribuem para um bom governo e progresso. Uma Irlanda independente elaborada com base num modelo Tammany²⁸ não é uma perspectiva agradável. Uma Polônia livre, para além do seu valor como Estado amortecedor, seria, na verdade, um passo atrás. A Polônia já foi grande há tempos, mas os elementos que a fizeram assim estão mortos e desaparecidos, e hoje em dia a Polônia é uma expressão geográfica e nada mais.

A predominante falta de verdadeira consciência racial deve-se provavelmente ao fato de que todas as nações importantes da Europa, tal como atualmente estão organizadas, com a única exceção dos estados ibéricos e escandinavos, possuírem em grandes proporções representantes de pelo menos duas das subespécies fundamentais europeias de homem e de toda forma de cruzamentos entre elas. Na França de hoje, como na Gália de César, as três raças dividem a nação em proporções quase iguais.

No futuro, porém, com um maior conhecimento da definição correta de espécies e tipos humanos verdadeiros, e com o reconhecimento da imutabilidade dos caracteres raciais fundamentais e dos resultados da reprodução mista, muito mais valor será atribuído às afinidades raciais em contraste com as afinidades nacionais ou linguísticas. Nas relações conjugais, a ciência da raça também desempenhará um papel muito maior do que o atual, embora na esfera social tenhamos que lutar com uma certa atração estranha por tipos contrastados. Quando se compreender profundamente que os filhos de casamentos mistos entre raças contrastadas pertencem ao tipo inferior, a importância de transmitir com pureza perfeita a herança sanguínea das eras será apreciada em seu pleno valor, e **trazer mestiços ao mundo será considerado como um crime social e racial de primeira magnitude**. As leis contra a miscigenação devem ser grandemente estendidas se as raças mais elevadas devem ser mantidas.

²⁷ É uma cidade alemã do estado de Schleswig-Holstein na península da Jutlândia, isto é, faz divisa política com a Finlândia.

²⁸ *Tammany Hall*, Ordem ou Sociedade de caráter político fundado em Nova York em 1786 para controlar a política da cidade com um viés democrata através de patrocínios, gerando um grande esquema de corrupção a partir do aliciamento de imigrantes, proletários e burocratas. Atuaram até 1960, perdendo forças a partir de 1930 com a contra-atuação de Roosevelt.

A linguagem que um homem fala pode não ser nada mais do que a evidência de que em algum momento no passado sua raça esteve em contato, seja como conquistador ou como conquistado, com os possuidores originais de tal linguagem. Basta considerar a difusão da língua de Roma sobre a vasta extensão do seu império, para perceber como poucos daqueles que hoje falam línguas românicas derivam qualquer parte do seu sangue do puro sangue latino, e o erro de falar de uma “raça latina” torna-se evidente.

Existe, no entanto, um grande grupo de nações que têm uma compreensão e simpatia mútuas, baseadas na posse de um grupo de línguas comum ou estreitamente relacionado e em cuja cultura este é o meio de comunicação. Este grupo pode ser chamado de “nações latinas”, mas nunca de “raça latina”.

“América Latina” é um nome ainda mais inadequado já que a grande massa das populações da América do Sul e Central não é sequer europeia, e muito menos “latina”, sendo esmagadoramente de sangue ameríndio.

No grupo teutônico uma grande maioria dos que falam línguas teutônicas, como os ingleses, flamengos, holandeses, alemães do norte e escandinavos, são descendentes da raça Nórdica, e a classe dominante na Europa é, em toda parte, desse sangue.

Quanto à chamada “raça celta”, a fantástica inaplicabilidade do termo é imediatamente aparente quando consideramos que essas populações nas fronteiras do Oceano Atlântico, que hoje falam dialetos celtas, estão divididas em três grupos, cada um mostrando com grande pureza os caracteres de uma das três subespécies humanas inteiramente distintas encontradas na Europa. Classificar juntos o camponês bretão com seu crânio Alpino redondo; o crânio pequeno e longo do moreno galês da raça Mediterrânea, e o alto, loiro e de olhos claros escocês *Highlander*²⁹ de pura raça Nórdica, num único grupo rotulado por “celta”, é obviamente impossível. Esses povos não têm nem características físicas, mentais nem culturais em comum. Se um for de sangue “celta”, os outros dois claramente não o são.

Houve um povo que foi o usuário original da língua celta, e ele formou a vanguarda ocidental da raça Nórdica, que se espalhou por toda a Europa central e ocidental, antes da irrupção das tribos teutônicas. Os descendentes desses “celtas” devem ser procurados hoje entre aqueles que têm os caracteres da raça Nórdica e não em outro lugar.

Na Inglaterra, o pequeno e escuro galês Mediterrâneo fala sobre ser celta bastante inconsciente de que ele é o resíduo de raças pré-Nórdicas de imensa antiguidade. Se os celtas são de raça Mediterrânea, então estão ausentes da Europa central, e devemos considerar como “celtas” todos os berberes e egípcios, bem como muitos persas e hindus.

Na França, alguns entusiastas consideram o bretão de sangue Alpino sob a mesma luz, e ignoram sua origem asiática. Se estes bretões Alpinos são “celtas”,

²⁹ Literalmente o habitante das Terras Altas ao norte, contrastam com as Baixas ao sul, dividindo assim a Escócia em duas.

então não há nas Ilhas Britânicas nenhum vestígio substancial do seu sangue, pois os crânios redondos estão praticamente ausentes lá, e todos os elementos loiros na Inglaterra, Escócia e Irlanda devem ser atribuídos às históricas invasões teutônicas. Além disso, devemos chamar a todos os Alpinos continentais de “celtas”, e devemos também incluir todos os eslavos, armênios e outros braquicéfalos da Ásia Ocidental nessa designação, que seria obviamente grotesca. O fato de os celtas originais terem deixado para trás o seu discurso nas línguas dos Mediterrâneos no País de Gales, e nos Alpinos da Bretanha³⁰, não nos deve induzir em erro, pois indica apenas que o discurso celta precede os teutões na Inglaterra e os romanos na França. Devemos descartar de uma vez por todas o nome “celta” para qualquer raça existente, seja qual for, e falar apenas de língua e cultura “celtas”.

Na Irlanda, os grandes e loiros danes³¹ Nórdicos reclamam a honra do nome de “celta”, se honra for, mas os irlandeses são tão nórdicos quanto os ingleses, sendo a grande massa deles de sangue dinamarquês, nórdico e anglo-normando, além de elementos anteriores e pré-teutônicos. Estamos todos familiarizados com o tipo de irlandês loiro e moreno. Estes representam precisamente os mesmos elementos raciais que os que entram na composição dos ingleses, a saber, o alto loiro Nórdico e o pequeno moreno Mediterrânico. Conseqüentemente, os irlandeses não têm direito a uma existência nacional independente com base na raça, mas se existe algum fundamento para uma separação política da Inglaterra, esta deve assentar, tal como a da Bélgica, na religião, uma base para combinações políticas agora felizmente obsoletas em comunidades bem avançadas em termos de cultura.

No caso da chamada “raça eslava”, há muito mais unidade entre tipo racial e linguagem. É verdade que, na maioria dos países de língua eslava, a raça predominante é claramente Alpina, exceto talvez na Rússia, onde existe um substrato muito grande de tipo Nórdico, o chamado elemento fínico, que pode ser considerado como Protonórdico. A objeção que é feita à identificação da raça eslava com o tipo Alpino assenta principalmente no fato de uma grande parte da raça alpina ser de língua alemã na Alemanha, de língua italiana na Itália e de língua francesa na França central. Além disso, grandes porções da Romênia têm exatamente a mesma compleição racial.

Muitos dos gregos também são Alpinos; na verdade, são pouco mais que eslavos bizantinizados. Foi através do Império Bizantino que os eslavos entraram em contato com o mundo Mediterrâneo, e através deste meio grego, os russos, os sérvios, os romenos e os búlgaros receberam sua Cristandade.

Situados nas marchas orientais da Europa, os eslavos foram submersos durante longos períodos na Idade Média por hordas mongóis, e foram controlados no desenvolvimento e deformados em cultura. Restam vestígios definitivos do sangue dos mongóis, tanto em grupos isolados como compactos no sul da Rússia, e espalhados por todo o país até à fronteira ocidental da Alemanha. A maré alta da invasão mongol ocorreu durante o século XIII. Trezentos anos depois, começou a grande expansão moscovita, primeiro sobre as estepes até os Urais e, então, sobre

³⁰ Bretanha é uma região peninsular no extremo noroeste da França, famosa por conservar muitos monumentos megalíticos antigos.

³¹ Os *Danes* foram uma tribo germânica Nórdica que se fixou no sul escandinavo, e não tão somente um corpo étnico, vindo a originar os dinamarqueses e o Reino da Dinamarca.

as tundras e florestas siberianas até as águas do Pacífico, absorvendo, no seu curso, muito sangue mongol, especialmente durante os estágios iniciais do seu avanço.

O termo “raça caucasiana” deixou de ter qualquer significado, exceto onde é usado, nos Estados Unidos, para contrastar populações brancas com negros ou índios, ou, no Velho Mundo, com mongóis. É, no entanto, um termo conveniente para incluir as três subespécies europeias quando consideradas como divisões de um dos ramos ou subgêneros primários da humanidade. Na melhor das hipóteses, é uma designação pesada e arcaica. O nome “caucasiano” surgiu há um século de uma falsa suposição de que o berço dos europeus loiros estava no Cáucaso, onde agora não se encontram vestígios de tal raça, exceto uma pequena e decrescente minoria de traços loiros entre os ossetas³², uma tribo cuja fala ariana está relacionado com o dos armênios, e que, embora principalmente braquicéfala, ainda retém alguns elementos loiros e dolicocefalos que aparentemente estão desaparecendo com rapidez. Os ossetas têm agora cerca de trinta por cento de olhos claros e dez por cento de cabelo claro. Eles devem ser, até certo ponto, um remanescente dos alanos, uma tribo teutônica intimamente relacionada aos godos. Tanto os alanos como os godos, no início de nossa era, ocuparam o sul da Rússia e foram os últimos Nórdicos conhecidos nas proximidades das montanhas do Cáucaso. Se estes ossetas não forem parcialmente de origem alana, eles podem representar o último traço persistente do início da loirice dolicocefala cita.

A frase “raça indo-europeia” também é de pouca utilidade. Se tem algum significado, deve incluir todas as três raças europeias, bem como os membros da raça Mediterrânea na Pérsia e na Índia. A utilização deste nome implica também uma falsa suposição de relação sanguínea entre as principais populações europeias e os hindus, devido à sua posse comum de fala ariana.

O nome “raça ariana” também deve ser francamente descartado como um termo de significado racial. Hoje é puramente linguístico, embora tenha existido em algum momento, é claro, uma identidade entre a língua materna ariana original e a raça que primeiro a falou e desenvolveu. Em suma, não há agora, e nunca houve nem uma raça caucasiana nem uma raça indo-europeia, mas houve uma vez, há milhares de anos, uma raça ariana que há muito desapareceu nas memórias sombrias do passado. Se usado em um sentido racial diferente do acima, deve ser limitado aos invasores Nórdicos do Hindustão³³, há muito extintos. O grande lapso de tempo desde o desaparecimento da antiga raça ariana como tal, é medido pela extrema desintegração dos vários grupos de línguas arianas. Estas divergências linguísticas devem-se principalmente à imposição pela conquista da fala ariana sobre várias subespécies não relacionadas do homem em toda a Ásia ocidental e Europa.

³² Grupo étnico iraniano da Ossétia, na região do Cáucaso.

³³ Nome histórico antigo para a região geográfica do sul asiático, também chamado Industão ou na forma moderna subcontinente indiano, onde hoje estão Índia, Paquistão, Bangladesh, Nepal e Butão. Culturalmente podem ser incluídas as ilhas de Sri Lanka e Maldivas.

CAPÍTULO 6 – RAÇA E LÍNGUA

QUANDO UM PAÍS é invadido e conquistado por uma raça que fala uma língua estrangeira, uma de várias coisas pode acontecer: a substituição da população e da língua, como no caso do leste da Inglaterra quando conquistado pelos saxões; ou a adoção da língua dos vencedores pelos nativos, como aconteceu na Gália romana, onde os invasores impuseram sua língua latina por toda a terra, sem alterar substancialmente a raça.

Na Inglaterra e na Escócia, os conquistadores posteriores, dinamarqueses e normandos, não conseguiram mudar o discurso saxão do país, e na Gália a língua alemã dos francos, borgonheses e nortenhos não conseguiu substituir a língua de Roma.

Habitantes autóctones frequentemente impõem aos invasores a sua própria língua e costumes. Na Normandia, os piratas nórdicos conquistadores aceitaram a língua, a religião e os costumes dos nativos e, num século, desapareceram da história como pagãos escandinavos e aparecem como os principais representantes do discurso e da religião de Roma.

No Hindustão, os invasores loiros nórdicos forçaram a língua ariana aos aborígenes, mas seu sangue foi rápida e totalmente absorvido pelas estirpes mais escuras dos proprietários originais da terra. Um registro dos esforços desesperados das classes altas conquistadoras na Índia para preservar a pureza de seu sangue persiste até hoje em seu sistema cuidadosamente regulado de castas. Nos nossos Estados do Sul, os carros de Jim Crow³⁴ e as discriminações sociais têm exatamente o mesmo objetivo e justificativa.

O hindu de hoje fala uma forma muito antiga de língua ariana, mas não resta um vestígio reconhecível do sangue dos conquistadores brancos que chegaram através das passagens do noroeste. O orgulho do indiano moderno de ser da mesma raça do seu governante inglês, é totalmente sem base fatural; e o pequeno nativo escuro vive entre os monumentos de uma grandeza falecida, professando a religião e falando a língua dos seus conquistadores Nórdicos há muito esquecidos, sem a menor pretensão de parentesco de sangue. Os traços escuros e incertos do sangue Nórdico no norte da Índia servem apenas para enfatizar a completa inundação do homem branco no sul ardente.

O poder de resistência racial de uma população densa e completamente aclimatada a um exército que se aproxima é muito grande. Nenhuma conquista étnica pode ser completa, a menos que os nativos sejam exterminados e os invasores tragam suas próprias mulheres com eles. Se os conquistadores são obrigados a depender das mulheres dos vencidos para continuar a raça, a estirpe sanguínea intrusa em pouco tempo se dilui para além do reconhecimento.

Acontece por vezes que se verifica uma infiltração de população, seja sob o disfarce de escravos relutantes, seja o de imigrantes dispostos, enchendo lugares

³⁴ Refere-se aos vagões de trem separados cujo critério racial fundamentou-se nas Leis de Jim Crow que vigoraram no Sul dos Estados Unidos promulgadas pelos democratas, do fim do século XIX, isto é, após a Guerra de Secessão, até 1965.

abandonados e assumindo tarefas humildes que os senhores da terra desprezam, ocupando gradualmente o país e literalmente substituindo os seus antigos senhores.

A antiga catástrofe aconteceu nos dias decadentes de Roma, e os italianos do sul de hoje são, em grande parte, descendentes de escravos indefinidos de todas as raças, principalmente das costas sul e leste do Mediterrâneo, que foram importados pelos romanos sob o Império para trabalhar nas suas vastas propriedades. Este último está ocorrendo hoje em dia em muitas partes da América, especialmente na Nova Inglaterra.

A metade oriental da Alemanha tem um substrato Alpino eslavo que agora representa os descendentes dos vendos, que no século VI tinham se infiltrado a oeste até o Elba, ocupando as terras deixadas vagas pelas tribos teutônicas que haviam migrado para o sul. Estes vendos, por sua vez, foram teutonizados por uma onda de retorno de conquista militar a partir do século X em diante, e hoje em dia seus descendentes são considerados alemães de boa posição. Tendo adotado o alemão como sua única língua, eles estão agora em simpatia religiosa, política e cultural com os puros teutônicos; na verdade, eles estão completamente inconscientes de qualquer distinção racial.

Este fato histórico está subjacente à feroz controvérsia que foi levantada sobre a origem étnica dos prussianos, e a questão é se as populações de Brandemburgo, Silésia, Posen e outros distritos da Alemanha Oriental são vendos Alpinos ou verdadeiros alemães Nórdicos. A verdade é que a metade dominante da população é puramente teutônica e a metade inferior da população é de meros vendos teutonizados e poloneses de afinidades Alpinas. É claro que esses territórios também devem reter parte de sua população teutônica inicial, e o sangue dos godos, burgúndios, vândalos e lombardos, que estavam no início de nossa era lá localizada, bem como o elemento saxão posterior, devem entrar em grande parte na composição do prussiano de hoje.

As comunidades mais importantes da Europa continental de tipo puramente alemão encontram-se na antiga Saxônia, o país em torno de Hanôver, e este elemento prevalece geralmente na parte noroeste do Império Alemão, entre a população de baixa língua holandesa, enquanto a população de alta língua alemã é composta em grande parte por Alpinos teutonizados.

Todos os Estados envolvidos na atual Guerra mundial enviaram para o fronte o seu elemento Nórdicos de combate, e a perda de vidas que agora se verifica na Europa irá recair muito mais sobre o gigante louro do que sobre o pequeno moreno.

Como em todas as guerras desde a época romana, do ponto de vista da reprodução, o pequeno homem escuro é o vencedor final. Ninguém que viu um dos nossos regimentos marchar a caminho da Guerra Espanhola não pôde deixar de ficar impressionado com o tamanho e o alvor dos homens nas fileiras, em contraste com o cidadão complacente, que de sua posição segura no meio-fio da sarjeta, deu seus aplausos ao lutador, e então ficou em casa para perpetuar seu próprio tipo moreno.

Esse mesmo elemento Nórdico, em toda parte o tipo do marinheiro, do soldado, aventureiro e do pioneiro, foi sempre o tipo que migra para novos países, até que a facilidade de transporte e o desejo de escapar do serviço militar nos últimos quarenta

anos reverteu a maré imigrante. Em consequência desta mudança, os nossos imigrantes representam agora, em grande medida, modestos refugiados de “perseguição” e outros descartes sociais.

Na maioria dos casos, o sangue dos pioneiros foi perdido para a sua raça. Eles não levaram suas mulheres com eles. Ou morreram sem filhos ou deixaram mestiços para trás. O sangue viril dos conquistadores espanhóis, que agora são pouco mais que uma memória na América Central e Sul, morreu dessas causas.

Isto também foi verdade nos primeiros dias de nossos homens de fronteira ocidentais, que individualmente eram de um tipo muito mais refinado do que os colonos que os seguiram.

CAPÍTULO 7 – AS RAÇAS EUROPEIAS NAS COLÔNIAS

POR RAZÕES já expostas, existem poucas comunidades fora da Europa com sangue puro europeu. O destino racial do México e das ilhas e costas do Principal Espanhol é claro. O homem branco está sendo rapidamente substituído por negros nas ilhas e por índios no continente. É evidente que as Índias Ocidentais, a região costeira dos nossos Estados do Golfo, e talvez o cinturão negro do baixo vale do Mississippi, têm de ser abandonadas aos negros. Essa transformação já está completa no Haiti, e está avançando rapidamente em Cuba e na Jamaica. O México e a parte norte da América do Sul também devem ser entregues aos índios nativos com um verniz cada vez mais fino de cultura branca de tipo “latino”.

Na Venezuela, os brancos puros representam cerca de um por cento de toda a população, sendo o equilíbrio entre índios e vários cruzamentos entre índios, negros e brancos. Na Jamaica, o número de brancos não é superior a dois por cento, enquanto os restantes são negros ou mulatos. No México, a proporção é maior, mas os brancos não misturados não representam mais de vinte por cento do total, sendo os demais índios puros ou mistos. Estes últimos são os “greasers”³⁵ dos americanos das fronteiras.

Sempre que o incentivo para imitar a raça dominante é removido, o negro, ou neste caso, o indiano, logo reverte para seu grau de cultura ancestral. Em outras palavras, é o indivíduo e não a raça que é afetada pela religião, educação e exemplo. Os negros demonstraram ao longo do tempo que são uma espécie estacionária e que não possuem a potencialidade de progresso ou iniciativa inatos. O progresso por autoimpulso não deve ser confundido com a mímica ou com o progresso imposto de fora pela pressão social ou pelo chicote dos escravos.

Onde duas espécies distintas estão localizadas lado a lado, a história e a biologia ensinam que apenas uma de duas coisas pode acontecer; ou uma raça expulsa a outra, como os americanos que exterminaram os índios, ou como os negros estão agora substituindo os brancos em várias partes do Sul; ou então eles se amalgamam e formam uma população de bastardos de raça na qual o tipo inferior acaba preponderando. Esta é uma alternativa desagradável que faz frente aos sentimentalistas, mas a natureza só se preocupa com os resultados e não oferece nem aceita desculpas. O principal fracasso atual de alguns de nossos filantropos bem-intencionados é sua recusa absoluta em enfrentar fatos inevitáveis, se esses fatos parecem cruéis.

Na Argentina e no sul do Brasil o sangue branco das várias raças europeias está escoando tão rapidamente que uma comunidade preponderantemente branca, mas do tipo Mediterrâneo, pode crescer, mas as oportunidades limitadas como as que o escritor teve para observar os tipos argentinos o levam a questionar a probabilidade de tal resultado mesmo ali.

³⁵ Nome depreciativo usado no século XIX para trabalhadores pobres de ascendência mexicana ou italiana. O termo, que significa “engraxate” ou “lubrificador”, faz referência à pele bronzeada. Mais tarde ligou-se aos mecânicos e nos anos 60 tornou-se uma subcultura associada a música *Rock and Roll*.

Na Ásia, com a única exceção dos assentamentos russos na Sibéria, não pode haver e não haverá conquista étnica, e todos os homens brancos na Índia, nas Índias Orientais, nas Filipinas e na China não deixarão nenhum vestígio para atrás no sangue da população nativa. Após vários séculos de contato e colonização, os espanhóis puros nas Filipinas são cerca de metade de um por cento. Os holandeses nas suas ilhas da Índia Oriental são ainda menos; enquanto os brancos residentes no Hindustão representam cerca de um décimo de um por cento. Tais números são infinitesimais e de nenhuma força em uma democracia, mas em uma monarquia, se mantidos livres de contaminação, eles são suficientes para uma casta dominante ou uma aristocracia militar.

A Austrália e a Nova Zelândia, onde os nativos foram exterminados pelos brancos, estão a desenvolver-se em comunidades de puro sangue Nórdico e, por essa razão, irão desempenhar um grande papel na história futura do Pacífico. A amarga oposição dos australianos e californianos à admissão de *coolies*³⁶ chineses e agricultores japoneses deve-se principalmente a uma determinação cega, mas absolutamente justificada, de manter essas terras como países de homens brancos.

Na África, ao sul do Saara, a densidade da população nativa impedirá o estabelecimento de quaisquer comunidades puramente brancas, exceto na extremidade sul do continente e possivelmente em porções dos planaltos da África Oriental. A paralisação de fomes e guerras e a abolição do tráfico de escravos, embora ditadas pelos mais nobres impulsos da humanidade, são suicidas para o homem branco. Após a remoção desses controles naturais, os negros multiplicam-se tão rapidamente que não haverá lugar no continente para os homens brancos, a menos que, por acaso, a letal doença do sono³⁷, muito mais fatal para os negros do que para os brancos, siga o seu curso sem controle.

Na África do Sul, uma comunidade de linhagem holandesa e inglesa está se desenvolvendo. Aqui a única diferença é a linguagem. O inglês, sendo uma língua mundial, prevalecerá inevitavelmente sobre o *patois*³⁸ holandês chamado "Taal"³⁹. Na verdade, este dialeto frísio⁴⁰ é mais próximo do saxão antigo, ou melhor, do *kentish*⁴¹ que qualquer língua continental viva, e o sangue do holandês do norte é extremamente próximo do sangue do anglo-saxão de Inglaterra. Os ingleses e os holandeses fundir-se-ão num tipo comum, exatamente como fizeram há duzentos anos na colônia de Nova York. Têm de se manter unidos se querem manter qualquer parte da África como um país de homens brancos, porque são confrontados com a ameaça de uma grande população negra bantu que irá expulsar os brancos, a menos que o problema seja enfrentado com bravura.

A única solução possível é estabelecer grandes colônias para os negros e deixá-los sair apenas como trabalhadores, e não como colonos. Em última análise,

³⁶ Termo que designa trabalhadores braçais de origem asiática até início do século XX, atualmente considerado pejorativo.

³⁷ Tripanossomiase africana, infecção causada por protozoários transmitidos pela picada da mosca tsé-tsé. É uma doença comum em Uganda.

³⁸ Termo que significa uma língua ou dialeto não-convencional, minoritário, marginal, colóquio regional.

³⁹ Idioma do sul africano semelhante ao holandês e o flamengo ou neerlandês.

⁴⁰ Línguas frísias ou frisãs são faladas nos Países Baixos e em regiões alemãs e são próximas do inglês, faladas desde meados do século XI. Atualmente faladas na Leuvarde, cidade dos Países Baixos.

⁴¹ Dialeto do sul britânico do inglês antigo falado no reino de Kent.

deve haver uma África do Sul negra e uma África do Sul branca lado a lado, ou então uma África negra pura, desde o Cabo até às cataratas do Nilo.

No norte do Canadá, como nos Estados Unidos até ao tempo da nossa Guerra Civil, a população branca era puramente Nórdica. O Domínio⁴² é, naturalmente, prejudicado pela presença de uma massa indigesta de franco-canadenses, em grande parte da Bretanha e de origem Alpina, embora o *patois* habitante seja um normando arcaico da época de Luís XIV. A estes franceses foi concedida liberdade de língua e religião pelos seus conquistadores, e estão agora usando estes privilégios para formar grupos separatistas antagônicos à população inglesa. Os franceses do Quebec conseguirão impedir seriamente o progresso do Canadá e terão ainda mais êxito em manter-se como uma comunidade pobre e ignorante de pouco mais importância para o mundo em geral do que os negros do sul. O egoísmo dos franceses de Quebec é medido pelo fato de que, na atual guerra, eles não lutarão pelo Império Britânico, nem pela França, nem mesmo pela Bélgica clerical, e agora estão se esforçando para fazer uso da crise militar para garantir uma maior extensão para seus “ideais nacionalistas”.

Pessoalmente, o escritor acredita que o melhor e mais puro tipo de comunidade Nórdica fora da Europa se desenvolverá no noroeste do Canadá. A maioria dos outros países em que a raça Nórdica está agora se estabelecendo situa-se fora do ambiente especial em que somente ela pode florescer.

Os negros dos Estados Unidos, enquanto estacionários, não foram um sério empecilho para a civilização até que, no século passado, receberam os direitos de cidadania e foram introduzidos ao corpo político. Esses negros não trouxeram consigo linguagem ou religião ou costumes próprios que persistiram, mas adotaram todos esses elementos do ambiente da raça dominante, tomando os nomes de seus senhores, assim como hoje os judeus alemães e poloneses estão assumindo nomes americanos. Eles vieram em sua maior parte das costas da Baía de Benim, mas alguns dos últimos vieram da costa sudeste da África, pelo caminho de Zanzibar. Eram de várias tribos negras, mas têm estado desde o início saturadas de sangue branco.

Olhando para qualquer grupo de negros na América, é fácil ver, embora todos eles sejam essencialmente negros, sejam negros como carvão, marrons ou amarelos, que a grande maioria deles tem quantidades variáveis de sangue Nórdico, o que modificou sua estrutura física sem transformá-los de forma alguma em homens brancos. Essa miscigenação foi, é claro, uma terrível desgraça para a raça dominante, mas seu efeito sobre os Nórdicos foi insignificante, pela simples razão de que estava confinado a homens brancos cruzando com mulheres negras, e não ao processo inverso, que teria, evidentemente, resultado na infusão de sangue negro em estoque americano.

Os Estados Unidos da América devem ser considerados racialmente como uma colônia europeia e, devido à atual ignorância das bases físicas da raça, ouve-se frequentemente a afirmação de que os americanos nativos de ascendência colonial são de origem étnica mista. Isso não é verdade. Na época da Guerra Revolucionária, os colonos das treze colônias não eram apenas puramente Nórdicos, mas também puramente teutônicos, sendo a grande maioria anglo-saxônica na acepção mais

⁴² *Dominion of Canada* é um nome antigo, por vezes tido por oficial, do país, raramente utilizado, a partir de 1867.

limitada do termo. Os colonos da Nova Inglaterra, em particular, vieram daqueles condados da Inglaterra onde o sangue era quase puramente saxão, anglo e dane⁴³.

A Nova Inglaterra, durante os tempos coloniais e muito depois, era muito mais teutônica do que a velha Inglaterra, ou seja, continha uma percentagem menor de pequenos morenos pré-Nórdicos. Qualquer pessoa familiarizada com o nativo da Nova Inglaterra conhece o rosto limpo, a alta estatura e a prevalência de olhos cinzentos e azuis e cabelos castanhos claros, e reconhece que o elemento moreno é menos perceptível aí do que no Sul.

Os Estados do Sul foram povoados também por ingleses do mais puro tipo Nórdico, mas hoje em dia, exceto entre as montanhas, existe uma quantidade consideravelmente maior de tipos morenos que ao Norte. A Virgínia está na mesma latitude do Norte de África, e ao sul desta linha, nenhum louro conseguiu sobreviver em pleno vigor, principalmente porque os raios actínicos do sol são os mesmos, independentemente de outras condições climáticas. Esses raios batem fortemente na raça Nórdica e perturbam seu sistema nervoso, onde quer que o homem branco se aventure longe demais do frio e nebuloso Norte.

Os elementos coloniais remanescentes, os holandeses da Holanda⁴⁴, os alemães palatinos, que vieram em pequeno número para Nova York e Pensilvânia, eram também puramente teutônicos, enquanto os huguenotes franceses que fugiram para a América foram atraídos muito mais pelos elementos Nórdicos do que pelos Alpinos ou Mediterrâneos da França. Os escoceses-irlandeses, que eram numerosos na fronteira das colônias médias, eram, é claro, de puro sangue escocês e inglês, embora tivessem residido na Irlanda duas ou três gerações. Eles estavam livres da mistura com os irlandeses anteriores, de quem foram cortados socialmente por amargo antagonismo religioso, e não devem ser considerados "irlandeses" em nenhum sentido.

Não houve imigração importante de outros elementos até meados do século XIX quando os imigrantes católicos e alemães irlandeses aparecem pela primeira vez em cena.

O sangue Nórdico foi mantido puro nas colônias, porque naquela época entre os povos protestantes havia um forte sentimento racial, como resultado do qual os mestiços entre o homem branco e qualquer tipo nativo eram considerados como nativos e não como homens brancos.

Havia muita mistura com os negros, como testemunha abundantemente a cor clara da maioria dos negros, mas esses mulatos, *quadroons* ou *octoroons*⁴⁵ eram então e são agora considerados universalmente como negros.

⁴³ Predecessores dos dinamarqueses. Vide nota 31.

⁴⁴ Refere-se estritamente aos holandeses da Holanda do norte e do sul, não aos neerlandeses em geral.

⁴⁵ Termos do francês que indicam 1/4 e 1/8 de ascendência africana, respectivamente.

Também havia cruzamentos abundantes ao longo das fronteiras entre o homem branco das fronteiras e a indígena *squaw*⁴⁶, mas o mestiço era considerado em toda parte como um membro da raça inferior.

Nas colônias católicas, entretanto, da Nova França e da Nova Espanha, se o mestiço fosse um bom católico, ele era considerado um francês ou um espanhol, conforme o caso. Este fato por si só dá margem a muitas de nossas guerras coloniais, onde os índios, à exceção dos iroqueses⁴⁷, foram persuadidos a unir-se aos franceses contra os americanos por mestiços que se consideraram franceses. A Igreja de Roma usou sua influência para acabar com as distinções raciais. Ela ignora as origens e requer apenas obediência aos mandatos da igreja universal. Nisso reside o segredo da oposição de Roma a todos os movimentos nacionais. É o imperial em contraste com o ideal nacionalista, e neste aspecto a herança vem direto do Império.

A consciência racial nas colônias e nos Estados Unidos, até a Guerra do México, parece ter sido muito fortemente desenvolvida entre os nativos americanos, e ainda hoje permanece em pleno vigor no Sul, onde a presença de uma grande população negra impõe esta questão sobre a atenção diária dos brancos.

Na Nova Inglaterra, porém, seja através do declínio do calvinismo ou do crescimento do altruísmo, surgiu no início do século passado uma onda de sentimentalismo, que naquela época assumiu a causa do negro e, ao fazê-lo, aparentemente destruiu, em grande medida, o orgulho e a consciência da raça no Norte. A agitação sobre a escravidão foi inimiga da raça Nórdica, porque afastou toda a oposição nacional à intrusão de hordas de imigrantes de valor racial inferior, e impediu a fixação de um tipo americano definido, tal como claramente estava aparecendo no meio do século.

A Guerra Civil foi travada quase inteiramente por nativos americanos sem mistura. Os imigrantes alemães e irlandeses estavam, naquela época, confinados a alguns Estados, e eram principalmente meros peões e sem importância social. Não desempenharam qualquer papel no desenvolvimento ou nas políticas da nação, embora na guerra tenham contribuído com um certo número de soldados para com os exércitos do Norte. Esses elementos irlandeses e alemães eram de raça Nórdica e, embora não fortalecessem a nação nem moral nem intelectualmente, não prejudicaram o seu físico.

Pouco ou nenhum sangue indígena foi levado para as veias dos americanos nativos, exceto em Estados como Oklahoma e em algumas famílias isoladas espalhadas aqui e ali no noroeste. Essa mistura em particular não desempenhará um papel muito importante em futuras combinações de raça neste continente, exceto no norte do Canadá.

O nativo americano sempre encontrou, e encontra agora, nos homens negros, seguidores dispostos que apenas pedem para obedecer e promover os ideais e desejos da raça mestra, sem tentar injetar no corpo político suas próprias visões, sejam elas raciais, religiosas ou sociais. Os negros nunca são socialistas ou

⁴⁶ Termo usado para designar mulheres indígenas norte-americanas no século XIX, atualmente tido por ofensivo e pejorativo.

⁴⁷ Grupo nativo norte-americano que fixou-se próximo a atual Nova York.

sindicalistas, e enquanto o dominante impuser sua vontade a raça servil, e enquanto permanecerem na mesma relação com os brancos como no passado, os negros serão um elemento valioso na comunidade; mas uma vez elevados à igualdade social, sua influência será destrutiva para si mesmos e para os brancos. Se a pureza das duas raças deve ser mantida, elas não podem continuar a viver lado a lado, e este é um problema do qual não pode haver escapatória.

O nativo americano em meados do século XIX estava rapidamente se tornando um tipo distinto. Derivado da parte teutônica das Ilhas Britânicas, e sendo quase puramente Nórdico, ele estava a ponto de desenvolver peculiaridades físicas próprias, levemente diferentes das de seus antepassados ingleses, e correspondendo mais ao isabelino idealista do que ao hanoveriano materialista inglês. A Guerra Civil, no entanto, colocou um severo, e talvez fatal, freio ao desenvolvimento e expansão desse tipo esplêndido, ao destruir grandes números dos melhores reprodutores de ambos os lados, e rompendo os laços familiares de muitos mais. Se a guerra não tivesse ocorrido, esses mesmos homens com seus descendentes teriam povoado os Estados ocidentais, em vez dos indefinidos raciais que estão agora reunidos lá.

A prosperidade que se seguiu à guerra atraiu hordas de recém-chegados que foram recebidos pelos nativos americanos para operar fábricas, construir ferrovias e preencher os espaços vazios – “desenvolver o país”, era o como isto foi chamado.

Estes novos imigrantes já não eram exclusivamente membros da raça Nórdica, como eram os primeiros que tiveram seu próprio impulso para melhorar suas condições sociais. As linhas de transporte anunciavam a América como uma terra da qual fluía leite e mel, e os governos europeus aproveitaram a oportunidade para descarregar sobre a América descuidada, rica e hospitaleira as varreduras de suas prisões e manicômios. O resultado foi que a nova imigração, embora ainda incluísse muitos elementos fortes do norte da Europa, continha um grande e crescente número de fracos, quebrados e mentalmente aleijados de todas as raças provenientes do estrato mais baixo da bacia do Mediterrâneo e dos Balcãs, juntamente com hordas de populações miseráveis e submersas nos guetos polacos.

Com uma crença patética e fátua na eficácia das instituições americanas e do ambiente para reverter ou obliterar tendências hereditárias imemorais, esses recém-chegados foram bem-vindos e receberam uma participação em nossa terra e prosperidade. O americano se impôs a sanitizar e educar esses pobres hilotas, e assim que puderam falar em inglês, encorajou-lhes a entrada na vida política, primeiro dos municípios, e depois da nação.

O resultado está se mostrando claramente no rápido declínio da taxa de natalidade dos nativos americanos porque as classes mais pobres do estoque colonial, onde ainda existem, não trarão crianças ao mundo para competir no mercado de trabalho com os eslovacos, os italianos, os sírios e os judeus. O nativo americano é demasiado orgulhoso para se misturar socialmente com eles, e está gradualmente a retirar-se de cena, abandonando a estes alienígenas a terra que ele conquistou e desenvolveu. O homem do velho estoque está sendo expulso de muitos distritos rurais por estes estrangeiros, tal como é hoje literalmente expulso das ruas da cidade de Nova York pelos enxames de judeus poloneses. Esses imigrantes adotam a língua do nativo americano; vestem suas roupas; roubam seu nome; e estão começando a tomar suas mulheres, mas raramente adotam sua religião ou entendem seus ideais, e

enquanto ele está sendo coagido a sair de sua própria casa, o americano olha calmamente para o exterior e exige dos outros a ética suicida que está exterminando sua própria raça.

Quanto à mistura futura, é evidente que em grandes partes do país o nativo americano desaparecerá completamente. Ele não vai se casar com raças inferiores, e não pode competir na fábrica de suor⁴⁸ e nas trincheiras de rua com os recém-chegados. Grandes cidades dos tempos de Roma, Alexandria e Bizâncio sempre foram pontos de encontro de diversas raças, mas Nova York está se tornando uma *cloaca gentium*⁴⁹ que produzirá muitos híbridos raciais surpreendentes e alguns horrores étnicos que estarão além dos poderes de resolução dos antropólogos do futuro.

Uma coisa é certa: em qualquer dessas misturas, os traços sobreviventes serão determinados pela competição entre os elementos mais baixos e primitivos e os caracteres especializados do homem Nórdico; sua estatura, seus olhos claros, sua pele clara e cabelos loiros, seu nariz reto e suas esplêndidas qualidades morais e de luta, terão pouca parte na mistura resultante.

A “sobrevivência dos mais apto” significa a sobrevivência do tipo melhor adaptado às condições ambientais existentes, hoje o cortiço e a fábrica, como nos tempos coloniais eram as derrubadas das florestas, o combate aos índios, o cultivo dos campos e a navegação nos Sete Mares. Do ponto de vista da raça, é melhor descrita como a “sobrevivência dos inaptos”.

Esta revisão das colônias da Europa seria desencorajadora, se não fosse o fato de, até agora, ter sido dada pouca atenção à adequação de um novo país para os colonos particulares que para aí migram. O processo de envio de colonos é tão antigo quanto a própria humanidade e, provavelmente, em última análise, a maioria das principais raças do mundo, certamente a maioria dos habitantes da Europa, representam os descendentes de colonos bem-sucedidos.

O sucesso na colonização depende da seleção de novas terras e condições climáticas em harmonia com os requisitos imemorais da raça entrante. O ajustamento de cada raça ao seu habitat peculiar baseia-se em milhares de anos de seleção rígida que não podem ser ignorados com segurança. Um certo isolamento e liberdade da competição com outras raças, pelo menos durante alguns séculos, também é importante, para que os colonos possam se habituar ao seu novo ambiente.

⁴⁸ *Sweatshop* é um termo pejorativo para local com condições precárias de trabalho, como galpões superlotados.

⁴⁹ “Fossa humana” é uma tradução comum.

PARTE II – AS RAÇAS EUROPEIAS NA HISTÓRIA

CAPÍTULO 1 – O HOMEM EOLÍTICO⁵⁰

ANTES DE CONSIDERAR as populações vivas da Europa, devemos ter em conta os povos extintos que as precederam.

A ciência da antropologia é muito recente – em sua forma atual, com menos de cinquenta anos de idade – mas já revolucionou nosso conhecimento do passado e ampliou a Pré-História, para que agora seja medida não por milhares, mas por dezenas de milhares de anos.

A história do homem antes do período dos metais foi dividida em dez ou mais subdivisões, muitas delas mais longas do que o tempo coberto por registros escritos. O homem tem lutado ao longo das eras, para se reverter de novo e de novo em selvageria e barbárie, mas aparentemente retendo cada vez algo ganho com o trabalho de seus ancestrais.

Enquanto houver no mundo uma raça ou estoque em livre procriação que tenha em si uma capacidade inerente de desenvolvimento e crescimento, a humanidade continuará a ascender até que, possivelmente através da seleção e regulação da criação tão inteligentemente aplicada como no caso dos animais domésticos, ela controle seu próprio destino e alcance alturas morais ainda inimagináveis.

O impulso para cima, no entanto, é fornecido por um número muito pequeno de nações, e por uma parcela muito pequena da população dessas nações. A seção de qualquer comunidade que produz líderes ou gênio de qualquer tipo é apenas uma porcentagem diminuta. Inventar novos processos, estabelecer novos princípios, elucidar e desvendar as leis da natureza, requer genialidade. Imitar ou adotar o que os outros inventaram não é gênio, mas mímica.

O que chamamos de “gênio” não é uma questão de família, mas de estoque ou linhagem, e é herdado exatamente da mesma forma que os caracteres puramente físicos. Pode estar latente através de várias gerações de obscuridade, e então se acender quando a oportunidade chegar. Disto temos muitos exemplos na América. Isto é o que a educação ou a oportunidade fazem para uma comunidade; ela permite, nestes raros casos, o *fair play*⁵¹ para o desenvolvimento, mas é a raça, sempre a raça, que produz o gênio.

Este tipo produtor de gênios é um gerador lento, e há um perigo real de sua perda para a humanidade. Alguma ideia do valor dessas pequenas linhagens pode ser obtida a partir das estatísticas recentes que demonstram que Massachusetts produz mais de cinquenta vezes mais gênio por cem mil brancos do que a Geórgia, Alabama ou Mississippi, embora aparentemente a raça, religião e ambiente, além das condições climáticas, sejam praticamente as mesmas, exceto pela presença entorpecente no Sul de uma grande população negra estacionária.

⁵⁰ O termo refere-se a um período anterior ao Paleolítico, discutido a partir da descoberta de artefatos de sílex que até o fim do século XIX pensou-se terem sido lascados por mãos humanas, quando a comunidade científica posterior descobriu tratar-se de um retoque executado por forças naturais. O termo “eolítico”, portanto, é hodiernamente considerado obsoleto e equívoco. Grant, nos últimos quatro parágrafos deste capítulo, dará sua posição quanto a esta querela.

⁵¹ “Jogo limpo”.

Quanto mais profundo se torna o estudo da pré-história europeia, mais nos damos conta de quantos avanços da cultura foram feitos e depois perdidos. Nossos pais estavam acostumados a considerar a derrubada da antiga civilização na Idade Média como a maior catástrofe da humanidade, mas agora sabemos que o período clássico da Grécia foi precedido por idades sombrias semelhantes, causadas pelas invasões dóricas, que derrubaram a cultura homérica e micênica, que por sua vez floresceu após a destruição de seu pai, a cultura minoica de Creta. Ainda mais cedo, cerca de doze mil anos atrás, o período aziliano⁵² de pobreza e retrocesso sucedeu às maravilhosas conquistas dos caçadores-artistas do Paleolítico Superior.

O progresso da civilização torna-se evidente apenas quando imensos períodos são estudados e comparados, mas a lição é sempre a mesma, a saber, que a raça é tudo. Sem raça não pode haver nada, exceto o escravo vestindo as roupas de seu mestre, roubando o nome orgulhoso de seu mestre, adotando a língua de seu mestre, e vivendo nas ruínas decadentes do palácio de seu mestre. Por toda parte, nos sítios de antigas civilizações, o campo turco, curdo e beduíno; e os americanos podem parar e considerar o destino deste país que eles, e somente eles, fundaram e nutriram com seu sangue. Os cavadores de valas imigrantes e as máquinas ferroviárias eram para os nossos pais o que os seus escravos eram para os romanos, e a mesma transferência de poder político de mestre para servo está a ter lugar hoje em dia.

O lugar de origem do homem era, sem dúvida, a Ásia. A Europa é apenas uma península do continente euroasiático e, embora a extensão de sua área terrestre durante o Pleistoceno⁵³ tenha sido muito maior do que atualmente, é certo, pela distribuição das várias espécies humanas, que as principais raças evoluíram na Ásia muito antes de o centro daquele continente ser reduzido a desertos por dessecação progressiva.

Evidências da localização da evolução inicial do homem na Ásia e da área submersa geologicamente recente em direção ao sudeste são proporcionadas pelos depósitos fósseis nas colinas de Sivalik, no norte da Índia, onde foram encontrados os restos de primatas que eram ancestrais ou estreitamente relacionados aos quatro gêneros de antropoides vivos; e pela descoberta em Java, que nos tempos do Plioceno⁵⁴ estava ligada ao continente sobre o qual é agora o Mar do Sul da China, da forma mais antiga conhecida de primata ereto, o Pitecantropo⁵⁵. Este homem simiesco é praticamente o “elo perdido”, sendo intermediário entre o homem e os antropoides. Acredita-se que o Pitecantropo tenha sido contemporâneo da glaciação

⁵² Período do mesolítico de diminuição de suprimentos disponíveis para as populações do norte da Espanha e sul da França entre 14 mil e 10 mil anos a.C. devido a um período de aquecimento que derreteu camadas de gelo. A expressão artística em artefatos e pinturas se embruteceu e simplificou, se comparada com a anterior e posterior. O nome provém da comuna francesa de Le Mas-d’Azil onde existem numerosas grutas com vestígios arqueológicos.

⁵³ Ou Plistoceno, é o período Quaternário da era cenozoica (iniciada há 65 milhões de anos) que abrange o período entre 2,58 milhões e 11,7 mil anos atrás. Foi um período de muitas glaciações, predominância de mamíferos e da evolução mais atual do homem. No último milhão houveram quatro idades do gelo na Europa, recebendo nomes de quatro afluentes do rio Danúbio: Günz, Mindel, Riss e Würm.

⁵⁴ Última época do período Terciário da era cenozoica entre 5 e 2,5 milhões de anos.

⁵⁵ Descoberto em 1891 em Java, teria vivido entre 1 milhão e 700 mil anos atrás. No entanto, a partir de 1950, com o trabalho do biólogo alemão Ernst Mayr, foi reclassificado como *Homo erectus erectus*, uma subespécie do *Erectus*, que viveu entre 1,8 milhões e 300 mil anos. Foi conhecido como Homem de Java e seu epíteto de “elo perdido” foi rejeitado pela comunidade científica.

de Günz, há cerca de 500.000 anos, o primeiro dos quatro grandes avanços glaciais na Europa.

Uma ou duas formas de fósseis de macacos antropoides foram descobertas no Mioceno⁵⁶ da Europa que podem ter sido remotamente relacionadas com os antepassados do homem, mas quando a exploração arqueológica da Ásia for tão completa e intensiva como a da Europa, é provável que mais formas de fósseis antropoides e novas espécies de homem lá sejam encontradas.

O homem existiu na Europa durante o segundo e terceiro períodos interglaciais, se não antes. Temos seus artefatos na forma de eólitos, desde pelo menos o segundo estágio interglacial, o Mindel-Riss, de cerca de 300.000 anos atrás. Uma única mandíbula encontrada perto de Heidelberg é referida a este período e é a primeira prova esquelética do homem na Europa. De certos caracteres notáveis desta mandíbula, ela foi atribuída a uma nova espécie, o *Homo heidelbergensis*⁵⁷.

E então, segue-se um longo período de escassas relíquias industriais e nenhum resíduo esquelético conhecido. O homem lutava lenta e dolorosamente a partir da fase de cultura eolítica, onde os acertos de sorte serviam a seu propósito temporário. Isso, por sua vez, foi sucedido por um estágio de desenvolvimento humano, em que pequenas lascas e retoques de pederneiras para as crescentes necessidades do homem levavam, após longos intervalos de tempo, à fabricação deliberada de ferramentas. Este período é conhecido como o Eolítico, e é necessariamente extremamente nebuloso e incerto. Se certas pedras lascadas ou quebradas, chamadas eólitos ou pedras do alvorecer, eram realmente artefatos humanos ou eram produtos de forças naturais é realmente irrelevante, porque o homem deve ter passado por tal estágio eolítico.

Quanto mais nos aproximamos do início de uma tal cultura eolítica, mais e mais irreconhecíveis se tornam as pedras necessariamente até que finalmente não podem ser distinguidas dos fragmentos de pedra natural, porque no início o homem mais antigo simplesmente pegou uma pedra conveniente, usou-a uma vez e jogou-a fora, exatamente como um macaco antropeide faria hoje em dia se quisesse quebrar a casca de uma tartaruga ou um ovo de avestruz.

O homem deve ter experimentado as seguintes fases de desenvolvimento na transição do estágio pré-humano para o humano: primeiro, a utilização de pedras e paus ao acaso; segundo, a adaptação casual de sílex por uma quantidade mínima de lascas; terceiro, a fabricação deliberada dos implementos mais simples a partir de nódulos de sílex; e quarto, a invenção de novas formas de armas e ferramentas em uma variedade sempre crescente.

Das duas últimas etapas, temos um registro extenso e claro. No segundo estágio, temos nos eólitos formas intermediárias que variam de pederneiras que são evidentemente resultados de causas naturais a pederneiras que são claramente artefatos. O primeiro e mais antigo estágio, é claro, poderia não deixar nenhum registro definitivo e deve repousar sempre em hipóteses.

⁵⁶ Ou Miocênico, é a quarta época da era cenozoica e primeira do neogeno, imediatamente anterior ao Plioceno, e este ao Pleistoceno. Abrange o período de 23 a 5,3 milhões de anos atrás.

⁵⁷ Teria surgido há 500 mil anos e extinto em 250 mil, com fósseis descobertos na Alemanha.

CAPÍTULO 2 – O HOMEM PALEOLÍTICO

COM A FABRICAÇÃO deliberada de implementos de nódulos de sílex, entramos no início da época do Paleolítico, e daqui em diante nosso caminho é relativamente claro. Os estágios sucessivos do Paleolítico foram de grande extensão, mas cada um deles é caracterizado por algum aperfeiçoamento na fabricação de ferramentas. Durante muito tempo, o homem foi apenas um fabricante de ferramentas e utilizador de animais, e, afinal de contas, esta trata-se de uma definição tão boa como a que podemos dar atualmente para o primata a que chamamos humano.

O Período Paleolítico, ou Velha Idade da Pedra, durou desde o término um tanto indefinido do Eolítico, há cerca de 150.000 anos, até o Neolítico ou Nova Idade da Pedra, que começou em meados de 7.000 a.C.

O Paleolítico cai naturalmente em três grandes subdivisões. O Paleolítico Inferior inclui a totalidade da última etapa interglacial com as subdivisões do pré-chelleano, chelleano⁵⁸ e acheuliano⁵⁹; o Paleolítico Médio cobre toda a última glaciação e é coextensivo com o período musteriano⁶⁰ e a dominância das espécies humanas do Neandertal. O Paleolítico Superior abrange todos os estágios pós-glaciais até o Neolítico, e inclui as subdivisões do aurignaciano⁶¹, solutreano⁶², magdaleniano⁶³ e aziliano⁶⁴. Durante todo o Paleolítico Superior, exceto a curta fase de encerramento, a raça Cro-Magnon floresceu.

Não é até depois do severo terceiro período do grande frio, conhecido como glaciação de Riss, e até entrarmos, há cerca de 150.000 anos, no terceiro e último estágio interglacial do clima temperado, conhecido como Riss-Würm, que iniciamos uma série definida e ascendente de culturas. As divisões pré-chelleana, chelleana e acheuliana do Paleolítico Inferior ocuparam a totalidade desta fase interglacial quente ou bastante temperada, que durou quase 100.000 anos.

Um crânio quebrado, uma mandíbula e alguns dentes foram descobertos recentemente em Sussex, Inglaterra. Estes restos mortais foram todos atribuídos ao mesmo indivíduo, que foi nomeado o Homem de Piltdown. Devido à extraordinária espessura do crânio e ao caráter símio da mandíbula, um novo gênero, *Eoanthropus*, o “homem do amanhecer”, foi criado e atribuído aos tempos pré-chelleanos. Um estudo mais aprofundado e uma comparação com as mandíbulas de outros primatas demonstraram que a mandíbula pertencia a um chimpanzé, de modo que o gênero *Eoanthropus* deve agora ser abandonado e o homem de Piltdown deve ser incluído no gênero *Homo* como está hoje constituído. Descobertas futuras do tipo Piltdown e,

⁵⁸ Refere-se ao período da indústria lítica europeia mais antiga, entre 600 e 400 mil anos atrás. Artefatos característicos foram encontrados em Abbeville, uma comuna do norte francês.

⁵⁹ Cultura caracterizada por artefatos bifaces de pedra lascados com regularidade, encontrados na comuna francesa de Saint-Acheul. O período é estimado entre 1,5 milhões e 200 mil anos atrás, cujo uso atribui-se ao *Homo ergaster*, no continente africano, próximo ao Quênia atual.

⁶⁰ Ou Musteriense, período entre 300 e 40 mil anos atrás em que dominou o *Homo neanderthalensis*, cujos fósseis foram descobertos em 1860 numa caverna de Le Moustier, sudoeste francês. É deste período o surgimento dos primeiros rituais funerários e as primeiras cabanas ao ar livre.

⁶¹ Período de há 45 a 10 mil anos.

⁶² De 20 a 18 mil anos atrás.

⁶³ De 15 a 9 mil anos atrás, caracteriza-se pela indústria do osso e arte mural com afrescos, e pela caça de renas.

⁶⁴ De 14 a 10 mil anos atrás, período de escasseamento de alimentos. Vide nota 52.

no que diz respeito ao Homem de Heidelberg, podem, no entanto, elevar um ou ambos para a classificação genérica.

Algumas das restaurações provisórias dos ossos fragmentários tornam este crânio demasiado moderno e espaçoso para um pré-chelleano ou mesmo um chelleano. Em qualquer caso, o Homem de Piltdown é altamente aberrante e, até onde sabemos, não parece estar relacionado a qualquer outra espécie de homem encontrada durante o Paleolítico Inferior.

Nos tempos acheulianos posteriores, uma nova espécie de homem, muito provavelmente descendente dos primeiros homens de Heidelberg dos tempos eolíticos, aparece em cena e é conhecida como a raça Neandertal. Muitos vestígios fósseis desse tipo foram encontrados.

Os neandertaloides ocuparam exclusivamente o palco europeu, com a possível exceção do Homem de Piltdown, à medida que nossas informações se estendem, desde a primeira aparição do homem na Europa até o final do Paleolítico Médio. Os neandertais floresceram durante toda a duração do último avanço glacial conhecido como a glaciação de Würm. Este período, conhecido como musteriano, começou há cerca de 50.000 anos, e durou cerca de 25.000 anos.

A espécie Neandertal desaparece repentina e completamente com o advento dos tempos pós-glaciais, quando, há cerca de 25.000 anos, aparentemente foi exterminado por uma raça nova e muito maior, os famosos Cro-Magnons.

Pode muito bem ter havido, e provavelmente houve, durante a época musteriana, outras raças de homens na Europa que não os neandertaloides, mas não temos registro delas. Entre os inúmeros vestígios de Neandertais, no entanto, encontramos vestígios de tipos distintos que mostram que esta raça na Europa estava em evolução e desenvolvia acentuadas variações de caracteres.

O Homem de Neandertal era puramente um caçador comedor de carne, vivendo em cavernas, ou melhor, em suas entradas. Ele era dolicocefalo e não era diferente dos australoides existentes, embora não necessariamente de pele escura, e, é claro, não era, em nenhum sentido, um negro.

O crânio era caracterizado por sulcos superorbitais pesadas, uma testa baixa e recuada, protuberante e sem queixo sob a mandíbula, e a postura era imperfeitamente ereta. Esta raça foi amplamente difundida e bastante numerosa. Parte do seu sangue correu até aos dias de hoje, e ocasionalmente, vemos um crânio do tipo Neandertal. O melhor crânio deste tipo já visto pelo escritor pertencia a um velho e muito intelectual professor em Londres, que era bastante inocente de seu valor como espécime de museu. Na velha raça negra da Escócia, a sobranceira e os olhos profundos são sugestivos dessa raça.

Juntamente com outros remanescentes raciais antigos e primitivos, ferozes gorilas como espécimes vivos do homem de Neandertal são encontrados não raros na costa oeste da Irlanda e são facilmente reconhecidos pelo grande lábio superior, nariz sem ponte, testa de besouro e cabelos de crescimento baixo, e aspecto selvagem e bestial. As proporções do crânio que dão origem a este grande lábio superior, a testa baixa e as cristas superorbitais são claramente caracteres

neandertais. Os outros traços deste tipo irlandês são comuns a muitas raças primitivas. Este é o irlandês da caricatura, e o foi muito frequente na América quando os primeiros imigrantes irlandeses vieram em 1846 e nos anos seguintes. Parece que, no entanto, quase desapareceram neste país.

No Paleolítico Superior, que começou após o fechamento da quarta e última glaciação, há cerca de 25.000 anos, a raça Neandertal foi sucedida por homens de aspecto muito moderno, conhecidos como Cro-Magnons. A data de início do Paleolítico Superior é a primeira que podemos fixar com precisão, e sua exatidão pode ser confiada dentro de limites estreitos. A raça Cro-Magnon aparece pela primeira vez na subdivisão aurignaciana do Paleolítico Superior. Tal como os Neandertais, eram dolicocefalos, com uma capacidade craniana superior à média das populações europeias existentes, e uma estatura de dimensão muito notável.

É bastante surpreendente constatar que a raça predominante na Europa há 25.000 anos, ou mais, não só era muito mais alta, como tinha uma capacidade craniana absoluta acima da média da população atual. A baixa média craniana das populações existentes na Europa pode ser melhor explicada pela presença de um grande número de indivíduos de mentalidade inferior. Esses defeitos foram cuidadosamente preservados pela caridade moderna, ao passo que, no estado selvagem da sociedade, os membros atrasados estão fadados a perecer e a raça é sustentada pelos vigorosos e não pelos enfraquecidos.

A alta capacidade cerebral dos Cro-Magnons é paralela à dos gregos antigos, que em um único século deram ao mundo externo à sua pequena população muito mais gênio do que todas as outras raças da humanidade puderam produzir desde então em uma porção de tempo semelhante.

Atenas entre 530 e 430 a. C. tinha uma população média de cerca de 90.000 homens livres, e, desse pequeno número, nasceram nada menos que catorze gênios da mais alta categoria. Isso indicaria um status intelectual geral tão acima do dos anglo-saxões quanto os últimos estão acima dos negros. A existência, nessas primeiras épocas, de uma capacidade craniana muito elevada e seu declínio posterior mostra que não há uma tendência ascendente inerente à humanidade com força suficiente para superar obstáculos colocados em seu caminho por costumes sociais estúpidos.

Todos os historiadores estão familiarizados com o fenômeno de uma ascensão e declínio na civilização, como tem ocorrido repetidas vezes na história do mundo, mas temos aqui, no desaparecimento da raça Cro-Magnon, o primeiro exemplo da substituição de uma raça muito superior por uma inferior. Existe um grande perigo de uma substituição similar de uma superior por uma inferior aqui nos Estados Unidos, a menos que o americano nativo use sua inteligência superior para proteger a si e a seus filhos da competição com povos intrusivos, drenados das raças mais baixas da Europa Oriental e da Ásia Ocidental.

Enquanto o crânio do Cro-Magnon era longo, os ossos da face eram muito largos, e essa combinação de face larga com crânio longo constitui um tipo desarmônico peculiar que ocorre hoje apenas entre os esquimós altamente especializados e um ou dois outros grupos sem importância.

Crânios deste tipo específico, no entanto, são encontrados em pequeno número entre as populações existentes no centro da França, precisamente no distrito onde os restos fósseis dessa raça foram descobertos pela primeira vez. Esses franceses isolados provavelmente representam o último remanescente dessa esplêndida raça de caçadores selvagens.

A cultura Cro-Magnon é encontrada em toda a bacia do Mediterrâneo, e este fato, juntamente com a evidente ausência na Europa Oriental das suas primeiras fases, o baixo aurignaciano, indica que entrou na Europa através do Norte de África, precisamente como fez, nos tempos neolíticos, os seus sucessores, a raça Mediterrânea. Há poucas dúvidas de que os Cro-Magnons se desenvolveram originalmente na Ásia e estavam em seu estágio mais alto de desenvolvimento físico no momento de sua primeira aparição na Europa. Qualquer que seja a mudança ocorrida em sua estatura durante sua residência, parece ter ocorrido mais um declínio do que um desenvolvimento posterior.

Não há nada do negroide nos Cro-Magnons, e eles não estão de forma alguma relacionados com os Neandertais, que representam uma espécie distinta e extinta de homem.

A raça Cro-Magnon perdurou por todo o Paleolítico Superior, durante os períodos conhecidos como aurignaciano, solutreano e magdaleniano⁶⁵, de 25.000 a 10.000 a. C. Embora seja possível que o sangue desta raça entre um pouco na composição dos povos da Europa ocidental, sua influência não pode ser grande, e os Cro-Magnons desaparecem de vista com o advento do clima mais quente dos últimos tempos.

Foi sugerido que, seguindo a borda de gelo que se desvanece para o norte e leste através da Ásia e para a América do Norte, eles se tornaram os ancestrais dos esquimós, mas certas objeções anatômicas são fatais para essa interessante teoria. No entanto, ninguém familiarizado com a cultura dos esquimós, e especialmente com sua maravilhosa habilidade em esculpir com ossos, pode deixar de se surpreender com a semelhança da sua técnica com a dos Cro-Magnons.

À raça Cro-Magnon o mundo deve o nascimento da arte. Cavernas e abrigos são descobertos anualmente na França e na Espanha, onde as paredes e tetos são cobertos com pinturas policromáticas ou com baixos-relevos entalhados de animais de caça. Alguns modelos de argila, às vezes da forma humana, também são encontrados junto com abundantes restos de suas armas e ferramentas de pedra lascada, mas não polida. Alguns fatos se destacam claramente, a saber, que eles eram puros caçadores e se vestiam de pelos e peles. Eles não sabiam nada sobre agricultura ou animais domésticos, até porque o cão era ainda indomado, e o cavalo considerado um mero objeto de perseguição.

A questão do seu conhecimento do princípio do arco e flecha durante o aurignaciano e solutreano é uma questão em aberto, mas há indicações definitivas do uso da flecha, ou pelo menos do dardo farpado, nos primeiros tempos do magdaleniano, e esta arma era bem conhecida no período aziliano seguinte.

⁶⁵ Vide notas 61 a 64.

A presença no final deste último período de quantidades de sílex muito pequenos, chamadas micrólitos, deu origem a muita controvérsia. É possível que estes micrólitos representem as pontas de pequenas flechas envenenadas, como as que são agora de uso geral entre as tribos de caça primitivas em todo o mundo. Certos sulcos em algumas das armas de sílex do Paleolítico Superior podem muito bem ter sido usados para a recepção de veneno. É altamente provável que estes hábeis selvagens, os Cro-Magnons, talvez os maiores caçadores que já existiram, não usassem apenas dardos envenenados, mas também eram adeptos de armadilhas de caça por meio de ciladas e covas cobertas, precisamente como fazem hoje algumas das tribos de caça da África. Pontas de flecha ou osso farpadas, como as comumente usadas pelos índios norte-americanos, não foram encontradas em depósitos paleolíticos.

No período seguinte, o solutreano, os Cro-Magnons compartilharam a Europa com uma nova raça conhecida como Brunn-Pwredmost, encontrada na Europa Central. Esta raça é caracterizada por uma face longa, bem como um crânio longo, sendo, portanto, harmônica. Esta raça Brunn-Pwredmost parece ter-se instalado bem nas planícies do Danúbio e da Hungria, e esta localização indica mais uma origem oriental que meridional.

Bons anatomistas viram nesta raça os últimos vestígios remanescentes dos neandertaloides, mas é mais provável que tenhamos aqui a primeira onda de avanço dos precursores primitivos de uma das modernas raças europeias dolicocefalas.

Esta nova raça não era artística, mas tinha grande habilidade na criação de armas. Está possivelmente associada às peculiaridades da cultura solutreana e ao declínio da arte que caracteriza esse período. O impulso artístico dos Cro-Magnons, que floresceu tão vigorosamente durante o aurignaciano, parece estar bastante suspenso durante este período solutreano, mas reaparece nos tempos magdalenianos seguintes. Esta arte magdaleniana é claramente a descendente direta dos modelos aurignacianos, e nesta era final dos Cro-Magnons todas as formas de arte paleolítica, talhagem, gravura, pintura e fabricação de armas, atingem sua mais alta e final culminação.

Nove mil ou dez mil anos podem ser designados para os períodos aurignaciano e solutreano, e nós podemos com considerável certeza dar a data mínima de 16.000 a.C. para o início do tempo magdaleniano. Toda a sua duração pode ser fixada com segurança em 6.000 anos, trazendo assim a terminação final do magdaleniano em 10.000 a.C. Todas estas datas são extremamente conservadoras, e o erro, se houver, estaria em atribuir um período demasiado tarde e não demasiado cedo para o fim dos tempos magdalenianos.

No final do magdaleniano, entramos no último período do Paleolítico, o aziliano, que durou de cerca de 10.000 a 7.000 a.C., quando o Paleolítico Superior, a era das pedras lascadas, finalmente e definitivamente termina. Este período leva o nome de Mas-d'Azil⁶⁶ ou "Casa de Refúgio", uma enorme caverna nos Pirinéus orientais, onde os protestantes locais se refugiaram durante as perseguições. Nesta caverna, os extensos depósitos são típicos desta época, e aqui algumas pedras marcadas mostram os primeiros traços conhecidos do alfabeto.

⁶⁶ Vide nota 52.

Com o advento deste período final aziliano, a arte desaparece por completo, e os esplêndidos espécimes físicos dos Cro-Magnons são sucedidos pelo que parecem ter sido degradados selvagens, que perderam a força e o vigor necessários para a árdua perseguição à caça pesada, e se voltaram para a vida mais fácil dos pescadores.

O arco e flecha no aziliano são de uso comum na Espanha, e está bem dentro das possibilidades que a introdução desta nova arma do sul possa ter desempenhado seu papel na destruição dos Cro-Magnons; caso contrário, é difícil explicar o desaparecimento desta raça de grande estatura e grande poder cerebral.

O aziliano, também chamado de tardenoisiano no norte da França, foi evidentemente um período de distúrbios raciais, e no seu final, são encontrados os primórdios das raças existentes.

Desde a primeira aparição do homem na Europa, e durante muitas dezenas de milhares de anos até cerca de dez ou doze mil anos atrás, todos os restos humanos conhecidos são de tipo dolicocefalo.

No período aziliano aparece a primeira raça crânio-redondo. Vem claramente do leste. Mais tarde veremos que esta invasão dos precursores da raça Alpina existente veio do sudoeste asiático por meio dos planaltos iranianos, da Ásia Menor, dos Balcãs e do vale do Danúbio, e espalhou-se por quase toda a Europa. As primeiras invasões de crânios-redondos podem também ter sido infiltrações como conquistas armadas, pois aparentemente desde aquele dia em diante os crânios redondos ocuparam os distritos mais pobres das montanhas e raramente se aventuraram pelas ricas e férteis planícies.

Esta nova raça braquicefálica é conhecida como a raça Furfooz ou Grenelle⁶⁷, assim chamada nas localidades da Bélgica e da França, onde fora descoberta pela primeira vez. Membros desta raça de crânio arredondado também foram encontrados em Ofnet, na Baviera, onde ocorrem em associação com uma raça dolicocefala, a nossa primeira evidência histórica da mistura de raças contrastadas. Os descendentes dessa raça Furfooz-Grenelle e das ondas sucessivas de invasores do mesmo tipo braquicefálico ocupam agora a Europa central como Alpinos e formam o tipo camponês predominante na Europa Central e Oriental.

Neste mesmo período aziliano aparecem, desta vez vindos do sul, os primeiros precursores da raça Mediterrânea. Os descendentes dessa primeira onda de Mediterrâneos e seus reforços posteriores ocupam toda a costa e ilhas do Mediterrâneo, e estão amplamente espalhados por toda a Europa Ocidental. Eles podem ser identificados em todos os lugares por sua baixa estatura, crânio longo e cabelos e olhos castanhos.

Enquanto durante este período aziliano-tardenoisiano estes antepassados de duas das raças europeias existentes estavam aparecendo no centro e no sul da Europa, uma nova fase de cultura, também distintamente pré-neolítica, desenvolvia-

⁶⁷ Também chamados homens de Grenelle-Furfooz ou *Acrogoni*, teriam sido os primeiros humanos considerados modernos em termos anatômicos ao lado dos Cro-Magnons.

se ao longo das costas do Báltico. É conhecida como Maglemose⁶⁸ por sua localidade típica na Dinamarca. É provavelmente a obra da primeira onda das subespécies Nórdicas, possivelmente dos prototeutônicos, que seguiram os glaciares em retirada para o norte, através das antigas conexões terrestres entre a Dinamarca e a Suécia para ocupar a Península Escandinava. Nos restos desta cultura, encontramos pela primeira vez provas definitivas do cão domesticado. Até agora, porém, não foram descobertos restos mortais esqueléticos.

Com o aparecimento da raça Mediterrânea, o aziliano-tardenoisiano chega ao fim, e com ele todo o período Paleolítico. É seguro atribuir para o fim do Paleolítico e o início do Neolítico ou Idade da Pedra Polida, a data de 7.000 ou 8.000 a.C.

As raças do período Paleolítico chegaram sucessivamente em cena com todos os seus caracteres totalmente desenvolvidos. A evolução de todas essas subespécies e raças teve lugar em algum lugar da Ásia ou da Europa oriental. Nenhuma dessas raças parece ser ancestral uma à outra, embora os escassos restos do Homem de Heidelberg indiquem que ele pode ter dado origem aos neandertais posteriores. Além dessa possível afinidade, as várias raças dos tempos Paleolíticos não estão relacionadas entre si.

⁶⁸ A cultura maglemosiana abrange o período entre 9500 e 6500 a.C., representando o início do período Mesolítico no norte europeu. O nome provém do sítio arqueológico dinamarquês chamado Maglemose.

CAPÍTULO 3 – AS IDADES NEOLÍTICA E DO BRONZE

EM MEADOS DE 7.000 a.C. entramos em um período inteiramente novo na história do homem, o Neolítico ou Nova Idade da Pedra, quando os instrumentos de sílex eram polidos e não apenas lascados. No início deste período na cultura europeia, não estamos longe dos começos de uma civilização elaborada em partes da Ásia. Os primeiros estados organizados mais antigos, até onde vai o conhecimento atual, foram os impérios mesopotâmicos do Acádio e da Suméria – embora possam ter sido precedidos pela civilização chinesa, cuja origem permanece um mistério, nós sequer podemos traçar qualquer conexão entre ela e a Ásia Ocidental. Balkh, a antiga Bactro⁶⁹, a mãe das cidades, está localizada onde convergiram as rotas comerciais entre a China, Índia e Mesopotâmia, e é nesta vizinhança que escavações cuidadosas e profundas provavelmente encontrarão suas maiores recompensas.

No entanto, não estamos tratando da Ásia, mas apenas da Europa, e o nosso conhecimento se limita ao fato de que os vários avanços culturais no final do Paleolítico e no início do Neolítico corresponderem à chegada de novas raças.

A transição do Paleolítico para o Neolítico foi anteriormente considerada como revolucionária, uma mudança abrupta tanto da raça quanto da cultura, mas um período mais ou menos transitório, conhecido como campigniano⁷⁰, agora parece preencher essa lacuna. Isto é apenas o que se deve esperar, já que na arqueologia humana e na geologia quanto mais detalhado nosso conhecimento se torna, mais gradualmente descobrimos que um período ou horizonte se funde com o seu sucessor.

Por um longo tempo após a abertura do Neolítico, as antigas armas e implementos lascados à moda antiga continuam sendo o tipo predominante, e as pederneiras polidas, tão características do Neolítico, aparecem de início apenas esporadicamente, depois aumentam em número, até que finalmente substituam completamente os desenhos mais ásperos da Velha Idade da Pedra predecessora.

Então, por sua vez, esses implementos de pedra polida neolítica que acabaram se tornando variados e eficazes, à medida que armas e ferramentas, continuaram em uso por muito tempo após o desenvolvimento da metalurgia. No Período do Bronze, é claro, armaduras e armas de metal foram, por eras, do maior valor. Portanto, elas estavam necessariamente na posse apenas das classes militares e governantes, enquanto o infeliz servo ou soldado comum que seguiu seu mestre para a guerra fez o melhor que pôde com escudos de couro e armas de pedra. No círculo que se fez em torno de Harold na última batalha no Monte Senlac, muitos dos ingleses morreram com o seu rei saxão, armados apenas com os machados de batalha de pedra dos seus ancestrais⁷¹.

⁶⁹ Atualmente é uma cidade no Afeganistão da província de Balkh. Foi um centro espiritual de budistas, islâmicos e zoroastristas. Estima-se que exista desde pelo menos o Segundo milênio a.C., quando chegaram os primeiros indo-iranianos do Norte. “Mãe das cidades” é uma titulação árabe dada por sua antiguidade.

⁷⁰ Período de cultura da França entre o sexto e quarto milênio a.C. nomeado a partir do sítio de Campigny, comuna francesa da Normandia. Neste período já são realizadas atividades como a pesca, agricultura, domesticação de cães e carpintaria.

⁷¹ Refere-se à batalha de Hastings de 1066 travada pelo último rei anglo-saxão da Inglaterra, Harold Godwinson contra o exército franco-normando do duque Wilhelm II da Normandia pela conquista da Inglaterra.

Na Itália também houve um longo período conhecido pelos arqueólogos italianos como o período Eneolítico⁷², quando boas ferramentas de sílex existiam lado a lado com implementos de cobre e bronze muito pobres; de modo que, enquanto o Neolítico durou na Europa Ocidental por quatro ou cinco mil anos, ele não tem uma definição clara do Paleolítico anterior e, no final, se fundiu gradualmente nas idades dos metais subsequentes.

Após a fase campigniana de abertura, seguiu-se um longo período típico do Neolítico, conhecido como o robenhausiano⁷³, ou Idade dos Habitantes do Lago Suíço, que atingiu a sua altura cerca de 5.000 a. C. As habitações dos lagos parecem ter sido um trabalho exclusivo das raças Alpinas de crânio redondo e são encontradas em números em toda a região dos Alpes e em seus sopés e ao longo do vale do Danúbio.

Essas aldeias robenhausianas construídas em estacas foram, na Europa, a forma mais antiga conhecida de habitação fixa, e a cultura encontrada em associação a elas foi um grande avanço em relação à do Paleolítico precedente. Este tipo de habitação permanente floresceu através de todo o Neolítico Superior e da Idade do Bronze seguinte. Vilarejos de estacas terminam na Suíça com a primeira aparição do ferro, mas em outros lugares, como no alto Danúbio, eles ainda existiam nos dias de Heródoto.

Os animais domesticados e a agricultura, bem como a cerâmica bruta, aparecem pela primeira vez durante o robenhausiano. A caça, suplementada por armadilhas e pesca, ainda era comum, mas provavelmente era mais por vestuário do que por alimentação. Naturalmente, um local permanente é a base de uma comunidade agrícola, e envolve pelo menos um abandono parcial da perseguição, pois somente nômades podem acompanhar a caça em suas migrações sazonais, e os animais caçados logo deixam a vizinhança dos assentamentos.

O período terramara⁷⁴ do norte da Itália foi uma fase posterior da cultura contemporânea com o alto robenhausiano, e era típico da Idade do Bronze. Durante o período terramara, estações fortificadas e com fossos em pântanos ou perto das margens dos rios se tornaram os refúgios favoritos, em vez de aldeias construídas em lagos. Os primeiros vestígios de cobre são encontrados durante este período. Os primeiros restos mortais humanos nos depósitos de terramara são crânios-longos, mas os crânios redondos logo aparecem associados a instrumentos de bronze. Isso indica uma população original de afinidades Mediterrâneas posteriormente inundada por Alpinos.

A cultura Neolítica é também cultivada no norte da Europa e particularmente na Escandinávia, agora livre do gelo. As costas do Báltico foram aparentemente ocupadas pela primeira vez no início deste período, já que não foram encontrados vestígios da indústria Paleolítica lá para além do maglemosiano, o qual representa apenas a fase mais recente da Velha Idade da Pedra. As cozinhas de estrumes, ou montes de dejetos, da Suécia, e mais particularmente da Dinamarca, datam do início

⁷² Do latim *aeneus*, refere-se à Idade do Cobre que fica entre o Neolítico e o Bronze, entre o Terceiro e Primeiro milênio a.C.

⁷³ Estágio do Neolítico associado a habitações em lagos, agricultura, tecelagem e domesticação de animais na região da cidade do norte suíço de Robenhausen.

⁷⁴ Refere-se principalmente a vilarejos nas porções do norte da atual Itália, entre 1700 e 1100 a. C.

do Neolítico e, portanto, são um pouco mais antigos do que os habitantes dos lagos. Nenhum vestígio de agricultura foi encontrado neles, e o cão parece ter sido o único animal domesticado.

A partir destes dois centros, os Alpes e o Norte, uma elaborada e variada cultura Neolítica espalhou-se pela Europa Ocidental, e um desenvolvimento autóctone ocorreu pouco influenciado pelas relações comerciais com a Ásia após as primeiras imigrações das novas raças.

Podemos supor que a distribuição das raças durante o Neolítico foi mais ou menos a seguinte: A bacia do Mediterrâneo e a Europa Ocidental, incluindo a Espanha, a Itália, a Gália, a Grã-Bretanha e as porções ocidentais da Alemanha, povoadas por crânios-longos **Mediterrâneos**; os Alpes e os territórios imediatamente circundantes, exceto o vale do Pó, junto com grande parte dos Balcãs, habitados por tipos **Alpinos**. Esses Alpinos estenderam-se para o norte até que entrassem em contato na Alemanha Oriental e na Polônia com os Nórdicos mais ao sul, mas como os Cárpatos, em uma data muito mais tardia, nomeadamente do quarto ao oitavo século d. C., eram o centro de radiação dos eslavos Alpinos, é muito possível que durante o Neolítico os primeiros Nórdicos estivessem mais ao norte e ao leste.

Ao norte dos Alpinos e ocupando as margens do Báltico e da Escandinávia, juntamente com a Alemanha Oriental, Polônia e Rússia, estavam localizados os **Nórdicos**. Na base do Neolítico, e talvez ainda mais cedo, essa raça ocupou a Escandinávia, e a Suécia tornou-se o berçário da subdivisão teutônica da raça Nórdica. Foi nesse país que os caracteres peculiares da estatura e da loirice se acentuaram mais, e é lá que os encontramos hoje em sua maior pureza. Durante o Neolítico, os remanescentes do homem paleolítico primitivo devem ter sido numerosos, mas depois foram exterminados ou absorvidos pelas raças europeias existentes.

Durante todo esse período neolítico, a Mesopotâmia e o Egito estavam adiantados em milhares de anos com relação a Europa, mas apenas uma pequena quantidade de cultura dessas fontes parece ter fluído para o oeste, subindo o vale do Danúbio, então e durante muito depois, a principal via de relações entre a Ásia Ocidental e o coração da Europa. Algum comércio também passou do Mar Negro pelos rios russos até as costas do Báltico. Ao longo dessas últimas rotas, veio do norte para o mundo Mediterrâneo o âmbar do Báltico, uma resina fóssil muito apreciada pelo homem primitivo pelas suas qualidades elétricas mágicas.

O ouro foi provavelmente o primeiro metal a atrair a atenção do homem primitivo, mas, é claro, só podia ser usado para fins de ornamentação. O cobre, que é frequentemente encontrado em estado puro, foi também um dos primeiros metais conhecidos e provavelmente veio primeiro, ou das minas de Chipre ou da península do Sinai. Sabe-se que essas últimas minas foram trabalhadas antes de 3800 a. C. por operações sistemáticas de mineração, e muito antes o metal deve ter sido obtido por métodos primitivos a partir de minério de superfície. É, portanto, provável que o cobre fosse conhecido e usado, primeiro para ornamento e depois para implementos, no Egito antes de 5000 a. C., e provavelmente ainda mais cedo nas regiões da Mesopotâmia.

Com o uso do cobre, o Neolítico desaparece até seu fim e a Idade do Bronze começa logo em seguida. Este próximo passo foi dado aparentemente por volta de 4000 a. C., quando algum gênio desconhecido descobriu que um amálgama de nove partes de cobre para uma parte de estanho poderia produzir o metal que agora chamamos de bronze, que tem textura e força adequadas para armas e ferramentas. A descoberta revolucionou o mundo. O novo conhecimento se espalhou por muito tempo e as armas desse material eram de um valor fabuloso, especialmente em países onde não havia minas nativas, e onde lanças e espadas só podiam ser obtidas através de comércio ou conquista. A estima com qual essas armas de bronze, e mais ainda as armas de ferro posteriores eram mantidas, é indicada pelas inúmeras lendas e mitos sobre espadas e armaduras mágicas, cuja posse torna o proprietário quase invulnerável e invencível.

A necessidade de obter estanho para esta amálgama levou às primeiras viagens dos fenícios, que desde as cidades de Tiro e Sidom, e sua filha, Cartago, atravessaram toda a extensão do Mediterrâneo, fundaram colônias na Espanha para trabalhar nas minas de estanho espanholas, passaram pelas Colunas de Hércules, e finalmente viajaram através do tempestuoso Atlântico até Cassitérides⁷⁵, as “ilhas do Estanho” da *Ultima Thule*⁷⁶. Lá, nas costas da Cornualha, eles trocavam com os nativos britânicos, de raça Mediterrânea semelhante, pelo precioso estanho. Estas viagens perigosas e dispendiosas tornam-se explicáveis apenas se o valor deste metal para a composição do bronze for tido em consideração.

Depois que estas armas de bronze foram elaboradas no Egito, o conhecimento de sua manufatura e uso foi estendido através da conquista da Palestina, e aproximadamente em 3000 a. C. para o norte na Ásia Menor.

O efeito da posse dessas novas armas sobre as populações Alpinas da Ásia Ocidental foi mágico e resultou em uma expansão intensiva e final dos crânios redondos na Europa. Essa invasão veio através da Ásia Menor, dos Balcãs e do vale do Danúbio, derramou-se na Itália vindo do norte, introduziu o bronze entre os antigos habitantes Alpinos dos lagos da Suíça, e entre os Mediterrâneos das estações da terramara do vale do Pó e, em uma data posterior, chegou até o oeste da Grã-Bretanha e até o norte da Holanda e da Noruega.

O aparecimento simultâneo do bronze em cerca de 3000 ou 2800 a. C. no sul, bem como no norte da Itália, pode provavelmente ser atribuído a uma onda desta mesma invasão que atingiu Túnis e a Sicília, passando pelo Egito, onde deixou para trás os chamados crânios redondos de Gizé. Com o primeiro conhecimento dos metais começa o período Eneolítico dos italianos.

A introdução na Inglaterra e na Escandinávia do bronze pode ser datada com segurança cerca de mil anos mais tarde, por volta de 1800 a. C. O fato de os Alpinos mal terem alcançado a Irlanda, e de a invasão da própria Grã-Bretanha não ter sido suficientemente intensa para deixar qualquer registro substancial de sua passagem nos crânios da população existente indica que, naquele momento, a Irlanda estava

⁷⁵ Nome dado a um lendário arquipélago que existira a oeste das Ilhas Britânicas, por vezes identificada no Atlântico.

⁷⁶ *Ultima Thule* denota, em geografia medieval, qualquer lugar distante que esteja além do mundo conhecido. Historicamente, os usos mais célebres do termo foi para designar a Escandinávia, a Islândia, a Groenlândia e a ilha báltica de Saaremaa.

separada da Inglaterra, e que a conexão terrestre entre a Inglaterra e a França havia sido quebrada. O cálculo das datas anteriores, é claro, é um pouco hipotética, mas o fato fixo é que essa última expansão dos Alpinos trouxe o conhecimento do bronze para a Europa Ocidental e do Norte e para os povos Mediterrâneos e Nórdicos que ali vivem.

O efeito da introdução do bronze nas áreas ocupadas principalmente pela raça Mediterrânea ao longo da costa atlântica e na Grã-Bretanha, bem como no norte da África de Túnis ao Marrocos, é visto na ampla distribuição dos monumentos funerários megalíticos, que parecem ter sido erguidos, não pelos Alpinos, mas por doliocéfalos. A ocorrência de ferramentas e armas de bronze nos enterros mostra claramente que os megalitos datam desta Idade do Bronze. Mas a sua construção e uso continuaram pelo menos até o vestígio mais antigo de ferro aparecer, e de fato os enterros em montes entre os vikings eram comuns até a introdução do Cristianismo.

Tanto o conhecimento do ferro quanto do bronze na Europa centra-se na área ocupada pelos Alpinos nos Alpes orientais e sua fase inicial é conhecida como a cultura Hallstatt⁷⁷, de uma pequena cidade no Tirol, onde foi descoberta pela primeira vez. Esta cultura de ferro Hallstatt floresceu por volta de 1500 a. C. Se os Alpinos introduziram ou não na Ásia ou inventaram na Europa a fundição do ferro, foram os Nórdicos que se beneficiaram com seu uso. As armas de bronze e as armas de ferro posteriores provaram, nas mãos desses bárbaros do norte, ser de uma eficácia terrível e, antes de tudo, foram voltadas contra os seus professores Alpinos. Com essas espadas de metal ao seu alcance, os Nórdicos primeiro conquistaram os Alpinos da Europa Central e repentinamente entraram no mundo antigo como invasores e destruidores de cidades, e as civilizações clássicas das costas do norte do Mar Mediterrâneo caíram, uma após outra, ante o *Furor Normanorum*⁷⁸, exatamente como dois mil anos depois as províncias de Roma foram devastadas pela última onda dos homens do norte, as tribos teutônicas.

Os primeiros Nórdicos a aparecerem na história europeia são tribos que falam línguas arianas, na forma dos vários dialetos celtas e relacionados no oeste, da Úmbria na Itália e da Trácia nos Balcãs, e essas tribos, vindas do norte, varreram com elas um grande número de Alpinos, os quais já haviam nordicizado por completo. O processo de conquista e assimilação desses Alpinos deve ter se prolongado por muitos séculos antes de nossos primeiros registros históricos, e o trabalho foi feito tão minuciosamente que a própria existência dessa raça Alpina como uma subespécie separada de homem foi realmente esquecida por milhares de anos por eles mesmos e pelo mundo em geral, até que foi revelada em nossos próprios dias pela ciência da medição craniana.

A cultura do ferro Hallstatt não se estendeu para a Europa Ocidental, e a fundição e o uso extensivo de ferro no sul da Grã-Bretanha e noroeste da Europa são

⁷⁷ Cultura que deu origem à Idade do Ferro, foi descoberta por Ramsauer em 1846. Seu período abrange do século XII ao V a. C. e é dividido em quatro fases: Hallstatt A e B que correspondem a fase do Bronze, entre XII e VIII a. C., Hallstatt C que inicia o Ferro entre VIII e VI a. C. com as primeiras espadas de ferro, e a D, com a presença de adagas em túmulos entre VI e V a. C. Houve, além disso, ampla produção de cerâmica, broches, estelas e joalheria.

⁷⁸ Fúria Normanda, refere-se ao povo germânico descendente dos vikings, cujo nome significa apenas "homens do Norte".

de data muito posterior e ocorrem no que é conhecido como o período *La Tène*⁷⁹, geralmente atribuído ao quinto e quarto séculos a. C. As armas de ferro eram conhecidas na Inglaterra muito antes, talvez já em 800 ou 1000 a. C., mas eram muito raras e provavelmente eram importações do continente.

A disseminação desta cultura *La Tène* está associada aos *cymrys*⁸⁰, que constituíram a última onda de invasores de língua celta na Europa Ocidental, enquanto os gauleses e gaélicos Nórdicos anteriores tinham chegado à Gália e à Grã-Bretanha equipados apenas com bronze.

Nos tempos romanos, que se seguem ao período *La Tène*, as três principais raças da Europa ocupavam as posições relativas que ocuparam durante todo o período Neolítico e que ocupam hoje, com a exceção de que as espécies Nórdicas estavam menos representadas na Europa Ocidental do que quando, algumas centenas de anos depois, as tribos teutônicas inundaram estes países; mas, por outro lado, os Nórdicos ocupavam grandes áreas na Alemanha Oriental, Hungria, Polônia e Rússia, agora ocupadas pelos eslavos da raça Alpina, e muitos países também da Europa Central eram habitados, na época romana, por bárbaros de cabelos claros e olhos azuis, onde agora a população é preponderantemente morena e, atualmente, torna-se mais e mais.

⁷⁹ Cultura do Ferro encontrada próxima ao lago Neuchâtel, na Suíça, desenvolvida após Hallstatt, entre os séculos V e I a. C., findando com a expansão romana.

⁸⁰ Galeses, termo galês que significa “compatriota”.

CAPÍTULO 4 – A RAÇA ALPINA

A RAÇA ALPINA é claramente de origem oriental e asiática. Forma a extensão mais ocidental de uma subespécie generalizada que, fora da Europa, ocupa a Ásia Menor, o Irã, os Pamirs e o Indocuche. Na verdade, os Himalaias ocidentais foram provavelmente o seu centro de evolução original e radiação, e seus membros asiáticos constituem uma subdivisão distinta, os armenoides.

A raça Alpina distingue-se por uma face redonda e um crânio correspondentemente redondo que, nos verdadeiros armênios, tem uma forma peculiar de pão de açúcar, um caractere que pode ser facilmente reconhecido. Os Alpinos não devem ser confundidos com os mongóis de olhos fendidos que se concentram em torno do Tibete e das estepes do norte da Ásia. O fato de ambas as raças serem de crânio redondo não implica uma identidade de origem, tal como os crânios longos dos Nórdicos e dos Mediterrâneos não exige que ambos sejam considerados da mesma subespécie, embora bons antropólogos tenham sido induzidos em erro por este paralelismo. Os Alpinos são de estrutura robusta e estatura moderadamente baixa, exceto onde foram cruzados com elementos Nórdicos. Esta raça também é caracterizada por cabelos escuros, tendendo a uma cor marrom escura, e na Europa, presentemente, o olho geralmente é escuro, mas às vezes acinzentado. O ancestral Protoalpino das terras altas da Ásia ocidental devem, naturalmente, ter tido olhos morenos e cabelos muito escuros, provavelmente pretos. É difícil determinar se nos justificamos a considerar os olhos cinzentos peculiares às populações de sangue misto Alpino e Nórdico, mas uma coisa é certa: a combinação de olhos azuis e cabelos louros nunca é Alpina.

Os Alpinos europeus conservam muito pouco da sua origem asiática, exceto o crânio, e têm estado em contato com a raça Nórdica há tanto tempo que, na Europa Central e Ocidental, estão por toda parte saturados com o sangue dessa raça. Atualmente, muitas populações hoje tidas por de bons alemães, como a maioria dos wurtembergueses, bávaros, austríacos suíços e tirolezes, são apenas Alpinos teutonizados.

A primeira aparição na Europa dos Alpinos, data do período aziliano, quando este é representado pela raça Furfooz-Grenelle. Houve, mais tarde, várias invasões desta raça que entraram na Europa durante o Neolítico, vindas dos planaltos da Ásia Menor, através dos Balcãs e do vale do Danúbio. Parece também ter passado ao norte do Mar Negro, pois foram descobertos alguns ligeiros vestígios de crânios redondos que antecederam a população existente, mas a braquicefalia russa de hoje é de origem muito posterior.

Esta raça, em sua expansão final para o noroeste, finalmente chegou à Noruega, Dinamarca e Holanda, e plantou entre os nativos doliocéfalos pequenas colônias de crânios redondos, que ainda existem. Quando esta invasão atingiu o extremo noroeste da Europa, sua energia foi escasseada e os invasores foram rapidamente forçados a regressar à Europa Central pelos Nórdicos. Os Alpinos, neste período de máxima extensão, por volta de 1800 a. C., cruzaram a Grã-Bretanha e alguns alcançaram a Irlanda e introduziram o bronze em ambas as ilhas. Como o metal aparece na mesma época na Suécia, é seguro supor que foi introduzido por esta mesma invasão, um registro do qual persiste até hoje na existência de uma colônia de crânios redondos no sudoeste da Noruega.

Em todos os lugares, a cultura do bronze antecede a primeira aparição dos Nórdicos falantes de línguas célticas na Europa Ocidental.

Os homens dos Montes Redondos⁸¹ da Inglaterra eram Alpinos, mas o seu número era tão escasso que não deixaram para atrás nos crânios da população viva qualquer prova demonstrável da sua conquista. Se alguma vez fomos capazes de dissecar com precisão as várias estirpes que entram, em quantidades mais ou menos ínfimas, no sangue das Ilhas Britânicas, encontraremos vestígios dessas estirpes de Montes Redondos, bem como outros remanescentes interessantes e antigos, especialmente nas ilhas e penínsulas ocidentais.

No estudo das populações europeias, o grande e fundamental fato sobre as Ilhas Britânicas é a ausência, hoje em dia, de crânios redondos Alpinos. É o único Estado importante na Europa em que os crânios redondos não desempenham qualquer papel, e é a única nação de qualquer categoria composta exclusivamente por raças Nórdicas e Mediterrânicas em números aproximadamente iguais. Este fato se deve, sem dúvida, a muitas das individualidades da nação inglesa.

A invasão da Europa Central pelos Alpinos, ocorrida no Neolítico, seguida pelos precursores azilianos do mesmo tipo – a raça Furfooz-Grenelle – representou um grande avanço na cultura. Eles trouxeram consigo, da Ásia, a arte de domesticar animais e o primeiro conhecimento dos cereais e da cerâmica, e eram uma raça agrícola em nítido contraste com os caçadores carnívoros que os precederam.

As populações Neolíticas das habitações lacustres da Suíça e do extremo norte da Itália, que floresceram por volta de 5000 a. C., pertenciam todas a esta raça Alpina. Uma comparação dos escassos vestígios físicos destes habitantes de lagos com os habitantes das aldeias existentes nas margens dos lagos demonstra que a forma do crânio pouco ou nada mudou durante os últimos sete mil anos e dá-nos mais uma prova da persistência dos caracteres unitários.

Esta raça Alpina está agora tão aclimatada à Europa que já não é mais asiática em nenhum aspecto, e não tem nada em comum com os mongóis, exceto seus crânios redondos. Esses elementos mongóis, tal como existem hoje em dia em grupos espalhados por toda a Europa Oriental, são remanescentes das posteriores invasões das hordas tártaras que, começando com Átila no século quinto, devastaram a Europa Oriental por centenas de anos.

Na Europa Ocidental e Central, a atual distribuição da raça Alpina é uma recessão substancial em relação à sua extensão original, e foi conquistada e completamente inundada por Nórdicos de línguas celtas e teutônicas. Começando com a primeira aparição dos Nórdicos de língua celta na Europa Ocidental, essa raça foi obrigada a ceder terreno, mas misturou o seu sangue por toda parte com os conquistadores, e agora, depois de séculos de obscuridade, parece estar aumentando novamente às custas da raça principal.

⁸¹ O termo *Round Barrows* refere-se a um tipo de túmulo comum em populações da Europa, em especial na Grã-Bretanha entre o Segundo e Primeiro milênios a. C.

Os Alpinos chegaram à Espanha, assim como chegaram à Grã-Bretanha, em pequenos números e com força esgotada, mas ainda existem ao longo dos Alpes Cantábricos, bem como no lado norte dos Pirinéus, entre os franceses bascos. Há também traços escuros ao longo de toda a costa norte-africana de invasão de crânios redondos por volta de 3000 a. C. através da Síria, Egito, Trípoli e Túnis, e de lá através da Sicília até o sul da Itália.

Hoje, a raça Alpina forma, como no tempo de César, a grande maioria da população da França central, com uma aristocracia Nórdica repousando sobre si. Ocupam, como as classes mais baixas, os planaltos da Bélgica, onde, conhecidos como valões, falam um dialeto francês arcaico intimamente relacionado com as antigas línguas de *oïl*⁸². Eles formam a maioria da população das terras altas da Alsácia, Lorena, Baden, Württemberg, Baviera, Tirol, Suíça e do norte da Itália; em suma, de todo o maciço central da Europa. Na Baviera e no Tirol, os Alpinos estão tão profundamente teutonizados que suas verdadeiras afinidades raciais são traídas apenas por seus crânios redondos.

Quando chegamos à Áustria, entramos em contato com as nações de língua eslava que formam uma subdivisão da raça Alpina, aparecendo tarde na história e irradiando-se das montanhas dos Cárpatos. Na Europa Ocidental e Central, em relação à raça Nórdica, o Alpino é em toda parte o tipo antigo, subjacente e submerso. As terras férteis, os vales fluviais e as cidades estão nas mãos dos teutões, mas na Alemanha Oriental e na Polônia encontramos condições invertidas. Trata-se de uma antiga linhagem Nórdica, com um substrato Nórdico subjacente à maior parte do campesinato, que consiste atualmente em eslavos Alpinos de crânio redondo. Além disso, temos uma classe aristocrática de introdução relativamente recente. Na Alemanha Oriental, esta classe alta é a saxã, e, na Áustria é a suábia e a bávara.

A introdução dos eslavos na Alemanha Oriental é conhecida por infiltração e não por conquista. No século IV, esses vendos eram chamados de *veneti*, antes e *sclaveni*, e eram descritos como fortes em número, mas desprezados na guerra. Através da negligência dos teutões eles foram autorizados a se distanciar de seu lar perto dos Cárpatos a nordeste, e a ocupar as terras anteriormente pertencentes às nações alemãs, que haviam abandonado seu país e afluíram ao Império Romano. Godos, burgúndios, lombardos e vândalos foram substituídos pelo humilde vendo, e seus descendentes hoje formam os soldados dos regimentos da Alemanha Oriental, enquanto os oficiais são recrutados em toda parte da alta classe Nórdica. A relação medieval dessas tribos eslavas com o teutão dominante é bem expressa no significado de “escravo” – que foi anexado ao seu nome em línguas ocidentais.

A ocupação da Alemanha Oriental e Polônia pelos eslavos provavelmente ocorreu de 400 d. C. a 700 d. C., mas estes elementos Alpinos foram reforçados a partir do leste e do sul de tempos em tempos durante os séculos seguintes. Começando no início do século X, sob o imperador Henrique, o Passarinheiro, os saxões voltaram a sua atenção para o leste, e durante os dois séculos seguintes, reconquistaram e germanizaram completamente toda esta seção da Europa.

⁸² *Langues d'oïl* refere-se às línguas galo-românicas surgidas nas porções ao norte da Gália romana, atual França, parte da Bélgica e Ilhas do Canal. Algumas dessas línguas são o valão, normando, borgonhês e o picardo.

Uma semelhante série de mudanças na predominância racial ocorreu na Rússia, onde, além de uma nobreza em grande parte Nórdica, uma parte da população é do tipo Nórdico antigo, embora a maior parte do campesinato seja composto por eslavos Alpinos.

Os Alpinos na Europa Oriental são representados por vários ramos das nações eslavas. Sua área de distribuição foi dividida em duas seções pela ocupação da grande planície daciana pelos húngaros em cerca de 900 d. C. Estes magiares vieram de algum lugar no leste da Rússia além da esfera das línguas arianas, e sua invasão separou os eslavos do norte, conhecidos como vendos, tchecos, eslovacos e polacos, dos eslavos do sul, conhecidos como sérvios e croatas. Esses eslavos do sul entraram na península balcânica no século VI a partir do nordeste, e hoje formam a grande massa da população local.

O centro de radiação de todos esses Alpinos de língua eslava estava localizado nos Cárpatos, especialmente nos distritos rutenos da Galícia e a leste, até a vizinhança dos pântanos do Pripyat e as cabeceiras de águas do Dnieper na Polésia, onde se acredita que os dialetos eslavos se desenvolveram, e de onde eles se espalharam pela Rússia por volta do século VIII. Estes primeiros eslavos eram provavelmente os sármatas dos escritores gregos e romanos, e seu nome “*veneti*” parece ter sido uma designação posterior. A língua original protoeslava, sendo ariana, deve ter sido em alguma data distante imposta pelos Nórdicos aos Alpinos, mas seu desenvolvimento nas línguas eslavas atuais foi um trabalho principalmente dos Alpinos.

Em outras palavras, a expansão dos Alpinos do grupo de língua eslava parece ter ocorrido entre 400 e 900 d. C., e eles se espalharam no leste sobre áreas que eram originalmente Nórdicas, da mesma forma que os teutões haviam anteriormente invadido e submergido os Alpinos anteriores no Ocidente. Os mongóis, os tártaros e os turcos, que invadiram a Europa muito mais tarde, têm pouco em comum com a raça Alpina, exceto o crânio redondo. Todos esses tipos puramente asiáticos têm sido cuidadosamente absorvidos e europeizados, exceto em certas localidades da Rússia, especialmente no leste e no sul, onde as tribos mongoloides mantiveram seu tipo, seja em grupos isolados e relativamente grandes, seja lado a lado com os seus vizinhos eslavos. Em ambos os casos, o isolamento é mantido por diferenças religiosas e sociais.

Os ávaros, também de origem asiática, precederam os magiares na Hungria e os eslavos nos Balcãs, mas fundiram-se com estes últimos sem deixar vestígios que possam ser identificados, a menos que certos caracteres mongoloides encontrados na Bulgária sejam desta origem.

O tipo físico original dos magiares e dos turcos europeus praticamente desapareceu, como resultado de um casamento prolongado com os habitantes originais da Hungria e dos Balcãs. Estas tribos deixaram pouco para trás, exceto sua língua e, no caso dos turcos, a sua religião. Hoje, os húngaros braquicéfalos assemelham-se muito mais aos alemães-austríacos do que às populações de língua eslava que os rodeiam a norte e a sul, ou aos romenos ao leste.

Na sequência dos ávaros, os búlgaros apareceram a sul do Danúbio por volta do final do século VII, vindos do leste da Rússia, onde os remanescentes dos seus

parentes ainda persistem ao longo do Volga. Hoje eles se conformam fisicamente na metade ocidental do país com os sérvios Alpinos, e na metade oriental com a raça Mediterrânea, assim como os romenos da costa do Mar Negro.

Pouco ou nada resta dos búlgaros ancestrais, exceto o nome. A língua, a religião e quase todos os tipos físicos desapareceram, mas não todos.

Os primeiros membros da raça Nórdica, para alcançar o mundo Mediterrâneo, tiveram que passar pelas populações Alpinas, e devem ter absorvido uma certa quantidade de sangue Alpino. Portanto, os úmbrios na Itália e os gauleses da Europa Ocidental, embora predominantemente Nórdicos, estavam mais misturados com o sangue Alpino do que o belga⁸³ ou o galês⁸⁴, ou seus sucessores teutônicos, que, como godos, vândalos, borgonheses, helvécios, alamanos, saxões, francos, lombardos, dinamarqueses e nórdicos, aparecem na história como puros Nórdicos do grupo teutônico.

Em algumas partes do seu território, nomeadamente na Sabóia e no centro da França, a raça Alpina é muito menos afetada pela influência Nórdica do que noutros locais, mas por outro lado apresenta sinais de uma mistura muito antiga com elementos Mediterrâneos e mesmo anteriores. Populações Alpinas braquicéfalas em pureza comparativa ainda existem no interior da Bretanha, embora quase completamente cercadas por populações Nórdicas.

Enquanto os Alpinos estavam por toda a parte inundados e levados à rapidez das montanhas, a natureza bélica e inquieta dos Nórdicos permitiu que a população Alpina mais estável se reafirmasse lentamente, e a Europa provavelmente é muito mais Alpina hoje do que há mil e quinhentos anos.

Os primeiros Alpinos deram contribuições muito grandes para a civilização do mundo, e foram o meio pelo qual muitos avanços na cultura foram introduzidos da Ásia para a Europa. Essa raça, na época da sua primeira aparição no Ocidente, trouxe aos caçadores nômades o conhecimento da agricultura e da cerâmica primitiva e da domesticação de animais, e assim tornou possível um grande aumento da população e o estabelecimento de assentamentos permanentes. Ainda mais tarde, sua expansão final foi o meio pelo qual o conhecimento dos metais atingiu as populações Mediterrâneas e Nórdicas do oeste e do norte. Ao aparecer em cenário Nórdico, a raça Alpina perdeu a sua identidade e afundou-se na posição subalterna e obscura que ainda ocupa.

Na Ásia Ocidental, os membros desta raça têm direito à honra da civilização mais antiga da qual temos conhecimento, a saber, a da Suméria e de seu vizinho ao norte, a Acádia, na Mesopotâmia. É também a raça de Susa, Elam e Média. De fato, toda a civilização mesopotâmica pertence a essa raça, com exceção da Babilônia e Assíria posteriores, que eram árabes e semíticas, e da Pérsia e do império dos cassitas, que eram Nórdicos e arianos.

Nos tempos clássicos, medievais e modernos, os Alpinos desempenharam papel pouco importante na cultura europeia e, na Europa Ocidental, foram tão

⁸³ *Belgae*.

⁸⁴ *Cymry*.

completamente nordicizados que existem mais como um elemento no desenvolvimento racial Nórdico do que como um tipo independente. Existem, no entanto, muitas indicações na história atual que apontam para um grande desenvolvimento da civilização nos ramos eslavos desta raça, e o mundo deve estar preparado para enfrentar, como um dos resultados da presente guerra, uma grande expansão industrial e cultural na Rússia, talvez baseada no poder militar.

CAPÍTULO 5 – A RAÇA MEDITERRÂNEA

A SUBESPÉCIE MEDITERRÂNEA, anteriormente chamada de ibérica, é uma raça relativamente pequena, de ossos leves, crânios longos e cor morena, tornando-se ainda mais morena em certas partes da sua extensão. Ao longo dos tempos Neolíticos, e possivelmente ainda mais cedo, parece ter ocupado, tal como hoje ocupa, todas as margens do Mediterrâneo, incluindo a costa da África desde o Marrocos, a oeste, até ao Egito, a leste. Os Mediterrâneos são os membros ocidentais de uma subespécie de homem que forma uma parte substancial da população da Pérsia, Afeganistão, Baluchistão⁸⁵ e Hindustão, com talvez uma extensão para o sul no Ceilão⁸⁶.

Os afegãos arianizados e os hindus do norte da Índia falam línguas derivadas do sânscrito antigo e estão distantemente relacionados à raça Mediterrânea. Além de uma dolicocefalia comum, esses povos são inteiramente distintos dos dravidianos do sul da Índia, cuja fala é aglutinante e mostram fortes evidências de mistura profunda com o antigo substrato negroide do sul da Ásia.

Em toda a parte asiática de sua extensão, a raça Mediterrânea se sobrepõe a uma raça de negroides ainda mais antiga. Estes negros ainda têm representantes entre os pré-dravidianos da Índia, os indígenas veddas do Ceilão, os sakai da península malásia e os nativos das Ilhas Andaman.

Esta subespécie Mediterrânica, no final do Paleolítico, espalhou-se da bacia do Mar Interior para norte, através da Espanha, por toda a Europa Ocidental, incluindo as Ilhas Britânicas, e, antes da expansão final dos Alpinos, foi amplamente distribuída até tocar o domínio dos doliocéfalos Nórdicos. Não atravessou os Alpes pelo sul, mas espalhou-se pelas montanhas do outro lado do Reno até à Alemanha Ocidental.

Em toda esta vasta extensão, desde as Ilhas Britânicas até ao Hindustão, não se pode supor que exista identidade racial. Certas porções, no entanto, das populações dos países ao longo deste trecho mostram no seu físico indicações claras de descendência de uma raça Neolítica de um tipo original comum, a que podemos chamar Protomediterrâneo.

Muito além da inevitável mistura com elementos Nórdicos tardios e paleolíticos iniciais, o pequeno inglês moreno teve talvez dez mil anos de evolução independente durante os quais ele passou por uma seleção devido às condições climáticas e físicas de seu habitat no norte.

O resultado é que ele se especializou longe da raça Protomediterrânea que contribuiu com este sangue originalmente para a Grã-Bretanha, provavelmente enquanto ainda fazia parte da Europa continental.

No outro extremo da faixa das espécies Mediterrâneas, esta raça na Índia foi cruzada com dravidianos e com negroides pré-dravidianos. Os Mediterrâneos na Índia também lhes impuseram outros elementos étnicos que vieram através das passagens afegãs do noroeste. A mistura racial resultante na Índia teve sua própria linha de

⁸⁵ Maior província do Paquistão, nos planaltos iranianos.

⁸⁶ Nome do Sri Lanka usado até 1972.

especialização. A residência no fundo fértil porém insalubre dos rios, os raios diretos de um sol tropical e a competição com autóctones imemoriais têm sido uma erva daninha impiedosa de geração a geração, até que o hindu existente tenha pouco em comum com o ancestral Protomediterrâneo.

É à raça Mediterrânea nas Ilhas Britânicas que os ingleses, escoceses e americanos devem quaisquer caracteres morenos que possuam. Na Europa central, está subjacente à raça Alpina e, de fato, onde quer que esteja em contato com os Alpinos ou com os Nórdicos, parece representar o estrato mais antigo da população.

Até onde sabemos, este tipo Mediterrâneo nunca existiu na Escandinávia, e todos os elementos morenos ali encontrados devem ser atribuídos a introduções em tempos históricos. A raça Mediterrânea também jamais entrou ou atravessou os altos Alpes, como o fizeram os Nórdicos, numa data muito mais tardia, a caminho da bacia do Mediterrâneo, vindos das costas do Báltico.

A raça Mediterrânica, com as suas extensões asiáticas, é delimitada em todo o norte da sua enorme extensão, desde a Espanha à Índia, por crânios redondos, mas não parece haver tanta evidência de mistura entre estas duas subespécies de homem como há entre os Alpinos e os Nórdicos.

Ao longo de sua fronteira sul, a raça Mediterrânea está em contato com os negros de crânio longo da Etiópia, ou com a antiga população negra do sul da Ásia. Na África, essa raça deslocou-se para o sul, sobre o Saara e até o vale do Nilo, e modificou o sangue dos negros, tanto nas regiões senegambianas quanto equatoriais.

Para além destas misturas de sangue, não há absolutamente nenhuma relação entre a raça Mediterrânica e os negros. O fato de a raça Mediterrânea ser crânio-longa como o negro não indica uma relação conforme antes sugerido. A ênfase excessiva da importância da forma do crânio como carácter somatológico pode facilmente ser enganosa, e outros caracteres unitários que não as proporções do crânio devem também ser cuidadosamente considerados em todas as determinações de raça.

A África ao Norte do Saara, do ponto de vista zoológico, é hoje, e tem sido desde os primórdios do Terciário, uma parte da Europa. Isto é verdade tanto para os animais quanto para as raças do homem. Hoje em dia, os berberes do norte da África são racialmente idênticos aos espanhóis e italianos do sul e aos antigos egípcios, e seus descendentes modernos, os *fellaheen*⁸⁷, são apenas variedades claramente marcadas dessa raça Mediterrânica.

Os egípcios se desvaneceram para o sul no chamado povo hamítico (para usar um nome obsoleto), e a infusão do sangue negro se torna cada vez maior, até chegarmos finalmente ao negro puro. Ao leste, na Arábia, encontramos uma subdivisão antiga e altamente especializada da raça Mediterrânea, que desde tempos imemoriais atravessou o Mar Vermelho e infundiu seu sangue nos negros da África Oriental.

⁸⁷ Forma plural do árabe *fellah* que significa "lavrador", é um agricultor do Oriente Médio e norte da África.

Hoje a raça Mediterrânea forma na Europa uma parte substancial da população das Ilhas Britânicas, grande maioria da população da península ibérica, quase um terço da população da França, Ligúria, Itália ao sul dos Apeninos, e todas as costas e ilhas do Mediterrâneo, em algumas das quais, como a Sardenha, existe com grande pureza. Forma o substrato da população da Grécia e das costas orientais da península dos Balcãs. Por toda parte no interior, exceto no leste da Bulgária e na Romênia, foi substituída pelos eslavos do Sul e pelos albaneses, estes últimos uma mistura dos antigos ilírios e eslavos.

Nas Ilhas Britânicas, a raça Mediterrânea representa a população pré-Nórdica e existe em número considerável no País de Gales e em certas partes da Inglaterra, nomeadamente nos distritos de Fen, ao norte de Londres. Na Escócia, é quase obliterada, deixando para trás apenas sua morenidade como uma indicação da sua prevalência anterior, embora seja agora frequentemente associada à alta estatura.

Esta é a raça que deu ao mundo as grandes civilizações do Egito, de Creta, da Fenícia, incluindo Cartago, da Etrúria e da Grécia micênica. Deu-nos, quando misturados e revigorados com elementos Nórdicos, a mais esplêndida de todas as civilizações, as da antiga Grécia, e a mais duradoura das organizações políticas, o Estado Romano.

Até que ponto a raça Mediterrânea entrou no sangue e na civilização de Roma, é agora difícil dizer, mas as tradições da Cidade Eterna, seu amor à organização, à lei e à eficiência militar, bem como os ideais romanos de vida familiar, lealdade e verdade, apontam claramente para uma origem Nórdica em vez de Mediterrânea.

As lutas no início de Roma entre o latino e o etrusco, e as querelas intermináveis entre patrícios e plebeus, surgiram da existência em Roma, lado a lado, de duas raças distintas e conflituosas, provavelmente Nórdica e Mediterrânea, respectivamente. As qualidades do norte de Roma estão em nítido contraste com os traços Levantinos dos gregos clássicos, cujo espírito volátil e analítico, falta de coesão, incapacidade política e pronto recurso à traição apontam claramente para as afinidades do sul e do leste.

Embora muito antiga, presente por provavelmente dez mil anos na Europa Ocidental e Meridional, e ainda mais tempo na costa sul do Mediterrâneo, esta raça não pode, contudo, ser considerada puramente europeia. A rota de sua migração ao longo da costa norte da África, e até a costa oeste da Europa, pode ser rastreada em toda parte por suas armas e ferramentas de pedra lindamente polidas.

Os monumentos megalíticos também são encontrados em associação com esta raça, e marcam sua linha de avanço na Europa Ocidental, embora se estendam para além do alcance dos Mediterrâneos no domínio dos Nórdicos escandinavos. Essas enormes estruturas de pedra eram principalmente memoriais sepulcrais e parecem ter sido baseadas numa imitação dos monumentos funerários egípcios. Eles remontam ao primeiro conhecimento da fabricação e uso de ferramentas de bronze pela raça Mediterrânea, e ocorrem em grande número, tamanho vasto e variedade considerável ao longo da costa norte da África e até a costa atlântica através da Espanha, Bretanha e Inglaterra até a Escandinávia.

Admite-se que os vários grupos da raça Mediterrânea não falaram, a primeira instância, nenhuma forma de língua ariana. Essas línguas arianas que conhecemos

foram introduzidas no mundo Mediterrâneo a partir do Norte. Temos hoje em dia na língua basca a sobrevivência de uma das línguas pré-arianas, que eram faladas pela população Mediterrânica da península ibérica antes da chegada dos gauleses da raça Nórdica de língua ariana.

A língua destes invasores era celta e substituiu na maior parte do país o antigo idioma dos nativos, que por sua vez foi substituído, juntamente com o fenício, falado em algumas cidades da costa sul, pelo latim do romano conquistador – e o latim, misturado com alguns pequenos elementos da construção gótica e do vocabulário árabe, formam a base dos modernos português, castelhano e catalão.

A raça nativa Mediterrânea da península Ibérica rapidamente absorveu o sangue desses gauleses conquistadores, assim como mais tarde diluiu sem reconhecimento os vigorosos caracteres físicos dos vândalos teutônicos, suevos e visigodos. Ainda hoje persiste uma certa quantidade de sangue Nórdico no noroeste de Espanha, especialmente na Galiza e ao longo dos Pirinéus, bem como, em geral, nas classes mais altas. Os romanos não deixaram provas do seu domínio, exceto na sua língua e religião; enquanto os primeiros fenícios nas costas, e os enxames posteriores de mouros e árabes por toda a península, mas principalmente no Sul, foram intimamente relacionados pela raça com os ibéricos nativos.

Essa porção da raça Mediterrânea que habita o sul da França ocupa o território do antigo Languedoc e Provença, e foram esses provençais que desenvolveram e preservaram durante a Idade Média a civilização romântica dos albigenses, uma sobrevivência da cultura clássica, que foi afogada em sangue por uma cruzada do norte no século XIII.

No norte da Itália, apenas a costa da Ligúria é ocupada pela raça Mediterrânica. No vale do Pó, os Mediterrâneos foram a raça predominante durante o Neolítico primitivo, mas com a introdução do bronze, os Alpinos aparecem, e os crânios redondos prevalecem até hoje ao norte dos Apeninos. Por volta de 1100 a. C., os Nórdicos úmbrios e oscos varreram os Alpes do nordeste, conquistaram o norte da Itália e introduziram seu discurso ariano, que gradualmente se espalhou para o sul. O estado da Úmbria foi depois dominado pelos etruscos, que eram de raça Mediterrânea, e que, por volta de 800 a. C. estenderam seu império para o norte até os Alpes. No século VI a. C. novos enxames de Nórdicos, vindos desta vez da Gália e falando dialetos celtas, tomaram o vale do Pó e, em 390 a. C., esses gauleses, reforçados do norte e sob a liderança de Brennus⁸⁸, invadiram Roma e destruíram completamente o poder etrusco. A partir daí, o vale do Pó passou a ser conhecido como Gália Cisalpina. Misturada com elementos Nórdicos, principalmente góticos e lombardos, essa população persiste até hoje e é a espinha dorsal da Itália moderna.

Um movimento semelhante desses mesmos gauleses ou gálatas, como o mundo grego os chamou, começando pelo norte da Itália, ocorreu um século depois, quando esses Nórdicos subitamente apareceram diante de Delfos na Grécia, em 279 a. C., e então migraram para a Ásia Menor e fundaram o estado chamado Galácia, que durou até os tempos cristãos.

⁸⁸ Breno foi um chefe celta dos Sênones da costa do Adriático, liderando os gauleses no saque de Roma, recuperada pelos romanos apenas mediante a paga de um resgate em dinheiro.

O sul da Itália, até sua conquista por Roma, era Magna Grécia, e a população de hoje mantém muitos elementos gregos pelasgos. É entre esses remanescentes helênicos que os artistas procuram os tipos mais belos da raça Mediterrânea. Na Sicília, também a raça é puramente Mediterrânea, apesar da mistura de tipos vindos das costas vizinhas da Túnis. Esses elementos intrusivos, no entanto, eram todos de raças afins. Os vestígios de elementos Alpinos nestas regiões e na costa africana adjacente são muito escassos e devem ser referidos à grande e última onda de invasão crânio-redonda que introduziu o bronze na Europa.

Na Grécia, os pelasgos Mediterrâneos, que falavam uma língua não-ariana, foram submergidos por aqueus Nórdicos, que entraram do nordeste de acordo com a tradição antes de 1250 a. C., provavelmente entre 1400 e 1300 a. C. Possivelmente havia também ainda ondas anteriores desses mesmos invasores Nórdicos desde 1700 a. C., que foi um período de migração pelo mundo antigo. Estes aqueus estavam armados com armas de ferro da cultura Hallstatt, com as quais conquistaram o bronze usando os nativos. As duas raças, enquanto ainda não misturadas, destacam-se em claro contraste nos relatos homéricos do cerco de Tróia, que é geralmente atribuído à data de 1194 a 1184 a. C.

A mesma invasão que trouxe os aqueus para a Grécia, trouxe um povo Nórdico relacionado até a costa da Ásia Menor, conhecido como frígio. Desta raça vieram os líderes troianos.

Tanto os troianos quanto os gregos eram comandados por enormes príncipes louros, os heróis de Homero, enquanto a maioria dos exércitos de ambos os lados era composta por pequenos pelasgos morenos, imperfeitamente armados e impiedosamente massacrados pelos líderes de ambos os lados. Os únicos soldados comuns mencionados por Homero como da mesma raça que os heróis, eram os mirmidões de Aquiles.

Por volta da época em que os aqueus e os pelasgos começaram a se fundir, novas hordas de bárbaros Nórdicos, chamados coletivamente de helenos, entraram pelas montanhas do norte e destruíram essa antiga civilização homérico-micênica. Esta invasão dórica ocorreu um pouco antes de 1100 a. C. e trouxe as três principais linhagens Nórdicas da Grécia, o dórico, o eólico e os grupos jônicos, que permanecem mais ou menos distintos e separados ao longo da história grega. É mais do que provável que esta invasão ou enxameação de Nórdicos na Grécia fizesse parte da mesma revolta racial geral que trouxe os úmbrios e os oscos para a Itália.

Seguem-se longos anos de intenso e amargo conflito entre a população antiga e os recém-chegados, e quando a turbulência desta revolução se acalmou, surgiu a Grécia clássica. O que restou dos aqueus retirou-se para o norte do Peloponeso, e os sobreviventes da antiga população pelasga permaneceram na Messênia servindo como hilotas aos seus mestres espartanos. As colônias gregas na Ásia Menor foram fundadas por refugiados que fugiam desses invasores dóricos.

A estirpe pelasga parece ter persistido melhor na Ática e nos Estados jônicos. Os espartanos dóricos parecem ter mantido mais do caráter dos bárbaros do norte do que os gregos jônicos, mas a esplêndida civilização helênica se deveu a uma fusão dos dois elementos, o aqueu e o helênico dos Nórdicos, e o pelasgo da raça Mediterrânea.

O contraste entre a Esparta dórica e a Atenas jônica, entre a eficiência militar, a organização completa e o sacrifício do cidadão pelo bem-estar do Estado, que constituiu a base do poder lacedemônio, e o brilhantismo, instabilidade e desenvolvimento extremo do individualismo ático, é notavelmente semelhante ao contraste entre a Prússia com sua cultura espartana, e a França, com sua versatilidade ateniense.

Para esta mistura das duas raças na Grécia clássica, os pelasgos Mediterrâneos contribuíram com sua cultura micênica e os aqueus e helenos Nórdicos contribuíram com sua língua ariana, a eficiência marcial e o aspecto europeu da vida grega.

O primeiro resultado de um cruzamento de duas subespécies tão contrastadas como as raças Nórdica e Mediterrânica, foi repetidamente uma nova explosão de cultura. Isto ocorre assim que a raça mais antiga transmite aos conquistadores a sua civilização, e antes que os vencedores permitam que seu sangue seja inundado pela mistura. Este processo parece ter acontecido várias vezes na Grécia.

Posteriormente, em 339 a. C., quando o sangue Nórdico original tinha sido irremediavelmente diluído pela mistura com os antigos elementos Mediterrânicos, a Hélade tornou-se presa fácil para a Macedônia. As tropas de Filipe e Alexandre eram Nórdicas e representavam o tipo ancestral não-cultivado, mas não misturado, dos aqueus e dos helenos. Seu impecável poder de luta era irresistível assim que foi organizado na falange macedônia, seja contra seus irmãos gregos degenerados, seja contra os persas, cujos elementos Nórdicos originais também já haviam praticamente desaparecido nessa época. Quando, por sua vez, o sangue puro da Macedônia foi prejudicado pela mistura com os asiáticos, eles também desapareceram, e mesmo as dinastias reais da Macedônia na Ásia e no Egito logo deixaram de ser Nórdicas ou gregas, exceto na língua e nos costumes.

É interessante notar que os Estados gregos em que o elemento Nórdico foi mais predominante sobreviveram aos outros Estados. Atenas caiu antes de Esparta, e Tebas sobreviveu a ambos. A Macedônia, em tempos clássicos, era considerada o Estado mais bárbaro da Hélade, e era pouco reconhecida como parte da Grécia, mas foi através do poder militar dos seus exércitos e do gênio de Alexandre que o Levante e a Ásia Ocidental foram helenizadas. Alexandre, com suas características Nórdicas, nariz aquilino, cabelos amarelos suavemente encaracolados e olhos mistos, o azul esquerdo e o direito muito negro, tipifica esta conquista Nórdica do Oriente Próximo.

Não é possível hoje encontrar em pureza os traços físicos da antiga raça nas terras e ilhas de língua grega, e é principalmente entre os Nórdicos puros do tipo anglo-normando que ocorrem esses traços clássicos suaves e regulares, especialmente as linhas do nariz e da testa, que foram o deleite dos escultores da Hélade.

No que diz respeito à Europa moderna, a cultura veio do Sul e não do Leste, e à esta subespécie Mediterrânea deve-se o fundamento de nossa civilização. O antigo mundo Mediterrâneo era dessa raça; a civilização prolongada do Egito, que resistiu durante milhares de anos em sequência quase ininterrupta; o brilhante Império Minoico de Creta, que floresceu entre 4000 e 1200 a. C., e foi o ancestral das culturas

micênicas da Grécia, Chipre, Itália e Sardenha; o misterioso império da Etrúria, o antecessor e mestre de Roma; os Estados e colônias helênicas nos mares Mediterrâneo e Negro; o poder marítimo e mercantil da Fenícia e sua poderosa colônia, a imperial Cartago; todos foram criações dessa raça. O império marítimo de Creta, quando seu palácio real em Cnossos foi incendiado pelos “povos do mar” do Norte, passou para Tiro, Sidom e Cartago, e deles para os gregos, de modo que o desenvolvimento inicial da arte da navegação deve ser atribuído a esta raça e, a partir dela o Norte, séculos mais tarde, aprenderá sua arquitetura marítima.

Embora a raça Mediterrânea não tenha direito à invenção das línguas sintéticas, e embora tenha desempenhado um papel relativamente pequeno no desenvolvimento da civilização da Idade Média ou dos tempos modernos, ainda assim pertence a ela o principal crédito da civilização clássica da Europa, nas ciências, na arte, poesia, literatura e filosofia, bem como na maior parte da civilização da Grécia, e uma participação muito grande no Império de Roma.

No Império Oriental, os Mediterrâneos eram o fator predominante sob o disfarce de gregos bizantinos. Devido ao fato de as nossas histórias terem sido escritas sob a influência da ortodoxia romana, e porque aos olhos dos cruzados francos os gregos bizantinos eram hereges, eles foram por nós considerados como covardes degenerados.

Mas durante toda a Idade Média, Bizâncio representou em sequência ininterrupta o Império de Roma no Oriente e, como capital desse império, manteve a Ásia maometana sob controle por quase mil anos. Quando finalmente em 1453 a cidade imperial, abandonada pela Cristandade Ocidental, foi invadida pelos turcos otomanos, e Constantino, último dos imperadores romanos, caiu de espada na mão, foi decretada uma das maiores tragédias de todos os tempos.

Com a queda de Constantinopla, o Império de Roma finalmente sai de cena na história, e o desenvolvimento da civilização é transferido das terras mediterrâneas e da raça Mediterrânica para o Mar do Norte e a raça Nórdica.

CAPÍTULO 6 – A RAÇA NÓRDICA

NÓS MOSTRAMOS QUE a raça Mediterrânea entrou na Europa pelo sul e faz parte de um grande grupo de povos que se estende para o sul da Ásia, que a raça Alpina veio do leste através da Ásia Menor e do vale do Danúbio e que sua atual distribuição europeia é apenas o ponto mais ocidental de uma pirâmide étnica, cuja base repousa solidamente sobre os povos crânios-redondos dos grandes planaltos da Ásia Central. Ambas as raças são, portanto, extensões ocidentais de subespécies asiáticas, e nenhuma delas pode ser considerada exclusivamente europeia.

Com a raça restante, a Nórdica, contudo, o caso é diferente. Este é um tipo puramente europeu, e tem desenvolvido seus caracteres físicos e sua civilização dentro dos limites daquele continente. **É, portanto, o *Homo europaeus*, o homem branco por excelência.** Em todos os lugares é caracterizado por certas especializações únicas, a saber, loirice, cabelos ondulados, olhos azuis, pele clara, nariz alto, estreito e reto, que estão associados com uma grande estatura, e um crânio longo, além de abundância de pelos corporais e cabelos na cabeça.

Esta abundância de cabelos é um caractere antigo e generalizado que os Nórdicos compartilham com os Alpinos da Europa e da Ásia, mas os olhos e cabelos de cores claras são caracteres de especialização relativamente recente e, conseqüentemente, altamente instáveis.

Atualmente, a pura raça Nórdica está agrupada em torno das margens dos mares Báltico e do Norte, a partir das quais se espalhou para oeste, sul e leste em todas as direções, desaparecendo gradualmente nas duas raças anteriores.

O centro de sua maior pureza está agora na Suécia, e não há dúvida de que, inicialmente, a península escandinava, e mais tarde as margens imediatamente adjacentes do Báltico, eram os centros de irradiação do ramo teutônico ou escandinavo desta raça.

A população da Escandinávia foi composta desta subespécie Nórdica desde o início do Neolítico, e a Suécia hoje representa um dos poucos países que nunca foi dominado pela conquista estrangeira, e nos quais houve apenas um único tipo racial desde o início. Esta nação é única pela sua unidade de raça, língua, religião e ideais sociais.

O sul da Escandinávia só se tornou apta para habitação humana no recuo das geleiras há cerca de doze mil anos, e, aparentemente, foi imediatamente ocupada pela raça Nórdica. Esta é uma das poucas datas geológicas que são absolutas e não relativas. Baseia-se numa interessante série de cálculos feitos pelo Barão De Geer, baseados numa contagem real dos depósitos laminados de argila estabelecidos anualmente pelos glaciares em recuo, cada camada representando o depósito de Verão da corrente subglacial.

Os Nórdicos surgem pela primeira vez no final do Paleolítico, ao longo das costas do Báltico. A mais antiga indústria descoberta nesta região é conhecida como

Maglemose⁸⁹, que se encontra na Dinamarca e noutras partes do Báltico, e é provavelmente a cultura do ramo prototeutônico da raça Nórdica. Ainda não foram encontrados resquícios humanos.

O vigor e o poder da raça Nórdica como um todo é tal que não poderia ter evoluído numa área tão restrita como o sul da Suécia, embora a sua seção teutônica se tenha desenvolvido ali em relativo isolamento. Os Nórdicos devem ter tido um campo maior para a sua especialização e um período mais longo para a sua evolução do que o tempo limitado que decorreu desde que a Suécia se tornou habitável. Para o desenvolvimento de um tipo tão marcado, é necessária uma área continental isolada e protegida por longas idades contra a intrusão de outras raças. As condições climáticas devem ter sido de molde a impor uma eliminação rígida de defeitos através da ação dos invernos rigorosos e da necessidade da indústria e da previsão no fornecimento de alimentos, vestuário e abrigo durante o breve verão. Tais demandas de energia, se mantidas por muito tempo, podem produzir uma raça forte, viril e independente que inevitavelmente dominaria as nações em batalha, cujos elementos mais fracos não haviam sido expurgados pelas condições de um ambiente igualmente severo.

Uma área em conformidade com esses requisitos é oferecida pelas florestas e planícies da Alemanha Oriental, Polônia e Rússia. Foi aqui que o tipo Protonórdico evoluiu, e aqui que os seus restos são encontrados. Eles estavam protegidos da Ásia a leste pelas ligações de água então quase contínuas através da Rússia oriental, entre o Mar Branco e o antigo mar Cáspio-Aral.

Durante o último avanço glacial (a glaciação de Würm), que, como os avanços glaciais precedentes, acredita-se ter sido um período de depressão da terra, o Mar Branco estendeu-se até o sul dos seus limites atuais, enquanto o Mar Cáspio ampliado, então e muito tempo depois ligado ao Mar de Aral, estendeu-se para o norte até a grande curva do Volga. A área intermediária estava repleta de grandes lagos e moradias. Assim, uma barreira hídrica quase completa de mar raso, localizada a oeste das baixas montanhas Urais, separou a Europa da Ásia durante a glaciação de Würm e muito depois. A conexão interrompida foi restaurada pouco antes do amanhecer da história pela ligeira elevação da terra e pelo encolhimento do Mar Cáspio-Aral através da crescente dessecação que deixou sua superfície atual abaixo do nível do mar.

Um elemento importante no isolamento deste berço Nórdico no sul é o fato de, desde os tempos mais remotos até aos nossos dias, a pressão da população ter estado em todo lugar, desde o sombrio e estéril norte para sul e leste até às terras ensolaradas e enervantes da França, Itália, Grécia, Pérsia e Índia.

Nessas florestas e estepes do norte, a raça Nórdica gradualmente evoluiu em isolamento e, desde muito cedo, ocupou a península Escandinava, junto com grande parte da terra agora submersa sob os Mares Báltico e do Norte.

As estirpes Nórdicas formam em todo parte um substrato de população em toda a Rússia e estão na base dos eslavos crânios-redondos que surgiram há pouco

⁸⁹ O período entre 9500 e 6500 a. C. Vide nota 68.

mais de mil anos, como provenientes não da direção da Ásia, mas do sul da Polônia. Montes funerários chamados *kurgans* estão amplamente espalhados por toda a Rússia, desde os Cárpatos até aos Urais, e contêm numerosos restos de uma raça dolicocefala; de fato, mais de três quartos dos crânios são deste tipo. Os crânios redondos primeiro se tornaram numerosos nos antigos cemitérios russos, em cerca de 900 d. C., e logo aumentaram a tal ponto que, no período eslavo dos séculos IX a XIII, metade dos crânios eram braquicéfalos, enquanto nos cemitérios modernos a proporção de crânios redondos é ainda maior. Este antigo elemento Nórdico, no entanto, ainda forma uma parcela muito considerável da população do norte da Rússia e contribui para a loirice e a ruivice tão características do russo atual. À medida que deixamos as costas do Báltico, os caracteres Nórdicos desvanecem-se, tanto para sul como para leste. O elemento louro na nobreza da Rússia é de origem escandinava e teutônica tardia.

Quando os mares que separavam a Rússia da Ásia secaram, e quando o isolamento e o clima exigente do norte fizeram o seu trabalho e produziram o vigoroso tipo Nórdico, esses homens irromperam sobre as raças do sul, conquistando o leste, o sul e o oeste. Eles trouxeram do Norte a dureza e o vigor adquiridos sob a rigorosa seleção de uma longa temporada de inverno, e venceram em batalha os habitantes de civilizações mais antigas e fracas, apenas para sucumbir às influências suavizantes de uma vida de tranquilidade e abundância em seus novos lares.

A primeira aparição na história dos Nórdicos de língua ariana é a nossa primeira obscura visão dos sakas que introduziram o sânscrito na Índia, dos cimérios que atravessam as passagens do Cáucaso pelas pastagens do sul da Rússia para invadir o império dos medos, e os aqueus e frígios que conquistaram a Grécia e a costa do Egeu da Ásia Menor. Em cerca de 1100 a. C. os Nórdicos entram na Itália como úmbrios e oscos, e logo depois atravessam o Reno até a Gália. Essa vanguarda ocidental era composta de tribos de língua celta que há muito ocupavam os distritos da Alemanha situados a sul e a oeste dos Nórdicos de língua teutônica, os quais, nessa data inicial, estavam provavelmente confinados à Escandinávia e às margens imediatas do Báltico, e estavam começando a avançar rumo ao sul.

Esta primeira onda de Nórdicos parece ter avançado para oeste ao longo das planícies arenosas do norte da Europa, entrando na França através dos Países Baixos. A partir deste ponto, como gaélicos, eles se espalham ao norte para a Grã-Bretanha, chegando lá por volta de 800 a. C. Como gauleses, eles conquistaram toda a França e empurraram para o sul e oeste da Espanha, e sobre os Alpes Marítimos para o norte da Itália, onde encontraram seus parentes úmbrios Nórdicos, que em uma data anterior haviam cruzado os Alpes do nordeste. Outros Nórdicos de língua celta aparentemente migraram para o Reno e para o Danúbio e, na época em que os romanos entraram em cena, os Alpinos da Europa Central haviam sido completamente celticizados. Essas tribos empurradas para o leste, para o sul da Rússia, chegaram à Crimeia já no quarto século a. C. Misturados com os nativos, foram chamados pelos gregos de celto-citas. Esta enxameação para fora da Alemanha dos primeiros Nórdicos ocorreu durante as fases finais do Período do Bronze, e foi contemporânea, e provavelmente causada, pela primeira grande expansão dos teutões da Escandinávia tanto pela costa da Dinamarca quanto pelo Mar Báltico.

Esses invasores foram sucedidos por uma segunda onda de povos de língua celta, os galeses (*cymry*), que conduziram os seus predecessores gaélicos (*goidel*) ainda mais para o oeste, exterminando-os e absorvendo-os em grandes áreas. Estas invasões galesas ocorreram por volta de 300 a 100 a. C. e foram provavelmente o resultado do crescente desenvolvimento dos teutões e sua expulsão final das tribos de língua celta da Alemanha. Esses galeses ocuparam o norte da França sob o nome de *belgae* e invadiram a Inglaterra como bretões, e suas conquistas tanto na Gália quanto na Grã-Bretanha foram verificadas apenas pelas legiões de César.

Estas migrações são extremamente difíceis de rastrear por conta da confusão causada pelo fato de que o discurso celta é agora encontrado nos lábios das populações de modo algum relacionadas com os Nórdicos que o introduziram pela primeira vez. Mas um fato se destaca claramente: todas as tribos de língua celta originais eram puramente Nórdicas.

Quais eram os caracteres físicos especiais destas tribos, nos quais diferiam de seus sucessores teutônicos, é agora impossível dizer, para além da possível sugestão de que, nas Ilhas Britânicas, as populações escocesas e irlandesas em que cabelos ruivos e olhos cinzentos ou verdes são abundantes têm muito mais desta linhagem celta do que os teutões de cabelos louros, cujos olhos azuis claramente não são celtas.

Quando os povos chamados gauleses ou celtas pelos romanos e gálatas pelos gregos aparecem pela primeira vez na história, eles são descritos exatamente nos mesmos termos que foram os teutônicos. Eram todos bárbaros gigantescos, de cabelos claros e muitas vezes ruivos mais frequentes do que hoje, com olhos cinzentos ou ferozmente azuis, e assim eram claramente membros da subespécie Nórdica.

As primeiras nações de língua celta com as quais os romanos entraram em contato eram gaulesas, e provavelmente haviam incorporado muito sangue Alpino quando atravessaram as montanhas no domínio da história clássica. O elemento Nórdico tornou-se ainda mais fraco pela absorção das populações conquistadas, quando, em data posterior, os romanos romperam o anel das nações celtas e entraram em contato com os puramente Nórdicos galeses e teutões.

Depois dessas primeiras expansões de gauleses e galeses, os teutões aparecem em cena. Dos teutões puros dentro do conhecimento da história, não é necessário mencionar mais do que o mais importante da longa série de tribos conquistadoras.

O maior de todos eles foram talvez os godos, que vieram originalmente do sul da Suécia e estavam há muito localizados na costa alemã oposta, na foz do Vístula. Daqui atravessaram a Polônia até à Crimeia, onde eram conhecidos no primeiro século. Trezentos anos depois, eles foram levados para o oeste pelos hunos e forçados a entrar na planície daciana e ao longo do Danúbio no Império Romano. Aqui eles se dividiram; os ostrogodos, após um período de sujeição aos hunos no Danúbio, devastaram as províncias europeias do Império Oriental, conquistaram a Itália e fundaram ali uma grande nação, mas de curta duração. Os visigodos ocuparam grande parte da Gália e depois entraram na Espanha, conduzindo os

vândalos antes deles para a África. Os teutões e cimbrós foram destruídos por Mário no sul da Gália em cerca de 100 a. C.; os gépidas; os alanos; os suevos; os vândalos; os helvécios; os alamanos do Alto Reno; os marcomanos; os saxões; os batavos; os frísios; os anglos; os jutos, lombardos e hérulos da Itália; os burgúndios do leste da França; os francos do Baixo Reno; os danes; e os últimos de todos, os vikings nórdicos, varreram a história. Menos conhecidos, mas de grande importância, são os varangianos, que, vindos da Suécia nos séculos IX e X, conquistaram a costa do Golfo da Finlândia e grande parte da Rússia Branca, e deixaram aí uma dinastia e aristocracia de sangue Nórdico. Nos séculos X e XI, eles foram os governantes da Rússia.

As tradições dos godos, vândalos, lombardos e burgúndios apontam para a Suécia como sendo sua terra natal mais antiga, e provavelmente todas as tribos germânicas puras vieram originalmente da Escandinávia e estavam intimamente relacionadas.

Quando essas tribos teutônicas desceram das costas do Báltico, os seus antecessores Nórdicos de língua celta já estavam muito misturados com as populações subjacentes, a Mediterrânea a oeste e Alpina no sul. Estes “celtas” não eram reconhecidos pelos teutões como parentes em nenhum sentido, e eram todos chamados galeses ou estrangeiros. Desta palavra derivam os nomes “Gales”, “Cornualha” ou “Cornúbia”, “Valais”, “valões” e “valaquiano” ou “*vlach*”⁹⁰.

⁹⁰ A palavra a que todas estas formações se referem é *welsh*, “galês”, de *Wales*, “Gales”.

CAPÍTULO 7 – A EUROPA TEUTÔNICA

NÃO É POSSÍVEL um entendimento adequado do significado da história da Cristandade ou da total apreciação do lugar nos países Nórdicos teutônicos neste meio sem uma breve revisão dos acontecimentos na Europa dos últimos dois mil anos.

Quando Roma caiu e as condições comerciais se transformara, foi necessária a transferência de poder de sua capital histórica na Itália para uma situação estratégica no Bósforo, a Europa Ocidental foi definitivamente e finalmente abandonada a seus invasores teutônicos. Esses mesmos bárbaros subiram várias vezes ao Propontis⁹¹, apenas para recuar diante da força organizada do Império Bizantino e das muralhas de Mikklegard⁹². A linha final de divisão entre os Impérios Ocidental e Oriental correspondia estreitamente aos limites do discurso latino e grego e as diferenças de linguagem, sem dúvida, foram a principal causa da divergência política e, mais tarde, religiosa entre eles.

Até a chegada dos eslavos Alpinos, o Império Oriental ainda mantinha na Europa a península dos Balcãs e grande parte do mediterrâneo oriental. O Império Ocidental, no entanto, entrou em colapso sob o impacto das hordas de teutões Nórdicos em uma data muito anterior. Nos séculos IV e V de nossa era, o norte da África, outrora o império de Cartago, havia se tornado a sede do reino dos vândalos Nórdicos. A Espanha caiu sob o controle dos visigodos e a Lusitânia, hoje Portugal, sob o domínio dos suevos. A Gália era visigótica no sul e burgúndia no leste, enquanto o reino franco dominava o norte até que finalmente absorveu e incorporou todos os territórios da antiga Gália e a tornou a terra dos francos. Estritamente falando, a metade norte da França e os distritos vizinhos, o país das línguas de *oïl*⁹³, são a verdadeira terra dos francos, enquanto o sul do Languedoc⁹⁴ nunca foi franco, exceto por conquista, e nunca foi tão completamente nordicizado quanto o norte. Quaisquer que sejam os elementos Nórdicos ainda a serem encontrados, existem góticos e burgúndios, mas não francos.

A Itália caiu sob o controle primeiro dos ostrogodos e depois dos lombardos. Os saxões puramente Nórdicos com tribos afins conquistaram as Ilhas Britânicas e, enquanto isso, os Nórdicos e danes escandinavos contribuíram com um grande elemento para todas as populações costeiras do sul da Espanha e os suecos organizaram no Báltico oriental o que hoje é a Rússia.

Assim, quando Roma se foi, toda a Europa se tornou superficialmente teutônica. A princípio, esses teutões eram tribos isoladas e independentes, com uma relação sombria com o único estado organizado que eles conheceram, o Império de Roma. Então veio a invasão maometana, que chegou ao oeste europeu da África e destruiu o reino visigótico. Os muçulmanos seguiram sem controle até que seus cavaleiros leves se despedaçaram contra a pesada cavalaria armada de Carlos Martel e seus francos em Tours, em 732 d. C.

⁹¹ Nome antigo para o Mar de Mármara, mar interior que divide o Negro do Egeu, envolvido pela Turquia.

⁹² Nome varangiano ou viking para Constantinopla.

⁹³ Corresponde à Gália romana, atual região setentrional francesa, parte da Bélgica e Ilhas do Canal.

⁹⁴ Região costeira do sul da França que faz fronteira com a Espanha e abre-se ao Mar Mediterrâneo.

A destruição do reino dos vândalos pelos exércitos do Império Bizantino, a conquista da Espanha pelos mouros e finalmente a derrubada dos lombardos pelos francos foram muito facilitadas pelo fato de que esses bárbaros, vândalos, godos, suevos e lombardos, com a única exceção dos francos, eram originalmente cristãos da confissão ariana ou unitariana⁹⁵ e, como tal, eram considerados hereges por seus súditos cristãos ortodoxos. Somente os francos foram convertidos do paganismo diretamente para a fé trinitária, à qual aderiram as antigas populações do Império Romano. Dessa ortodoxia dos francos surgiu a estreita relação entre a França, “a filha mais velha da igreja”, e o papado, uma conexão que durou mais de mil anos – na verdade, quase até os nossos dias.

Com os godos eliminados, a Cristandade Ocidental tornou-se franca. No ano 800 d. C. Carlos Magno foi coroado em Roma e restabeleceu o Império Romano no oeste, que incluía toda a Cristandade fora do Império Bizantino. De alguma forma ou formato, esse Império Romano durou até o início do século XIX e, durante todo esse tempo, formou a base do conceito político do homem europeu.

Hoje, esse mesmo conceito está na raiz da ideia imperial. Kaiser, Czar e Imperador, cada um leva seu nome e de alguma forma se compromete a traçar seu título de César e do Império. Carlos Magno e seus sucessores reivindicaram e frequentemente exerceram domínio sobre todas as outras nações cristãs continentais e, quando as Cruzadas começaram, foi o Imperador Alemão que liderou as hostes francas contra os sarracenos. Carlos Magno era um imperador alemão, sua capital estava em Aquisgrana⁹⁶ dentro dos limites atuais do Império Alemão e a língua de sua corte era o alemão. Por vários séculos após a conquista da Gália pelos francos, sua língua teutônica se manteve contra o discurso latino dos gauleses romanizados.

A história de toda a Europa cristã está em algum grau entrelaçada com este Sacro Império Romano. Embora o Império não fosse sacro nem romano, mas totalmente secular e teutônico, foi, no entanto, o coração da Europa por séculos. Holanda e Flandres, Lorena e Alsácia, Burgúndia e Luxemburgo, Lombardia e Vêneto, Suíça e Áustria, Boêmia e Estíria são Estados que originalmente faziam parte do Império, embora muitos deles tenham sido arrancados por nações rivais ou se tornaram independentes, enquanto grande parte do norte da Itália permaneceu sob o domínio da Áustria na memória dos homens vivos.

O Império desperdiçou sua força em ambições imperiais e conquistas estrangeiras, ao invés de consolidar, organizar e unificar seus próprios territórios e o fato de a coroa imperial ter sido eletiva por muitas gerações antes de se tornar hereditária na Casa de Habsburgo, observou a unificação da Alemanha durante a Idade Média.

Uma forte monarquia hereditária, como a que surgiu na Inglaterra e na França, teria antecipado a Alemanha hoje em mil anos e a tornaria o Estado predominante na Cristandade, mas elementos perturbadores na pessoa dos grandes duques territoriais

⁹⁵ Visão cristológica antitrinitária dos seguidores de Ário, cristão que negava a consubstancialidade entre Jesus e o Deus-Pai. É uma visão que separa Deus e Jesus em pai e filho, relegando Deus a um mistério absoluto. Tal concepção foi condenada como heresia no Concílio de Niceia em 325 organizada por Constantino I.

⁹⁶ Aken ou Kaiserdom em alemão, ou no francês, Aix-la-Chapelle.

foram bem-sucedidos ao longo de sua história na prevenção de uma concentração efetiva de poder nas mãos do imperador.

Que o imperador alemão era considerado, embora vagamente, o senhor supremo de todos os monarcas cristãos foi claramente indicado quando Henrique VIII da Inglaterra e Francisco I da França apareceram como candidatos à coroa imperial contra Carlos da Espanha, depois do imperador Carlos V.

A Europa era o Sacro Império Romano e o Sacro Império Romano era a Europa predominantemente até a **Guerra dos Trinta Anos**. Essa guerra foi talvez a maior catástrofe de todos os horríveis crimes cometidos em nome da religião. Destruiu uma geração inteira, levando a cada ano por trinta anos a melhor masculinidade das nações.

Dois terços da população da Alemanha foram destruídos, em alguns estados como a Boêmia, três quartos dos habitantes foram mortos ou exilados, enquanto dos 500.000 habitantes em Württemberg havia apenas 48.000 no final da guerra. Por mais terrível que tenha sido essa perda, a destruição não caiu igualmente nas várias raças e classes da comunidade. Obviamente, isso afetou muito o grande homem loiro e, no final da guerra, os Estados alemães continham uma proporção muito menor de sangue Nórdico. De fato, a partir de então, a raça puramente teutônica na Alemanha foi amplamente substituída pelos tipos Alpinos no sul e pelos tipos vendos e poloneses no leste. Essa mudança de raça na Alemanha foi tão longe que foi calculado que dos 70.000.000 de habitantes do Império Alemão, apenas 9.000.000 são puramente teutônicos em caracteres de coloração, estatura e crânio. A raridade de tipos puramente teutônicos e nórdicos entre os imigrantes alemães na América, em contraste com sua prevalência quase universal entre os da Escandinávia, é rastreável à mesma causa.

Além disso, a Guerra dos Trinta Anos virtualmente destruiu os proprietários de terra e pequenas nobrezas, anteriormente encontradas na Alemanha medieval, tão numerosamente quanto na França ou na Inglaterra. As guerras religiosas da França, apesar de não serem tão devastadoras para a nação como um todo, como foi a Guerra dos Trinta Anos na Alemanha, enfraqueceram bastante o tipo de cavaleiro francês, a "*petite noblesse de province*⁹⁷". Na Alemanha, essa classe floresceu e, durante a Idade Média, contribuiu com um grande número de cavaleiros, poetas, pensadores, artistas e artesãos que deram charme e variedade à sociedade da Europa central. Mas, como foi dito, essa parte da população foi praticamente exterminada na Guerra dos Trinta Anos e essa classe de gentis-homens praticamente desapareceu da história alemã a partir de então.

Quando a Guerra dos Trinta Anos ali terminou, nada restava na Alemanha, exceto o campesinato brutalizado, em grande parte derivado dos Alpinos no sul e leste, e a alta nobreza que se afastou das labutas da guerra sem fim para imitar em pequena escala a corte de Versalhes. Após essa longa luta, as fronteiras da Europa central entre o Norte Protestante e o Sul Católico seguem num grau acentuado a fronteira entre a planície do norte habitada principalmente pelos Nórdicos e os países mais montanhosos do sul, povoados quase inteiramente por Alpinos.

⁹⁷ Pequena nobreza provincial.

A Alemanha levou dois séculos para recuperar seu vigor, sua riqueza e suas aspirações a um lugar sob o sol.

Durante esses anos, a Alemanha era uma não-entidade política, um mero amontoado de pequenos Estados brigando e disputando entre si, reivindicando e possuindo apenas o Império do Ar, como o expressou Napoleão alegremente. Enquanto isso, a França e a Inglaterra fundaram seus impérios coloniais além dos mares.

Quando, na última geração, a Alemanha tornou-se unificada e organizada, ela se viu não apenas tarde demais para participar desses empreendimentos coloniais, mas também carecia de grande parte do elemento racial e ainda mais das classes que eram sua maior força e glória antes da Guerra dos Trinta Anos. Hoje, a terrível raridade nos exércitos alemães de cavalheirismo e generosidade em relação às mulheres e de proteção e cortesia cavalheiresca em relação aos prisioneiros ou feridos pode ser amplamente atribuída a essa aniquilação das classes gentis. Os alemães de hoje, que quer morem nas fazendas ou nas cidades, são em sua maioria descendentes dos camponeses que sobreviveram, não dos cavaleiros brilhantes e soldados de infantaria fortes que caíram naquele poderoso conflito. O conhecimento desse grande passado, quando a Europa era teutônica, e as lembranças da grandeza sombria dos imperadores Hohenstaufen⁹⁸, que, geração após geração, lideraram exércitos teutônicos sobre os Alpes para reivindicar seu título às províncias italianas, tiveram não pouca participação na consciência alemã moderna.

Essas tradições e o conhecimento de que suas próprias dissensões religiosas os varreram da liderança do mundo europeu estão na base do ideal imperial alemão de hoje e é por esse ideal que os exércitos alemães estão morrendo, assim como seus ancestrais por mil anos sob seus Fredericos, Henriques, Conrados e Ottos.

Mas o Império de Roma e o Império de Carlos Magno não existem mais e o tipo teutônico está dividido quase igualmente entre as forças contendentes nesta guerra mundial. Com os Estados Unidos em campo, o equilíbrio do puro sangue Nórdico estará fortemente contra os poderes centrais, que se orgulham de serem “as potências teutônicas”.

É tarde demais para a Alemanha e ela está limitada a um destino fixo e a ela ordenado no dia fatal de 1618, quando o Habsburgo Fernando forçou a revolta dos protestantes da Boêmia.

Embora, como resultado da Guerra dos Trinta Anos, o Império Alemão seja muito menos Nórdico do que na Idade Média, o norte e o noroeste da Alemanha ainda são teutônicos em todas as regiões e no leste e no sul os Alpinos foram completamente germanizados com uma aristocracia e uma classe alta de predominância de puro sangue teutônico.

⁹⁸ Foi uma dinastia de príncipes suábios que nos séculos XII e XIII dominou o Sacro Império Romano-Germânico e de onde vieram os mais importantes príncipes, reis e imperadores alemães.

CAPÍTULO 8 – A EXPANSÃO DOS NÓRDICOS

ATUALMENTE, OS HOMENS de sangue Nórdico formam toda a população dos países escandinavos, assim como a maioria da população das Ilhas Britânicas, e são de tipo quase puro na Escócia e no leste e norte da Inglaterra. O reino Nórdico inclui todo o terço norte da França, com extensões para o sudoeste fértil; todas as planícies ricas de Flandres; toda a Holanda; a metade norte da Alemanha, com extensões no Reno e no Danúbio; e o norte da Polônia e da Rússia. Cálculos recentes mostram que existem cerca de 90 milhões de tipos físicos puramente Nórdicos na Europa de uma população total de 420 milhões⁹⁹.

Em todo o sul da Europa, uma nobreza Nórdica de tipo teutônico forma por toda a parte as velhas classes aristocráticas e militares, ou o que delas resta agora. Estes aristocratas, tanto quanto o seu sangue é puro, são mais altos e mais loiros do que as populações nativas, sejam elas Alpinas na Europa Central ou Mediterrânicas na Espanha ou no sul da França e da Itália.

Os países que falam dialetos do baixo alemão são quase puramente Nórdicos, mas as populações da língua alemã alta são em grande parte Alpinos teutonizados, e ocupam terras outrora pertencentes a falantes do céltico. A distinção principal entre os dois dialetos é a presença de um grande número de elementos celtas no alto alemão.

No norte da Itália há uma grande quantia de sangue Nórdico. Na Lombardia, Veneza e noutras partes do país, a aristocracia é mais loura e mais alta do que o campesinato, mas o elemento Nórdico na Itália diminuiu visivelmente desde a Idade Média. Desde os tempos romanos, durante mil anos, os teutônicos invadiram o norte da Itália, através dos Alpes, principalmente pelo caminho da passagem do Brennero. Com a paralisação dessas invasões Nórdicas, esta linhagem parece ter crescido menos em toda a Itália.

Na península balcânica há pouco a mostrar sobre as inundações de sangue Nórdico que surgiram nos últimos 3500 anos, começando com os aqueus de Homero, que apareceram em massa pela primeira vez por volta de 1400 a. C., e foram seguidos sucessivamente pelos dóricos, cimérios e gauleses, até os godos e varangianos dos tempos bizantinos.

A alta estatura da população ao longo dos Alpes ilírios, do Tirol à Albânia no sul, é sem dúvida de origem Nórdica, e data de algumas dessas invasões iniciais, mas esses ilírios foram tão cruzados com os eslavos que todos os outros elementos loiros foram perdidos, e a população existente é essencialmente do tipo Alpino braquicefálico. Os poucos vestígios de loirice que restam neste distrito, mais particularmente na Albânia, devem provavelmente ser atribuídos a infiltrações posteriores, assim como os chamados elementos francos na Bósnia. Na Rússia e na Polónia, a estatura nórdica, a loirice e o crânio longo crescem cada vez menos pronunciados à medida que se avança para sul e para leste a partir do Golfo da Finlândia.

⁹⁹ A título de curiosidade, segundo este cálculo, os Nórdicos corresponderiam, em 1916, ano de publicação da primeira edição do presente livro, a exatamente 21,42% da população total da Europa. De acordo com dados demográficos de 2016 a população europeia é de 742 milhões de habitantes, o que equivaleria então a cerca de 158 milhões de europeus de tipo Nórdico.

Parece que em todas as partes da Europa fora do seu habitat, o sangue Nórdico está em declínio, da Inglaterra à Itália, e que as populações antigas, aclimatadas e primitivas de raça Alpina e Mediterrânea estão sutilmente reafirmando o seu poder político há muito perdido através de uma elevada taxa de reprodução e de instituições democráticas.

Na Europa Ocidental, a primeira onda das tribos Nórdicas surgiu há cerca de três mil anos, e foi seguida por outras invasões, com o elemento Nórdico tornando-se mais forte até que, depois da queda de Roma, tribos inteiras mudaram-se para as suas províncias, germanizando-as mais ou menos por períodos variados de tempo.

Estes Nórdicos entrantes se casaram com as populações nativas e foram gradualmente se reproduzindo, e o ressurgimento da antiga população nativa prosseguiu de forma constante desde que o franco Carlos Magno destruiu o reino da Lombardia, e continua, hoje em dia, com vigor inabalável. Este processo foi bastante acelerado na Europa Ocidental pelas Cruzadas e pelas guerras religiosas e napoleônicas. A Guerra mundial, agora em pleno andamento com o seu saldo de milhões, deixará a Europa muito mais pobre em sangue Nórdico. Um de seus mais certos resultados será a destruição parcial das classes aristocráticas em todo o norte da Europa. Na Inglaterra, a nobreza já sofreu mais em batalhas do que em qualquer outro século desde as Guerras das Rosas. Isso tenderá a realizar a padronização dos tipos tão cara aos ideais democráticos. Se a igualdade não pode ser obtida alongando e elevando os atrofiados de corpo e mente, ela pode pelo menos ser realizada pela destruição dos exaltados em estatura e alma. O leito de Procusto opera com a mesma exatidão fatal quando encurta o longo e quando alonga o pequeno.

Os primeiros Nórdicos na Espanha foram os gauleses que atravessaram os Pireneus por volta do século VII antes da nossa era, e introduziram o discurso ariano na península Ibérica. Eles rapidamente se misturaram com os nativos do Mediterrâneo e os espanhóis compostos foram chamados pelos romanos de celtibéricos.

Em Portugal e Espanha, existem na estrutura física da população poucos vestígios destes primeiros invasores Nórdicos de língua celta, mas os suevos, que mil anos mais tarde ocuparam partes de Portugal, e os vândalos e visigodos que conquistaram e mantiveram a Espanha durante trezentos anos, deixaram algumas pequenas evidências do seu sangue, e nas províncias do noroeste da Espanha uma porcentagem considerável de olhos claros revela estes elementos Nórdicos na população.

Tradições castelhanas profundamente enraizadas associam a aristocracia à loirice, e o "*sangre azul*", ou sangue azul da Espanha, refere-se ao olho azul do godo, cuja reivindicação tradicional de senhorio também é mostrada no nome espanhol de cavaleiro, "*hidalgo*", ou filho do godo.

Enquanto essa nobreza gótica controlava os Estados espanhóis durante as cruzadas sem fim contra os mouros, a Espanha pertencia aos reinos Nórdicos, mas quando seu sangue foi prejudicado por perdas em guerras travadas fora da Espanha e na conquista das Américas, o cetro caiu dessa nobre raça para as mãos do pequeno

e escuro ibérico, que não tinha o vigor físico nem a força intelectual para manter o império mundial construído pela raça mais forte.

Os esplêndidos conquistadores do Novo Mundo eram de tipo Nórdico, mas a sua linhagem pura não sobreviveu por muito tempo ao seu novo ambiente, e hoje eles desapareceram completamente, deixando para trás apenas sua língua e religião. Depois de considerar bem estes fatos, não teremos de continuar a procurar as causas do colapso da Espanha.

Na época da conquista de César, a Gália estava sob o domínio da raça Nórdica, que fornecia a maior parte da população do norte, bem como as classes militares em outros lugares, e o poder e o vigor da nação francesa foram baseados nesse sangue e nos seus reforços posteriores. De fato, na Europa de hoje, a quantidade de sangue Nórdico em cada nação é uma medida muito justa de sua força na guerra e na civilização.

Quando, por volta de 1000 a. C., os primeiros Nórdicos cruzaram o baixo Reno, encontraram a raça Mediterrânea na França, em toda parte, dominada por uma população Alpina, exceto no sul, e antes da época de César, a língua celta desses invasores, que estava relacionada com a língua gaélica ainda falada em partes da Irlanda e nas Terras Altas da Escócia, havia sido imposta a toda a população, e todo o país estava saturado com sangue Nórdico. Estes primeiros Nórdicos a oeste eram conhecidos no mundo antigo como gauleses. Estes gauleses ou “celtas”, como eram chamados por César, ocuparam em sua época o centro da França. A verdadeira compleição racial dessa parte da França era, então, predominantemente Alpina e assim o é agora, mas essa população foi completamente celticizada pelos gauleses, exatamente como foi integralmente latinizada, em uma data posterior, pelos romanos.

O terço norte da França, ou seja, acima de Paris, foi habitado na época de César pelos *belgae*, um povo Nórdico da divisão galesa dos falantes do céltico. Eles eram em grande parte de sangue teutônico e, de fato, deveriam ser considerados como os precursores imediatos dos alemães, e eles provavelmente representam os primeiros teutões que haviam cruzado a Suécia e adotado o discurso celta de seus parentes Nórdicos que encontraram no continente. Esses *belgae* haviam seguido os gaélicos anteriores, em toda a Alemanha, até a Grã-Bretanha e a Gália, e estavam rapidamente deslocando seus predecessores Nórdicos, que nessa época estavam muito enfraquecidos pela mistura com os autóctones, quando Roma apareceu em cena e estabeleceu um limite para as suas conquistas pela *Pax Romana*.

Os *belgae* do norte da França e dos Países Baixos eram os mais bravos dos povos da Gália, segundo a observação bem conhecida de César, mas a reivindicação dos belgas de hoje de descender desta raça não tem fundamento e repousa unicamente no fato de que o atual Reino da Bélgica, que só se tornou independente e assumiu seu orgulhoso nome em 1830, ocupa um pequeno e relativamente insignificante canto da terra dos *belgae*. Os flamengos da Bélgica são francos Nórdicos que falam um baixo alemão, e os valões são Alpinos cuja língua é um francês arcaico.

Os remanescentes *belgae* e gaélicos de sangue Nórdico no centro da Gália, considerados em conjunto, provavelmente constituíam apenas uma minoria em sangue da população, mas eram em toda parte as classes militares e governantes. Estes

elementos Nórdicos foram mais tarde reforçados por poderosas tribos teutônicas, nomeadamente, vândalos, visigodos, alanos, saxões, burgúndios, e o mais importante, os francos do baixo Reno, que fundaram a França moderna e fizeram dela durante longos séculos a “grande nação” da Cristandade.

As dinastias francas, muito depois de Carlos Magno, eram de sangue puramente teutônico, e as classes aristocráticas de proprietários de terras e de militares, até a grande Revolução, eram por toda parte deste tipo, quais na época da criação do reino franco, haviam incorporado todos os outros elementos Nórdicos da antiga Gália romana, tanto gauleses como belgas.

A última invasão de bárbaros de língua teutônica foi a dos nórdicos dinamarqueses, que eram, claro, de puro sangue Nórdico, e que conquistaram e estabeleceram a Normandia em 911 d. C. Assim que as invasões bárbaras cessaram, as antigas linhagens de sangue aborígene, Mediterrâneo e Alpino, e elementos derivados dos tempos Paleolíticos, iniciaram uma recuperação lenta e constante. Passo a passo, com o reaparecimento destas unidades populacionais primitivas e profundamente enraizadas, o elemento Nórdico na França declinou, e com ele, o vigor da nação.

Os principais eventos históricos dos últimos mil anos aceleraram este processo, e o fato de o elemento Nórdico constituir, em toda parte, a camada combatente da comunidade fez com que a perda na guerra caísse desproporcionalmente como entre as três raças em França. As guerras religiosas enfraqueceram enormemente a nobreza provincial Nórdica, que a princípio era amplamente protestante, e o processo de extermínio das classes altas foi completado pelas guerras revolucionárias e napoleônicas. Diz-se que estas últimas guerras encurtaram a estatura dos franceses em quatro polegadas¹⁰⁰; em outras palavras, a alta estirpe Nórdica foi eliminada em proporções maiores do que a pequena morena.

Quando, pelo sufrágio universal, a transferência de poder foi concluída de uma aristocracia Nórdica para as classes mais baixas, predominantemente de extração Alpina e Mediterrânea, o declínio da França no poder internacional instalou-se.

Os sobreviventes da aristocracia, despojados do poder político e de grande parte da riqueza, rapidamente perderam seu orgulho de casta e cometeram suicídio de classe, misturando seu sangue com o de raças inferiores. Uma das características mais notáveis de muitos da nobreza francesa de hoje é a força da linhagem Levantina e Mediterrânea presente em si. Sendo, por razões políticas, ardentemente clerical, a nobreza acolhe recrutas de qualquer origem racial, desde que tragam consigo dinheiro e devoção à Igreja.

A perda, na guerra, dos melhores reprodutores por morte, ferimentos ou ausência do lar foi claramente demonstrada na França. Os recrutas examinados para o serviço militar em 1890-2 foram os descendentes, em grande medida, dos militares rejeitados e outros que ficaram em casa durante a Guerra Franco-Prussiana. Em Dordonha, este contingente apresentou sete por cento mais estatura deficiente do que a taxa normal. Em alguns cantões, esta geração desafortunada estava em altura um

¹⁰⁰ Equivalente a 10,16 centímetros.

centímetro abaixo dos recrutas dos anos anteriores, e nele as isenções por defeitos físicos passaram dos normais seis por cento para dezesseis por cento.

Quando cada geração é dizimada ou destruída por sua vez, uma raça pode ser ferida para além da recuperação, mas acontece mais frequentemente que o resultado seja a aniquilação de toda uma classe, como no caso da elite alemã na Guerra dos Trinta Anos. A desolação de vastos distritos resultou muitas vezes das pragas e fomes que se seguiram aos exércitos nos velhos tempos, mas as mortes por essas causas recaem mais fortemente sobre a parte mais fraca da população. A perda de reprodutores valiosos é muito mais grave quando as guerras são travadas com exércitos voluntários de homens escolhidos do que com exércitos recrutados, porque nos últimos casos a perda está mais uniformemente espalhada por toda a nação. Antes da Inglaterra recorrer na presente guerra ao recrutamento universal, o prejuízo para suas classes mais desejáveis e patrióticas era muito mais pronunciado do que na Alemanha, onde todos os tipos e categorias são chamados às armas.

Nas Ilhas Britânicas encontramos, antes da chegada da raça Nórdica, uma população Mediterrânica e nenhum elemento perceptível de sangue Alpino, de modo que temos de lidar apenas com duas das principais raças, em vez de todas as três, como na França. Na Grã-Bretanha, como em qualquer outro lugar, há representantes de raças anteriores, mas a estirpe preponderante de sangue era Mediterrânea antes da primeira chegada dos Nórdicos de língua ariana.

A Irlanda esteve conectada com a Grã-Bretanha e a Grã-Bretanha ao continente até tempos muito recentes em sentido geológico. A depressão das costas do Canal está progredindo rapidamente hoje e é conhecida por ter sido substancial durante os tempos históricos. O estreito paralelo de sangue e cultura entre a Inglaterra e as costas opostas da França também indica uma conexão de terra muito recente, provavelmente nos tempos neolíticos. Os homens ou caminhavam do continente para a Inglaterra e da Inglaterra para a Irlanda, ou remaram em barcos primitivos ou coracles. A arte da construção naval, ou mesmo da navegação arcaica, não pode voltar muito mais para trás do que os tempos neolíticos tardios.

As tribos de linguagem celta chegaram às Ilhas Britânicas em duas ondas distintas. A invasão mais adiantada dos gaélicos chegou à Inglaterra com uma cultura do bronze em aproximadamente 800 a. C., e na Irlanda dois séculos depois, e fazia parte do mesmo movimento que trouxe os gauleses à França. A conquista posterior foi pelos belgae de língua galesa, equipados com armas de ferro. Começou no terceiro século a. C., e ainda acontecia no tempo de César. Esses bretões galeses encontraram os primeiros gaélicos, com exceção da aristocracia, muito enfraquecidos pela mistura com os nativos do Mediterrâneo, e provavelmente teriam destruído todo vestígios do discurso gaélico na Irlanda e na Escócia, como eles realmente fizeram na Inglaterra, se os romanos não tivessem intervindo. Os bretões chegaram à Irlanda em pequenos números apenas no segundo século a. C.

Esses elementos Nórdicos na Grã-Bretanha, tanto gaélicos como bretões, eram uma minoria durante a época romana, e a compleição étnica da ilha não foi muito afetada pela ocupação romana, já que as legiões ali assentadas representavam os estoques raciais variados do Império.

Depois que os romanos abandonaram a Grã-Bretanha, por volta de 400 d. C., inundações de Nórdicos puros invadiram as ilhas por quase seis séculos, chegando ao norte como piratas Nórdicos, que tornaram a Escócia escandinava, e ao leste como saxões teutônicos e anglos, que fundaram a Inglaterra.

Os anglos vieram de algum lugar no centro da Jutlândia, e os saxões vieram de terras costeiras imediatamente na base da península dinamarquesa. Todos estes distritos eram, e são agora, puramente teutônicos; de fato, isto faz parte da antiga Saxônia, e é hoje o coração da Alemanha.

Estes distritos saxões enviaram na época enxames de invasores não só para Inglaterra, mas também para França e, sobre os Alpes, para Itália, tal como, muito mais tarde, a mesma terra enviou colônias para a Hungria e para a Rússia.

Os mesmos invasores saxões atravessaram as costas do Canal, e vestígios de seus assentamentos no continente permanecem até hoje no distrito de Cotentin, em torno de Cherbourg. Os povos escandinavos do mar, chamados danes ou nórdicos, invadiram o local no mais tardar em 900 d. C. e conquistaram toda a Inglaterra oriental. Esta invasão dinamarquesa da Inglaterra foi a mesma que trouxe os nórdicos, ou normandos, para a França. De fato, a ocupação da Normandia foi provavelmente feita pelos danes, e a conquista da Inglaterra foi em grande parte obra de noruegueses, já que a Noruega daquela época estava sob o domínio dos reis dinamarqueses.

Ambas essas invasões, especialmente a mais recente, varreram a ilha maior e inundaram a Irlanda, levando os aborígenes e seus mestres de língua celta aos pântanos e ilhas do extremo oeste.

Hoje, o elemento Nórdico louro predomina tanto na Irlanda quanto na Inglaterra. E derivado, em certa medida, dos primeiros invasores de linguagem celta, mas o elemento gaélico tem sido na Irlanda, como na Inglaterra e na Escócia, muito absorvido pelo substrato ibérico da população, e é encontrado hoje em dia mais na forma de caracteres Nórdicos em morenos, do que como indivíduos louros puros que representam estirpes Nórdicas posteriores e mais puras. A combinação do cabelo ibérico preto com olhos nórdicos azuis ou acinzentados é frequentemente encontrada na Irlanda e também na Espanha, e em ambos os países é muito admirada pela sua beleza.

Os irlandeses altos e loiros são hoje principalmente dinamarqueses com a adição de elementos ingleses, normandos e escoceses, que se infiltraram na ilha menor durante mil anos e impuseram o idioma inglês sobre ela. Os elementos mais primitivos e antigos da Irlanda sempre mostraram grande capacidade em absorver recém-chegados, e durante a Idade Média era notório que os colonos normandos e ingleses afundaram-se rapidamente ao nível cultural dos nativos. Indicações do homem Paleolítico aparecem frequentemente na Irlanda como caracteres unitários, bem como em indivíduos. Estando, como a Bretanha, situada nos postos avançados ocidentais extremos da Eurásia, tem mais do que a sua parcela de tipos generalizados e baixos sobrevivendo nas populações vivas, e esses tipos, os *firbolgs*¹⁰¹, conferiram

¹⁰¹ Supostamente a primeira raça histórica da Irlanda, um povo pastoral de origem oriental que formaram os primeiros centros civilizatórios da região. A origem e significado do nome é um mistério, mas teriam sido homens baixos e morenos, ou seja, Mediterrâneos.

um aspecto distinto e muito indesejável a uma grande parte dos habitantes do oeste e do sul, e reduziram muito o status intelectual da população como um todo.

Na Inglaterra estão presentes os mesmos elementos étnicos, a citar, o Nórdico e os Mediterrâneo. Existe, especialmente no País de Gales e nos condados centrais ocidentais da Inglaterra, um grande substrato de antigo sangue Mediterrâneo, mas os elementos Nórdicos que virão mais tarde são impostos sobre ele em toda parte.

A Escócia é racialmente angla no sul e nórdica nas Terras Altas, com elementos subjacentes gaélicos e bretões que são extremamente difíceis de identificar.

As espécies Nórdicas de homem em suas várias raças, mas principalmente teutônicas, fizeram da Gália a terra dos francos, e fizeram da Grã-Bretanha a terra dos anglos, e os ingleses que construíram o Império Britânico e fundaram a América eram do tipo Nórdico e não do Mediterrânico.

Um dos elementos Nórdicos mais vigorosos da França, Inglaterra e América foi contribuído pelos normandos, e sua influência no desenvolvimento desses países não pode ser ignorada. Os descendentes dos vikings dinamarqueses e nórdicos que se estabeleceram na Normandia como pagãos de língua teutônica e que, como normandos, atravessaram a Inglaterra saxã e a conquistaram em 1066, estão entre os melhores e mais nobres exemplos da raça Nórdica. Seus únicos rivais nestas características foram os primeiros godos.

Essa linhagem normanda, conquanto puramente Nórdica, parece ter sido radicalmente diferente em sua constituição mental e, até certo ponto, em seus detalhes físicos, dos saxões da Inglaterra e também de seus semelhantes escandinavos do continente.

Os normandos parecem ter sido uma “*fine race*”¹⁰², para usar uma expressão francesa, e são muitas vezes caracterizados por uma figura alta, esbelta, orgulhosa e com características claramente marcadas da regularidade grega clássica. O tipo raramente é extremamente loiro, e é muitas vezes escuro. Estes vikings latinizados foram e são animados por uma energia inquieta e nômade e por uma agressividade feroz. Desempenharam um papel brilhante durante os séculos XII e seguintes, mas mais tarde, no continente, esta linhagem esgotou-se. O tipo ainda é muito comum entre os ingleses de boas famílias, e especialmente entre caçadores, exploradores, navegadores, aventureiros e oficiais das fileiras inferiores do exército britânico. Esses normandos dos últimos dias são governantes e administradores naturais, e é a esse tipo que a Inglaterra deve em grande parte a sua extraordinária capacidade de governar com justiça e firmeza as raças inferiores. Este sangue normando ocorre frequentemente entre os nativos americanos, mas com a mudança das condições sociais e o preenchimento dos lugares de despejos da terra, ele está condenado a uma rápida extinção.

A invasão dos normandos fortaleceu os elementos Nórdicos e não os Mediterrâneos nas Ilhas Britânicas, mas a conexão uma vez estabelecida com a

¹⁰² Raça fina.

França, especialmente com a Aquitânia, mais tarde introduziu do sul da França certos elementos morenos de afinidades Mediterrânicas.

Atualmente, os Nórdicos na Inglaterra estão aparentemente retrocedendo diante do pequeno tipo Mediterrâneo moreno. As causas deste declínio são as mesmas que na França, e a principal perda deve-se ao desperdício de sangue pela guerra e pela emigração.

Uma influência extremamente potente, no entanto, é a transformação da nação de uma comunidade agrícola para uma comunidade industrial. O trabalho pesado e saudável nos campos do norte da Europa permite que o tipo Nórdico prospere, mas a fábrica apertada e a cidade apinhada rapidamente o elimina, enquanto o pequeno Mediterrâneo moreno pode trabalhar em um eixo, ajustar os tipos, vender fitas ou empurrar a caneta do escriturário¹⁰³ muito melhor do que o grande, desajeitado e um tanto pesado louro Nórdico, que precisa de exercícios, carne e ar, e não pode viver em condições de gueto.

O aumento de comunidades urbanas às custas do campo é também um elemento importante no desvanecimento do tipo Nórdico, porque o compatriota enérgico deste sangue é mais apto a melhorar a sua sorte mudando-se para a cidade do que o Mediterrâneo menos ambicioso. As aldeias rurais e as fazendas são os berçários das nações, enquanto as cidades são consumidoras e raramente produtoras de homens.

Se a Inglaterra se deteriorou, e há quem pense ver indícios de tal declínio, isso se deve à diminuição da proporção do sangue Nórdico e à transferência do poder político da vigorosa aristocracia Nórdica e das classes médias para os elementos radicais e trabalhistas, ambos amplamente recrutados do tipo Mediterrâneo.

Apenas na Escandinávia e no norte da Alemanha a raça Nórdica parece manter todo o seu vigor, a despeito do enorme desperdício de três mil anos de enxames dos seus melhores combatentes.

A Holanda e o Flandres são puramente teutônicos, sendo os flamengos os descendentes dos francos que não adotaram a língua latina, assim como seus parentes teutônicos do outro lado da fronteira em Artois e Picardia; e a Holanda é a antiga Batávia, com a costa frísia a leste da antiga Saxônia.

A Dinamarca, a Noruega e a Suécia são puramente Nórdicas e contribuem anualmente com enxames de um tipo esplêndido de imigrantes para a América, sendo agora, como têm sido durante milhares de anos, o criadouro e berçário da raça mestra.

Nos tempos medievais, os vikings noruegueses e dinamarqueses navegaram não apenas nas águas do Atlântico conhecido, mas se aventuraram em direção oeste através das neblinas e dos mares congelados para a Islândia, Groenlândia e América. A Suécia, depois de enviar seus godos e outras tribos teutônicas, voltou sua atenção para as costas do Báltico oriental, colonizou a costa da Finlândia e as províncias do Báltico e forneceu também um forte elemento escandinavo à aristocracia da Rússia.

¹⁰³ *Pen-pusher*, “empurrador de caneta”, é uma expressão pejorativa para o funcionário de um escritório.

A costa da Finlândia é, como resultado, sueca, e os nativos do interior têm caracteres nitidamente Nórdicos, com exceção do crânio, que na sua redondeza apresenta vestígios de uma antiga travessia Alpina.

A população das chamadas províncias Bálticas da Rússia é, por toda parte, Nórdica, e as suas afinidades são com a Escandinávia e a Alemanha e não com a Moscóvia eslava. As línguas arianas mais primitivas, a saber, o letão, o lituano e o antigo prussiano recentemente extinto, são encontradas nestas proximidades, e aqui não estamos longe da pátria Nórdica original.

CAPÍTULO 9 – A PÁTRIA NÓRDICA

A ÁREA NA EUROPA onde a raça Nórdica se desenvolveu, e na qual as línguas arianas tiveram a sua origem, provavelmente incluiu a região florestal do leste da Alemanha, Polônia e Rússia, juntamente com as pradarias que se estendiam da Ucrânia para o leste até as estepes ao sul do Ural. Por razões já explicadas, esta área foi durante muito tempo isolada do resto do mundo, especialmente da Ásia. Quando a unidade da raça Ariana e da língua ariana foi quebrada durante a Idade do Bronze, os Nórdicos primitivos seguiram para oeste ao longo das planícies arenosas do norte e pressionaram contra e através das populações Alpinas da Europa Central. Eles também passaram da Trácia para a Grécia e a Ásia Menor, enquanto outros grupos grandes e importantes entraram na Ásia, parcialmente pelas montanhas do Cáucaso, mas com maior força nos lados norte e leste do Mar Cáspio-Aral.

Aquela porção da raça Nórdica que continuou a habitar no sul da Rússia e apascentou seus rebanhos de ovelhas e de cavalos nas pastagens, eram os citas dos gregos, e desses pastores nômades vieram os cimérios, os persas, *sacae* ou sakas, masságetas, e talvez os cassitas e os mitani, e outros primeiros invasores Nórdicos de língua ariana da Ásia. Os descendentes desses Nórdicos estão espalhados por toda a parte na Rússia, mas agora estão submersos pelos eslavos posteriores.

Os caracteres bem marcados da raça Nórdica permitem-nos distingui-los definitivamente onde quer que apareçam pela primeira vez na História, e sabemos que toda a loirice do mundo é derivada desta fonte. Quando entra pela primeira vez no mundo Mediterrâneo vindo do Norte, sua chegada é marcada em toda parte por uma civilização nova e mais elevada. Na maioria dos casos, o contato dos bárbaros vigorosos com as antigas civilizações criou um súbito impulso de vida e uma explosão de cultura assim que a primeira destruição provocada pela conquista foi reparada.

Além da longa e continuada seleção exercida pelas severas condições climáticas do Norte, e a conseqüente eliminação de ineficazes, todas elas afetando uma raça, há uma outra força em ação que também diz respeito ao indivíduo. A energia desenvolvida no Norte não é imediatamente perdida quando transferida para as condições mais suaves de existência nos países mediterrânicos e indianos. Esta energia perdura por várias gerações, e só morre lentamente à medida que o sangue do Norte se dilui e o impulso de lutar se desvanece.

O contato do heleno e pelasgo provocou o florescimento da antiga civilização helênica, assim como dois mil anos depois, quando os invasores Nórdicos da Itália haviam absorvido a ciência, a arte e a literatura de Roma, eles produziram aquele esplêndido século a que chamamos de Renascença.

Os principais homens do *Cinquecento* eram de sangue Nórdico, principalmente gótico e lombardo, um fato facilmente reconhecido por uma inspeção minuciosa de bustos ou retratos no norte da Itália. Dante, Rafael, Ticiano, Michelangelo, Leonardo da Vinci eram todos de tipo Nórdico.

Expansões semelhantes da civilização e organização do Império seguiram a incursão dos persas Nórdicos na terra dos medos crânios-redondos e a introdução do

sânscrito na Índia pelos sacae Nórdicos que conquistaram essa península. Estes surtos de progresso, devido ao primeiro contato e mistura de duas raças contrastadas, são, no entanto, apenas transitórios e se vão com o último traço persistente de sangue Nórdico.

Na Índia, o sangue destes invasores de língua ariana foi absorvido pelos hindus negros e, no evento final, apenas a sua linguagem sintética sobreviveu.

A maravilhosa organização do Estado Romano fez uso dos serviços dos mercenários Nórdicos, e manteve o Império Ocidental vivo durante três séculos depois que o sangue dos antigos romanos tinha virtualmente deixado de existir. A data em que a população do Império se tornou predominantemente de sangue Mediterrâneo e oriental, devido à introdução de escravos do Oriente e ao desperdício de sangue italiano na guerra, coincide com o estabelecimento do Império sob Augusto, e os últimos patriotas republicanos representam o protesto final da antiga estirpe Nórdica patrícia. Na maior parte das vezes, eles recusaram-se a abdicar de seu direito de governar em favor dos escravos emancipados e dos favoritos imperiais, e caíram em batalha de espada na mão. Os romanos morreram, mas os escravos sobreviveram, e seus descendentes predominam entre os italianos do sul de hoje.

O Império Bizantino, pelas mesmas causas, por sua vez, tornou-se gradualmente cada vez menos europeu e mais oriental até que, também ele, murchou e desapareceu.

Quando estes fatos são considerados, a queda de Roma deixa de ser um mistério, e a única maravilha é que o Estado Romano sobreviveu após a extinção dos romanos, ou que o Império Oriental lutou por tanto tempo com uma população grega cada vez menor. Tanto em Roma como na Grécia, apenas a língua da raça dominante sobreviveu.

Tão completamente o sangue dos romanos desapareceu por completo nos últimos dias do Império que, lamentavelmente, bandos de bárbaros vagueavam à vontade pelas províncias desoladas. César e suas legiões teriam feito um curto trabalho com esses *banditti* desorganizados, mas César e suas legiões haviam se tornado uma memória, embora essa memória fosse grande o suficiente para inspirar nos intrusos um certo temor e desejo de imitação. **Contra invasores, no entanto, sangue e força são mais eficazes do que tradição e cultura, por mais nobres que sejam.**

O Cristianismo ascético primitivo desempenhou um grande papel nesse declínio do Império Romano, pois era no início a religião dos escravos, mansos e humildes, enquanto o estoicismo era a religião dos homens fortes da época. Esse viés a favor dos elementos mais fracos interferiu grandemente na sua eliminação por processos naturais, e a força de combate do império foi gradualmente minada. O Cristianismo estava em nítido contraste com o culto das deidades tribais que o precederam, e tendia então, como o faz agora, a romper as distinções de classe e raça. Tais distinções são absolutamente essenciais para a manutenção da pureza racial em qualquer comunidade quando duas ou mais raças vivem lado a lado.

O sentimento de raça pode ser chamado de preconceito por aqueles cujas carreiras são por ele limitadas, mas é uma antipatia natural que serve para manter a pureza do tipo. O infeliz fato de que quase todas as espécies de homens se cruzam livremente não nos deixa escolha no assunto. Ou as raças devem ser mantidas separadas por dispositivos artificiais dessa espécie, ou então, em última análise, elas se fundem e, na progênie, o tipo mais generalizado ou inferior prevalece.

CAPÍTULO 10 – A RAÇA NÓRDICA FORA DA EUROPA

ENCONTRAMOS POUCOS VESTÍGIOS de caracteres Nórdicos fora da Europa. Quando o Egito foi invadido pelos líbios a partir do oeste em 1230 a. C., eles foram acompanhados por “povos do mar” louros, provavelmente os gregos aqueus, e é interessante notar que uma certa quantidade de loirice avermelhada existe hoje nas encostas ao norte das montanhas do Atlas. Podemos ter certeza de que é de origem Nórdica, mas através de quais canais isto veio não temos meios de saber. Não há nenhuma invasão histórica do norte da África pelos Nórdicos, exceto as conquistas dos vândalos, mas não parece haver qualquer probabilidade de que esta pequena tribo teutônica tenha deixado qualquer vestígio físico na população nativa.

Os filisteus e amorreus da Palestina podem ter sido da raça Nórdica. Certas referências ao tamanho dos filhos de Enaque e à brancura de Davi, cuja mãe era uma mulher amorita, apontam vagamente nessa direção.

As referências nos anais chineses aos olhos verdes dos Wusuns ou Hiung-Nu na Ásia Central são a única prova segura que temos da raça Nórdica em contato com os povos do leste da Ásia.

A dita loirice dos ainus¹⁰⁴ peludos das ilhas do norte do Japão parece ser devida a um vestígio do que poderia ser chamado de sangue Protonórdico. A pilosidade dessas pessoas está em forte contraste com seus vizinhos mongoloides, mas é um caractere generalizado comum às raças mais altas e mais baixas do homem. Os australoides primitivos e os escandinavos altamente especializados estão entre as populações mais peludas do mundo. Assim, no ainu, esta peculiaridade somatológica é apenas a retenção de um traço muito primitivo. O ocasional olho castanho ou esverdeado, e a tez às vezes clara dos ainus, são, no entanto, sugestivos de afinidades Nórdicas, e de uma extensão oriental extrema do Protonórdico em um período muito inicial.

A forma do crânio do ainu é extremamente dolicocefala, enquanto os ossos largos da face indicam um cruzamento mongol, como no esquimó. Os ainus, como muitos outros povos pequenos e misteriosos, provavelmente são apenas os remanescentes de uma das muitas raças primitivas que estão rapidamente desaparecendo. A divisão do homem em espécies é muito antiga, e as principais raças da Terra são apenas os sobreviventes bem-sucedidos da longa luta. Muitas espécies, subespécies e raças desapareceram completamente, exceto pelos caracteres reversíveis que encontramos nas raças maiores.

Os únicos Nórdicos na Ásia Menor, tanto quanto sabemos, foram os frígios que se depararam com o Helesponto em cerca de 1400 a. C. como parte da mesma migração que trouxe os aqueus à Grécia; os cimérios que entraram pela mesma rota e também através do Cáucaso em cerca de 650 a. C., e ainda mais tarde, em 270 a. C., os gauleses que, vindos do norte da Itália através da Trácia, atravessaram o Helesponto e fundaram a Galácia. Até onde vai nossa informação atual, pouco ou

¹⁰⁴ Apenas em fevereiro deste ano, 2019, o governo japonês reconheceu oficialmente, através de um projeto de lei, a minoria étnica ainu como “povo indígena”. São animistas, possuem traços físicos similares aos esquimós e possuem barbas e cabelos fartos frequentemente encaracolados de fios ruivos e loiros.

nenhum vestígio destas invasões permanece nas populações existentes da Anatólia. As expansões dos persas e a arianização de seu império, e as conquistas dos Nórdicos a leste e ao sul do Mar Cáspio-Aral, serão discutidas em conexão com a disseminação das línguas arianas.

CAPÍTULO 11 - AS APTIDÕES RACIAIS

TAIS SÃO AS TRÊS RAÇAS, a Alpina, Mediterrânea e Nórdica, que entram na composição das populações europeias de hoje e, em várias combinações, compõem a grande maioria dos homens brancos em todo o mundo. Estas raças variam intelectualmente e moralmente, assim como fisicamente. Os atributos morais, intelectuais e espirituais são tão persistentes quanto os caracteres físicos, e são transmitidos inalterados de geração em geração.

Ao considerarmos os caracteres do crânio, devemos lembrar que, embora indicativos de descendência independente, o tamanho e a forma da cabeça não estão intimamente relacionados com o poder do cérebro. Aristóteles era um Mediterrâneo e tinha um crânio pequeno e comprido, enquanto Humboldt tinha um crânio grande e caracteristicamente Nórdico, mas igualmente dolicocefálico. Sócrates e Diógenes eram aparentemente não-gregos e representam remanescentes de alguma raça primitiva, talvez do homem Paleolítico. A história de suas vidas mostra claramente que cada um deles foi reconhecido como em algum grau estranho por seus conterrâneos, assim como os judeus aparentemente consideravam Cristo, como, de uma maneira indefinida, não-judeu.

Os traços mentais, espirituais e morais estão intimamente associados às distinções físicas entre as diferentes raças europeias, embora como os caracteres somatológicos, esses atributos espirituais, em muitos casos, tenham se perdido. Resta, porém, o suficiente para mostrar que certas raças têm aptidões especiais para certas atividades. A raça Alpina é sempre e em todo o lado uma raça de camponeses, uma raça agrícola e nunca uma raça marítima. De fato, eles só se estendem à água salgada na cabeça do Adriático.

As populações costeiras e marítimas do norte da Europa são, em toda parte, Nórdicas até a costa da Espanha, e entre os europeus esta raça é preeminentemente adaptada às atividades marítimas.

Os Nórdicos são, em todo o mundo, uma raça de soldados, marinheiros, aventureiros e exploradores, mas, acima de tudo, de governantes, organizadores e aristocratas em forte contraste com o caráter essencialmente camponês dos Alpinos. O cavalheirismo e a fidalguia, e as suas contrapartes ainda sobreviventes, mas muito prejudicadas, são peculiarmente traços Nórdicos, e o feudalismo, as distinções de classe e o orgulho racial entre os europeus são rastreáveis, em grande parte, para o norte.

As características mentais da raça Mediterrânea são bem conhecidas, e esta raça, ainda que inferior em resistência corporal tanto ao Nórdico como ao Alpino, é provavelmente a superior de ambos, certamente dos Alpinos, em realizações intelectuais. No campo da arte, a sua superioridade em relação às outras raças europeias é inquestionável.

Antes de deixar esse assunto interessante da correlação entre os traços espirituais e morais e os caracteres físicos, podemos notar que essas influências estão tão profundamente enraizadas na consciência cotidiana que o romancista ou dramaturgo comum não deixaria de fazer de seu herói um jovem alto, louro, honesto e

algo estúpido, ou de seu vilão um indivíduo pequeno, escuro e excepcionalmente inteligente de caráter moral distorcido. Os deuses do Olimpo eram quase todos descritos como loiros, e seria difícil imaginar um artista grego pintando uma Vênus morena. Hoje em dia, nas imagens da igreja, todos os anjos são louros, enquanto os habitantes das regiões mais baixas se deleitam com uma profunda morenice. A maioria das tapeçarias antigas mostram um senhor louro a cavalo e um servo de cabelos escuros segurando as rédeas, e ao representar a crucificação nenhum artista hesita em fazer os dois ladrões morenos em contraste com o loiro Salvador. Este último é algo mais que uma convenção, pois as tradições quase autênticas que temos de nosso Senhor indicam seus atributos Nórdicos, possivelmente gregos, físicos e morais.

Estas e outras tradições semelhantes apontam claramente para a relação de uma raça com outra nos tempos clássico, medieval e moderno. Até que ponto elas serão modificadas pelas instituições democráticas e pela regra da maioria ainda se está por ver.

As guerras dos últimos dois mil anos na Europa foram quase exclusivamente guerras entre as várias nações desta raça, ou entre governantes de sangue Nórdico.

De um ponto de vista racial, o atual conflito europeu é essencialmente uma guerra civil, e quase todos os oficiais e uma grande parte dos homens de ambos os lados são membros desta raça. É a mesma velha história da carnificina e da destruição mútua entre Nórdicos, tal como a nobreza Nórdica da Itália renascentista parece ter sido possuída por uma mania sanguinária de matarem-se uns aos outros. É a versão moderna do ódio do antigo sangue *berserker*¹⁰⁵, e é um suicídio de classe em escala gigantesca. É difícil dizer de que lado há uma preponderância de sangue Nórdico, pois o Flandres e o norte da França são mais teutônicos do que o sul da Alemanha, e a espinha dorsal dos exércitos que a Inglaterra colocou no campo, juntamente com os de suas colônias, são quase de puramente Nórdicos, enquanto uma grande parte dos exércitos russos é da mesma raça.

O escritor absteve-se cuidadosamente neste artigo do uso das palavras “teutônico” e “germânico”, exceto em seu sentido mais limitado, porque os nomes são usados atualmente em um sentido nacional e não racial, para denotar os habitantes dos impérios centrais. Esse uso mais amplo incluiria milhões que são totalmente não-teutônicos e excluem milhões de sangue teutônico puro que estão fora das fronteiras políticas da Austro-Alemanha.

¹⁰⁵ Nome dado aos guerreiros Nórdicos mais ferozes juramentados à Odin.

CAPÍTULO 12 – ÁRIA

TENDO MOSTRADO A existência na Europa de três subespécies de origem distinta e de um único tipo predominante de linguagem chamado grupo ariano ou sintético, resta saber a qual das três raças pode ser atribuída a honra de inventar, elaborar e introduzir esta forma mais altamente desenvolvida de linguagem humana, e nossas investigações mostrarão que os fatos apontam indubitavelmente para uma unidade original entre a raça Nórdica, ou melhor, a raça Protonórdica e a língua protoariana ou a língua materna ariana ancestral generalizada.

Dos três reclamantes da honra de ser o criador original da mais alta forma de discurso sintético, conhecido como o grupo ariano de línguas, podemos imediatamente descartar a raça Mediterrânea. Os membros dessa raça, na margem sul do Mediterrâneo, os berberes e os egípcios, falam agora, e sempre falaram, línguas não-arianas. Na Ásia, também, muitas pessoas desta raça falam línguas não-arianas. Também sabemos que o discurso dos pelasgos originais não era ariano, que em Creta os remanescentes do discurso pré-ariano persistiram até cerca de 500 a. C., e que a língua helênica foi introduzida nos países do Egeu a partir do norte. Na Itália, a ligúria e etrusca no norte, e o messapiano no sul, eram línguas não-arianas; e a forma ancestral da fala latina, disfarçada de úmbrio e osco, veio pelos Alpes de países mais distantes.

Na Espanha, a língua celtiberiana foi introduzida a partir do norte por volta de 600 a. C., mas com tão pouca força atrás dela que foi incapaz de substituir totalmente a língua não-ariana dos aborígenes, que continua até hoje como basco.

Na Grã-Bretanha, o discurso ariano foi introduzido em cerca de 800 a. C., e na França um pouco mais cedo. Na Europa central e setentrional, não há nenhum traço de línguas não-arianas que tenham sido faladas, exceto entre os lapões e na região do Golfo da Finlândia, onde os dialetos fínicos não-arianos são falados hoje pelos finlandeses e pelos estonianos.

Sabemos, assim, as datas aproximadas da introdução do discurso ariano na Europa Ocidental e Meridional, e que ele surgiu no meio da raça Nórdica. Na costa sul do Mar Interior, incluindo o Egito, a população falava, nos tempos antigos, e ainda fala, em línguas não-arianas; e na Espanha e nas partes adjacentes da França, quase meio milhão de pessoas continuam a falar uma língua aglutinativa, chamada basca ou euskara. Na forma do crânio, estes bascos correspondem intimamente às populações de língua ariana que os rodeiam, sendo dolicocefalos na Espanha e braquicefalos na França. Tanto no caso do crânio longo como do crânio redondo nos bascos, a parte inferior da face é longa e fina, com um queixo peculiar e pontiagudo. Em outras palavras, seus rostos mostram certos caracteres raciais secundários que foram impostos pela seleção a um povo composto originalmente de duas raças de origem independente, mas há muito isolado pelas limitações da linguagem.

Para além da língua basca, existem na Europa Ocidental poucos vestígios do discurso pré-ariano, que se encontram principalmente nos nomes dos locais e em algumas palavras obscuras.

Remanescentes de linguagem não-ariana existem aqui e ali em toda Rússia europeia, mas muitos deles podem ser atribuídos a invasões históricas. Até alcançarmos o corpo principal do discurso uralo-altaico no leste da Rússia, os éstios¹⁰⁶, com tribos semelhantes, mas pequenas, de livônios e chudes¹⁰⁷, e somente os finlandeses podem reivindicar a honra de anteceder a língua ariana nos territórios moscovitas, mas o tipo físico de todas essas tribos é nitidamente Nórdico. Neste contexto, os lapões e grupos afins no extremo norte podem ser desconsiderados.

O problema dos finlandeses é difícil. A costa da Finlândia, é claro, é puramente sueca, mas a maior parte da população do interior é braquicefálica, embora por outro lado, de tipo totalmente Nórdico. Parece que aqui o elemento Alpino era o mais antigo.

A língua não-ariana mais importante da Europa é o magiar da Hungria, mas sabemos que este foi introduzido a partir do leste no final do século IX.

Nos Balcãs, a língua dos turcos nunca foi tão vernacular como na Ásia Menor. Na Europa, era falado apenas pelos soldados e pelos administradores civis, e por colônias muito esparsas de colonos turcos. A mania dos turcos por mulheres brancas, que se diz ter sido um dos motivos que levaram à conquista do Império Bizantino, resultou inconscientemente na obliteração do tipo mongoloide dos invasores asiáticos originais. A travessia persistente com mulheres circassianas e georgianas, bem como com escravos de todas as raças da Ásia Menor ou da Europa com quem travaram contato, tornou o turco europeu de hoje indistinguível em caracteres físicos de seus vizinhos cristãos.

Os turcos de origem seljúcida e otomana nunca foram numerosos, e os exércitos do Sultão eram e são em grande parte compostos por anatólíolos islamizados e europeus.

Na Pérsia e na Índia, também, as línguas arianas foram introduzidas a partir do norte em períodos conhecidos, de modo que, em vista de todos esses fatos, a raça Mediterrânica não pode reivindicar a honra nem da invenção nem da disseminação das línguas sintéticas.

A principal reivindicação da raça Alpina da Europa Central e da Ásia Ocidental à invenção e introdução na Europa da forma protoariana de língua, repousa no fato de que quase todos os membros dessa raça, na Europa, falam formas bem desenvolvidas do discurso ariano, principalmente sob a forma do eslávico. Este fato por si só pode não ter mais significado do que o fato de a raça Mediterrânica na Espanha, Itália e França falar línguas românicas, mas é, no entanto, um argumento de algum peso.

Fora da Europa, os armênios e outros povos braquicéfalos armenoides da Ásia Menor e das Terras Altas iranianas, todos de raça Alpina, juntamente com algumas tribos isoladas do Cáucaso, falam línguas arianas, e estes povos encontram-se na estrada ao longo da qual o conhecimento dos metais e outros desenvolvimentos culturais entraram na Europa.

¹⁰⁶ Do latim *aestii* nomeado por Tácito, refere-se aos estonianos que, na perspectiva romana, viviam no extremo leste.

¹⁰⁷ Povos fínicos ou éstios na região das atuais Estônia, Carélia e noroeste russo, conquistados pelos cristãos no século XI.

Se a língua ariana fosse inventada e desenvolvida por esses Alpes armenoides, deveríamos ser obrigados a assumir que eles a introduziram junto com a cultura do bronze na Europa por volta de 3000 a. C. e ensinaram aos loiros Nórdicos tanto sua língua quanto sua cultura do metal. Há, no entanto, na Ásia Ocidental, muitos povos Alpinos que não falam línguas arianas e ainda são de tipo Alpino, como os turcomanos, e na Ásia Menor os assim chamados turcos também são Alpinos em grande parte islamizados de subespécies armenoides que falam o turco. Não há vestígios de fala ariana ao sul do Cáucaso até depois de 1700 a. C., e a língua hitita falada antes dessa data na Ásia Menor Central e Oriental, embora ainda não claramente decifrada, não era ariana, segundo o melhor de nosso conhecimento atual. Os próprios hititas eram provavelmente ancestrais dos armênios vivos.

Conhecemos bem as línguas de todos os países da Mesopotâmia, e sabemos que o discurso da Acádia e da Suméria, de Susa e da Média era aglutinante, e que as línguas da Assíria e da Palestina eram semíticas. O discurso dos cassitas era ariano, e a língua do império de curta duração dos mitani no sopé das montanhas ao sul da Armênia, é o único sobre o caráter do qual pode haver alguma dúvida, mas com toda probabilidade era ariano. Há, portanto, muitas evidências negativas contra a existência do discurso ariano nesta parte do mundo antes da sua conhecida introdução pelos Nórdicos.

Se a última grande expansão da raça Alpina para a Europa trouxe da Ásia a língua materna ariana, bem como o conhecimento dos metais, devemos assumir que todos os membros da raça Nórdica adotaram, a partir daí, um discurso sintético dos Alpinos.

Sabemos que esses Alpinos chegaram à Grã-Bretanha por volta de 1800 a. C., e provavelmente já haviam ocupado muito da Gália, de modo que se eles devem ser creditados com a introdução das línguas sintéticas na Europa Ocidental, é difícil entender porque não temos nenhum traço conhecido de qualquer forma de linguagem ariana na Europa Central ou a oeste do Reno antes de 1000 a. C., enquanto nós temos alguma evidência, embora escassa, de línguas não-arianas.

Mesmo assumindo, no entanto, que os Alpinos tenham introduzido esta linguagem sintética nos dolicocefalos do Báltico, juntamente com a arte da metalurgia, somos obrigados a acreditar que os Nórdicos, equipados com esta linguagem sintética e com armas de bronze, iniciaram a sua maravilhosa carreira de expansão um milênio inteiro após a conquista Alpina, primeiro atacando e conquistando seus professores Alpinos e, então, desceram do norte em ondas sucessivas para o domínio da raça Mediterrânea, passando por países braquicefalos e levando consigo proporções variáveis de sangue Alpino.

Pode-se dizer, a favor desta afirmação da raça Alpina ser a inventora original do discurso sintético, que a linguagem é sempre uma medida de cultura, e que as formas mais elevadas de civilização são muito dificultadas pelas limitações do idioma impostas pelas línguas menos evoluídas, a saber, a monossilábica e a aglutinativa, que incluem quase todas as línguas não-arianas do mundo.

Não parece provável que os bárbaros, por melhores que sejam no tipo físico e por mais bem dotados da potencialidade do desenvolvimento intelectual e moral, residam como caçadores no Norte sombrio e estéril ao longo da borda das geleiras em retirada e como pastores nômades nos campos russos, poderia ter desenvolvido uma forma mais complicada e mais elevada de linguagem articulada do que os habitantes do sudoeste da Ásia, que muitos milhares de anos antes eram altamente civilizados e são conhecidos por terem inventado as artes da agricultura, da metalurgia e da domesticação dos animais, bem como da escrita e da cerâmica. No entanto, tal parece ser o fato.

Para concluir, um estudo da raça Mediterrânica mostra que, longe de ser puramente europeia, é igualmente africana e asiática, e na estreita orla costeira do sul da Pérsia, na Índia, e ainda mais a leste, as últimas estirpes desta raça desvanecem-se gradualmente nos negroides através do cruzamento prolongado, e uma investigação semelhante sobre a origem e distribuição das espécies Alpinas mostra claramente a origem fundamentalmente asiática deste tipo, e que nas suas fronteiras mais a leste da Ásia Central marcha para o mongol de crânio redondo.

CAPÍTULO 13 – A ORIGEM DAS LÍNGUAS ARIANAS

PELO PROCESSO DE eliminação estabelecido no capítulo anterior, somos obrigados a considerar que o reclamante mais forte pela honra de ser a raça dos arianos originais, é o Nórdico alto e louro. Um estudo das várias línguas do grupo ariano revela uma extrema diversidade que pode ser melhor explicada pela hipótese de que as línguas existentes são agora faladas por pessoas sobre as quais o discurso ariano foi forçado de fora. Esta teoria corresponde exatamente ao fato histórico conhecido de que as línguas arianas, pelo menos nos últimos três ou quatro mil anos, foram repetidamente impostas pelos Nórdicos às populações de sangue Alpino e Mediterrâneo.

Dentro da atual área de distribuição da raça Nórdica, e no meio de uma área típica de isolamento, encontra-se o membro mais generalizado do grupo ariano, nomeadamente, o letão, ou antigo lituano, situado no Golfo de Riga, e quase protoariano em caráter. Bem próximo estava o intimamente relacionado antigo prussiano ou borussiano, muito recentemente extinto. Estas línguas arcaicas são relativamente próximas ao sânscrito e estão localizadas em contato real com o discurso não-ariano dos éstios e finlandeses.

As línguas não-arianas no leste da Rússia são o ungriano, uma forma de fala que se estende até à Ásia, e que, por si só, de todas as línguas aglutinativas, contém elementos que a unem à fala sintética, e que é, conseqüentemente, de caráter vagamente transitório. Em outras palavras, na opinião de muitos filólogos, uma forma primitiva de úgrico poderia ter dado origem ao ancestral protoariano das línguas sintéticas existentes.

Esta hipótese, se sustentada por estudos mais aprofundados, fornecerá evidências adicionais de que o local do desenvolvimento das línguas arianas, e das espécies Nórdicas, foi na Europa Oriental, e numa região que está próxima do local de contato entre as línguas sintéticas mais arcaicas e a língua não-ariana mais próxima, a úgrica aglutinativa.

A língua ariana foi introduzida na Grécia pelos aqueus por volta de 1400 a. C., e mais tarde, por volta de 1100 a. C., pelos verdadeiros helenos, que trouxeram os dialetos clássicos do dório, jônio e eólio.

Estas línguas arianas substituíram o seu antecessor não-ariano, o pelasgo. Da língua desses primeiros invasores vieram o ilírio, o trácio, o albanês, o grego clássico e o degradado romaico moderno, um descendente do dialeto jônio.

O discurso ariano foi introduzido entre os etruscos não-arianos da península italiana pelos úmbrios e oscos por volta de 1100 a. C. Essas línguas foram finalmente sucedidas pelo latim, um ramo dessas línguas arianas primitivas do norte da Itália, que mais tarde se espalharam até os confins mais distantes do Império Romano. Seus descendentes hoje em dia são as línguas românicas faladas dentro das antigas fronteiras imperiais, os portugueses a oeste, castelhano, catalão, provençal, francês, as *langue d'oïl* dos valões, lígure, romanche, ladino, friulano, toscano, calabriano e romeno.

O problema da existência de uma língua, o romeno, nos Cárpatos orientais, cortado pelas línguas eslavas e magiares das línguas românicas mais próximas, mas ainda assim claramente descendente do latim, apresenta grandes dificuldades. Os próprios romenos fazem duas afirmações; a primeira, que pode ser seguramente ignorada, é uma descendência linguística ininterrupta de um grupo de línguas arianas que ocupou toda esta parte da Europa, da qual o latim foi derivado, e da qual o albanês é também um remanescente.

A reivindicação mais séria, porém, feita pelos romenos, é a da descendência linguística e racial dos colonos militares plantados pelo Imperador Trajano na grande planície daciana. Isso pode ser possível, no que diz respeito à língua, mas há algumas objeções de peso a esse respeito.

Não temos provas a favor, e muitas contra, da existência do discurso romeno a norte do Danúbio durante quase mil anos depois de Roma ter abandonado esta região periférica. A Dácia foi uma das últimas províncias a ser ocupada por Roma, e foi a primeira da qual as legiões foram retiradas após a dissolução do Império. Além disso, os Cárpatos do norte, onde os romenos afirmam ter-se refugiado durante as invasões bárbaras, fazem parte da pátria eslava, e foi nestas mesmas montanhas, e nos distritos rutenos do leste da Galiza, que as línguas eslavas foram desenvolvidas, provavelmente pelos sármatas e vendos, e a partir dos quais se espalharam em todas as direções nos séculos que se seguiram imediatamente à queda de Roma. Portanto, é quase impossível creditar a sobrevivência de uma comunidade fronteiriça de nativos romanizados, situada não apenas no caminho das grandes invasões do leste da Europa, mas também no mesmo local onde as línguas eslavas estavam, na época, evoluindo.

O discurso romeno ocupa uma grande área fora do atual reino da Romênia, na Bessarábia russa, na Bucovina austríaca e, sobretudo, na Transilvânia húngara, todas elas partes da antiga Dácia e que devem agora ser “redimidadas” pelos romenos.

Este problema linguístico é ainda mais complicado pela existência nas montanhas Pindo da Tessália de outra grande comunidade de valáquios de língua romena. Como esta comunidade tardia também poderia ter sobrevivido da época romana até hoje, intocada pela língua grega do Império Bizantino ou pela conquista turca, é outro difícil problema. A solução destas questões não recebe qualquer auxílio da antropologia, uma vez que estas populações de língua romena, tanto no Danúbio como nos Montes Pindo, não diferem fisicamente de forma alguma dos seus vizinhos de todos os lados. Seja qual for o canal através do qual tenham adquirido sua fala latina, os romenos de hoje não podem reivindicar, mesmo que em grau muito remoto, a descendência de sangue dos verdadeiros romanos.

As primeiras línguas arianas conhecidas na Europa Ocidental foram o grupo celta, que aparece pela primeira vez a oeste do Reno por volta de 1000 a. C.

Foram encontrados apenas alguns escassos vestígios do discurso pré-ariano nas Ilhas Britânicas, principalmente nos nomes de lugares. Na Grã-Bretanha, o discurso celta foi introduzido em duas ondas sucessivas, primeiro pelos gaélicos, ou “celtas-Q”, que aparentemente apareceram em cerca de 800 a. C., e esta forma existe

até hoje como *erse* na Irlanda ocidental, como *manx* na Ilha de Man, e como gaélico nas Terras Altas escocesas.

Os gaélicos eram da cultura do bronze. Quando eles chegaram à Grã-Bretanha, eles devem ter encontrado lá uma população preponderantemente de tipo Mediterrâneo com numerosos restos de raças ainda mais antigas da época Paleolítica, e também alguns Alpinos de crânio redondo dos Montes Redondos¹⁰⁸, que desde então desapareceram da população viva. Quando ocorreu a invasão seguinte, a galesa¹⁰⁹, os gaélicos haviam sido amplamente absorvidos por esses aborígenes Mediterrâneos subjacentes que haviam aceitado a forma gaélica da língua celta, assim como no continente os gauleses se misturaram com os nativos Alpinos e Mediterrâneos, embora impondo aos conquistados sua própria língua. De fato, na Grã-Bretanha, Gália e Espanha, os gaélicos e gauleses eram principalmente uma classe militar dominante, enquanto a grande maioria da população permanecia inalterada, embora arianizada em seu idioma.

As tribos bretãs ou galesas, ou “celtas-P”, seguiram-se cerca de quinhentos anos depois, conduzindo os gaélicos para o oeste através da Alemanha, Gália e Bretanha, como é provado pela distribuição de nomes de lugares, e esse movimento de população ainda ocorria quando Cesar atravessou o Canal. O grupo bretão deu origem ao moderno cornoico, extinto dentro de um século, o galês de Gales, e o armórico da Bretanha.

Na Europa Central encontramos vestígios destas mesmas duas formas de fala celta, com o gaélico em toda a parte o mais velho e o galês como o que chega mais recentemente.

Quando as duas raças de língua celta entraram em conflito na Grã-Bretanha, seu relacionamento original havia sido muito obscurecido pelo cruzamento dos gaélicos com a raça subjacente do Mediterrâneo escuro de cultura neolítica, e pela mistura dos belgae com os teutões. O resultado de tudo isso foi que os bretões não distinguiram entre os gaélicos louros e os morenos, mas sim os Mediterrâneos celticizados, pois todos falavam dialetos gaélicos.

Da mesma forma, quando as tribos teutônicas entraram na Grã-Bretanha, encontraram ali todos os povos falando em alguma forma de céltico, seja gaélico ou galês, e prontamente os chamaram todos *welsh* (estrangeiros). Estes galeses eram preponderantemente de tipo Mediterrânico com alguma mistura de uma estirpe galesa loira e uma estirpe loira muito mais forte de origem gaélica, e estes mesmos elementos existem hoje em dia na Inglaterra. A raça Mediterrânea é facilmente distinguível, mas os tipos físicos derivados do gaélico e do bretão são mesclados e se perderam nas últimas inundações de sangue nórdico puro, anglo, saxão, dane, norueguês e normando. Nessa população primitiva e escura, com camadas sucessivas de Nórdicos loiros impostas sobre si, cada uma mais puramente Nórdica, reside o segredo e a solução da antropologia das Ilhas Britânicas. Este substrato ibérico foi capaz de absorver, em grande medida, os primeiros invasores de língua celta, tanto gaélicos como bretões, mas está apenas começando a ameaçar seriamente os Nórdicos

¹⁰⁸ Vide nota 81.

¹⁰⁹ *Cymry*.

teutônicos, e a reafirmar seus antigos caracteres morenos após três mil anos de submersão.

No noroeste da Escócia, há uma área de língua gaélica onde os nomes dos lugares são todos escandinavos e os tipos físicos puramente Nórdicos. Este é o único local nas Ilhas Britânicas onde o discurso celta reconquistou um distrito das línguas teutônicas, e foi o local de uma das primeiras conquistas dos vikings nórdicos, provavelmente nos primeiros séculos da nossa era. Em Caithness, no norte da Escócia, bem como em alguns pontos isolados das costas irlandesas, a língua destes mesmos piratas Nórdicos persistiu até há um século. No quinto século da nossa era e após o fim da dominação romana na Grã-Bretanha houve muita agitação racial, e uma onda de gaélicos atravessou a Irlanda e introduziu ou reforçou o discurso gaélico nas Terras Altas. Mais tarde, o discurso gaélico foi gradualmente conduzido para o norte e o oeste pelo inglês intrusivo das planícies, e acabou por ser forçado a atravessar esta área originalmente Nórdica.

Em outras partes da Europa, temos evidências de mudanças de linguagem semelhantes sem alterações correspondentes no sangue da população.

Exceto nas Ilhas Britânicas e na Bretanha, as línguas celtas não deixaram descendentes modernos, mas foram substituídas por línguas de origem neolatina ou teutônica. Fora da Bretanha, uma das últimas, senão a última, referência ao discurso celta na Gália é a declaração histórica de que as tribos “celtas”, assim como os “armoricanos”, participaram em Châlons¹¹⁰ na grande vitória de 451 d. C. sobre Átila, o Huno, e sua confederação de nações subjugadas.

No continente, as únicas populações existentes de fala celta são os habitantes primitivos do centro da Bretanha, uma população conhecida por seu fanatismo religioso e por outras características de um povo atrasado. Diz-se que esta fala celta foi introduzida no início do século da nossa era pelos britanos que fugiam dos saxões. Estes refugiados, se é que existiam, deviam ser dolicocefalos de raça Mediterrânica ou Nórdica, ou ambos. Esta tradição nos pede que acreditemos que a forma do crânio destes britanos se perdeu, mas que a sua língua foi adotada pela população Alpina da Armórica. É muito mais provável que os Alpinos de língua galesa da Bretanha apenas tenham retido neste canto isolado da França uma forma de discurso celta que era predominante em todo o norte da Gália e Grã-Bretanha antes que essas províncias fossem conquistadas por Roma e latinizadas. César observou que havia pouca diferença entre a linguagem dos belgae no norte da Gália e na Grã-Bretanha. Em ambos os casos, o discurso foi galês.

Muito depois da conquista da Gália pelos godos e francos, o discurso teutônico foi predominante entre as classes dominantes, e na época em que sucumbiu à língua latina dos nativos romanizados, as velhas línguas celtas haviam sido totalmente esquecidas fora da Bretanha.

Um exemplo de mudanças semelhantes de linguagem pode ser encontrado na Normandia, onde o país foi originalmente habitado pelo belgae Nórdico, que falava uma língua galesa antes que fosse substituída pelo latim. Esta costa foi devastada em

¹¹⁰ Châlons-en-Champagne, cidade do nordeste francês.

cerca de 300 ou 400 d. C. por saxões que formaram assentamentos ao longo de ambos os lados do Canal e nas costas da Bretanha, que mais tarde foram conhecidos como *litus Saxonicum*¹¹¹. Seu progresso pode ser melhor rastreado através dos nomes de lugares, já que o nosso registro histórico destes ataques é escasso.

Os normandos desembarcaram na Normandia no ano de 911 d. C. Eram bárbaros dinamarqueses pagãos que falavam um idioma teutônico. A religião, a cultura e a língua das antigas populações romanizadas operaram um milagre na transformação de tudo, exceto do sangue, em um curto século. A mudança foi tão rápida que, 155 anos depois, os descendentes dos mesmos normandos desembarcaram na Inglaterra como cristãos franceses, armados com toda a cultura de seu período. A mudança foi surpreendente, mas o sangue da raça normanda permaneceu inalterado e entrou na Inglaterra como um tipo puramente Nórdico.

¹¹¹ Costa saxônica.

CAPÍTULO 14 – A LÍNGUA ARIANA NA ÁSIA

NA REGIÃO DO EGEU e ao sul do Cáucaso os Nórdicos aparecem depois de 1100 a. C., mas houve, inquestionavelmente, invasões e ataques do norte por muitos séculos antes de nossos primeiros registros. Essas migrações primitivas provavelmente não tiveram força suficiente para modificar o sangue das raças autóctones ou para substituir as línguas arianas pelas antigas línguas mediterrâneas e asiáticas.

Esses homens do Norte vieram das pradarias da Rússia em ondas sucessivas e, entre os primeiros dos quais temos um conhecimento bastante claro, estavam os aqueus e os frígios. Os invasores arianos são mencionados nas crônicas obscuras dos impérios mesopotâmicos por volta de 1700 a. C., como cassitas, e mais tarde como mitanitas. Nomes arianos de prisioneiros capturados além das montanhas no norte, e de divindades arianas diante das quais juramentos foram feitos, são registrados por volta de 1400 a. C., mas um dos primeiros relatos definidos de Nórdicos ao sul do Cáucaso descreve a presença de persas Nórdicos no Lago Urmia em cerca de 900 a. C. Houve muitas incursões desde então, os cimérios invadindo o Cáucaso já em 680 a. C., e logo depois invadindo toda a Ásia Menor.

A extensão oriental das estepes russas ao norte do Mar Cáspio-Aral, no Turquestão, até os sopés dos Pamirs, foi ocupada pelo sacae¹¹² ou masságeta, que eram também Nórdicos e semelhantes aos cimérios e persas. Durante vários séculos, grupos de Nórdicos deslocaram-se como pastores nômades através do Cáucaso para o império dos medas, introduzindo pouco a pouco a língua ariana, que mais tarde se transformou no persa antigo.

Em 538 a. C. estes persas tornaram-se suficientemente numerosos para derrubar seus governantes, e sob a liderança do grande Ciro eles organizaram o Império Persa, um dos mais duradouros Estados orientais. A base da população do Império Persa repousava sobre o crânio-redondo meda, que pertencia à subdivisão armenoide dos Alpinos. Sob a liderança de sua casta sacerdotal de magos, estes medas rebelaram-se uma e outra vez contra os seus mestres Nórdicos antes de os dois povos se fundirem.

De 525 a 485 a. C., durante o reinado de Dario, cujos retratos esculpidos mostram um homem de tipo puramente Nórdico, os persas altos e loiros tornaram-se quase exclusivamente uma classe de grandes nobres governantes, e esqueceram a simplicidade de seus ancestrais pastores. Sua língua pertencia à divisão oriental ou iraniana do discurso ariano, e era conhecida como persa antigo, que continuou a ser falado até o quarto século antes da nossa era. Dela derivaram o pehlevi, ou parta, e o persa moderno. O grande livro dos antigos persas, o Avesta, que foi escrito em zêndico, também uma língua iraniana, não remonta ao reinado de Dario e foi remodelado depois de nossa era, mas o persa antigo de Dario estava intimamente relacionado com o zêndico da Bactria, e com o sânscrito do Hindustão. Do zêndico, também chamado médico, derivam o ghalcha, o balúchi, o curdo e outros dialetos.

¹¹² Refere-se aos sakas ou shakas, grupo de nômades iranianos.

A ascensão ao poder imperial dos persas dolicocefalos de língua ariana deveu-se em grande parte ao gênio de seus líderes, mas a arianização da Ásia ocidental por eles é um dos eventos mais surpreendentes da História. Toda a região se transformou completamente no que diz respeito à aceitação pelos conquistados da língua e da religião dos persas, mas o sangue da raça Nórdica rapidamente se diluiu, e alguns séculos mais tarde desapareceu da História.

Na época das grandes guerras com a Grécia, o puro sangue persa ainda estava intacto e sob controle, e na literatura da época há pouca evidência de antagonismo racial entre os líderes gregos e persas, embora suas culturas rivais fossem fortemente contrastadas. No tempo de Alexandre, o Grande, o sangue persa puro estava obviamente confinado aos nobres, e era a política de Alexandre helenizar os persas e amalgamar seus gregos com eles. A quantidade de sangue puro macedônio não foi suficiente para reforçar a estirpe Nórdica dos Persas, e o resultado líquido foi a perda total do estoque grego.

É uma questão de saber se os armênios da Ásia Menor derivaram a sua língua ariana desta invasão dos persas Nórdicos, ou se o receberam numa data anterior dos frígios e do oeste. Estes frígios entraram na Ásia Menor através dos Dardanelos e destruíram o Império Hitita. A língua deles era o ariano, provavelmente relacionado com o trácio. A favor da teoria da introdução da língua armênia pelos frígios do oeste, e não pelos persas do leste, está o fato altamente significativo de que a estrutura básica dessa língua mostra sua relação com o ocidental e não com o grupo oriental de línguas arianas, e isso também, apesar de um vocabulário persa muito grande.

Os próprios armênios, como todos os outros nativos dos planaltos e terras altas até o leste das montanhas do Indocuche, embora de fala ariana, são da subdivisão armenoide, em nítido contraste com os tipos predominantes ao sul das montanhas da Pérsia, do Afeganistão e do Hindustão, todos os quais são dolicocefalos e de afinidade Mediterrânea, mas geralmente traindo traços de mistura com raças ainda mais antigas de origem negroide, especialmente na Índia.

Chegamos agora à última e mais oriental extensão das línguas arianas na Ásia. Como mencionado acima, as pradarias e estepes da Rússia estendem-se ao norte das montanhas do Cáucaso e do mar Cáspio até à antiga Bactria, hoje Turquestão. Todo este país foi ocupado pelos sacae Nórdicos e pelos masságetas, a estes estreitamente relacionados. Em uma data muito precoce, provavelmente por volta do início do Segundo milênio a. C., ou talvez antes, os primeiros Nórdicos atravessaram as passagens afegãs, entraram nas planícies da Índia e organizaram um Estado no Panjabe, a "Terra dos Cinco Rios", trazendo consigo a linguagem ariana entre uma população provavelmente de tipo Mediterrâneo, representada hoje pelos drávidas. Os sacas Nórdicos chegaram mais tarde à Índia e introduziram os Vedas, poemas religiosos, que foram inicialmente transmitidos oralmente, e que foram reduzidos à forma escrita em sânscrito antigo pelos brâmanes na data relativamente tardia de 300 d. C. Desse sânscrito clássico derivam todas as línguas arianas modernas do Hindustão, bem como o cingalês do Ceilão e os principais dialetos de Assam.

Existe uma grande diversidade de opiniões quanto à data da primeira entrada dessas tribos de língua ariana no Panjabe, e o consenso de opiniões parece indicar um período entre 1600 e 1700 a. C. ou até um pouco mais cedo. Contudo, a afinidade

muito próxima do sânscrito com o persa antigo de Dario e com o Zend-Avesta indicaria fortemente que a introdução final das línguas arianas na forma do sânscrito ocorreu em uma data muito posterior.

Se a estreita relação entre as línguas indica correlação no tempo, então a entrada do sacae na Índia parece ter sido quase simultânea com a travessia do Cáucaso pelos cimérios Nórdicos e seus sucessores persas.

A relação entre o Zend-Avesta e os Vedas sânscritos é tão próxima quanto a que existe entre o alto e o baixo alemão e, conseqüentemente, essa estreita afinidade nos impede de adiar a data da separação dos persas e dos sacae por mais de alguns séculos.

Uma migração simultânea para o sul de pastores nômades de ambos os lados do Mar Cáspio-Aral ocorreria naturalmente em um movimento geral para o sul, e tais migrações podem ter ocorrido várias vezes. Com toda a probabilidade, estas invasões Nórdicas ocorreram uma após a outra por mil anos ou mais, as posteriores obscurecendo e ofuscando a memória de seus predecessores.

Quando as tribos de pastores deixam as suas pastagens e atacam seus vizinhos agricultores, a razão é quase sempre a fome devido à seca prolongada, e causas como essas têm colocado as tribos nômades em movimento, repetidas vezes na História, sobre grandes áreas. Durante muitos séculos, novas tribos compostas por Nórdicos, ou sob a liderança de Nórdicos, mas todos de língua ariana, avançaram sobre as passagens afegãs do noroeste e empurraram diante deles os primeiros chegados. Vestígios claros dessas inundações sucessivas de conquistadores podem ser encontrados nos próprios Vedas.

Os sacae e masságetas eram, como os persas, dollicocéfalos louros, e deixaram vestígios obscuros de seu sangue entre os nômades vivos mongolizados do Turquestão, os quirguizes. A antiga Bactria manteve o seu aspecto Nórdico e ariano muito tempos depois de Alexandre, e não se tornou mongolizada e recebeu o nome sinistro de Turquestão até o século VII, quando foi a primeira vítima da grande série de invasões ferozes do norte e do leste, que, sob vários líderes mongóis, destruíram a civilização na Ásia e ameaçou sua existência na Europa. Estes sacae altos, de olhos azuis e arianos eram os membros mais orientais da raça nórdica de que temos registro. Os chineses conheciam bem esses “demônios de olhos verdes”, a quem chamavam por seu nome tártaro, os “*Wusuns*”, os altos com os quais entraram em contato por volta de 200 a. C. no que hoje é o Turquestão chinês.

A forma zêndica do grupo iraniano de línguas arianas continuou a ser falada por estes sacae que permaneceram na velha Bactria, e dela deriva um grupo inteiro de dialetos intimamente relacionados ainda falados nos Pamirs, dos quais o ghalcha é o mais conhecido.

A língua ariana mais conhecida no leste foi recentemente descoberta no Turquestão. Chama-se tocariana e é, sem dúvida, uma língua puramente ariana, relacionada, curiosamente, com o grupo ocidental e não com o indo-iraniano. Foi decifrada a partir de inscrições recentemente encontradas, e era uma língua viva antes

do século IX d. C. Isto constitui mais uma prova da extensão e duração da ocupação Nórdica da Bactria.

De todas as maravilhosas conquistas dos sacae, restam como evidência de suas invasões apenas estas línguas indígenas e afegãs. Foram encontrados vestígios obscuros do seu sangue, como já foi dito, nos Pamirs e no Afeganistão, mas no sul os seus traços louros desapareceram, mesmo no Panjabe. Pode ser que a estatura de algumas das tribos das montanhas e dos sikhs, e alguns dos caracteres faciais destes últimos, sejam derivados desta fonte, mas toda a claridade da pele, cabelos ou olhos do sacae original desapareceu completamente.

Os crânios longos de toda a Índia devem ser atribuídos à raça Mediterrânica e não a esta invasão Nórdica, enquanto os pré-dravidianos e os negroides do sul da Índia, com os quais os primeiros são amplamente misturados, são também dolicocefalos.

Em suma, a introdução no Irã e na Índia de línguas arianas, iranianas, ghalchas e sânscritas representa uma conquista linguística e não étnica.

Ao concluir esta revisão dos fundamentos raciais sobre os quais assenta a História da Europa, é pouco necessário salientar que os resultados reais das espetaculares conquistas e invasões da História têm sido muito menos permanentes do que os das vitórias mais insidiosas resultantes do cruzamento de duas raças diferentes, e que em tais misturas a prepotência relativa das várias subespécies humanas na Europa parece estar em proporção inversa ao seu valor social.

A continuidade dos traços físicos e a limitação dos efeitos do ambiente apenas ao indivíduo são agora tão profundamente reconhecidas pelos cientistas que é no máximo uma questão de tempo para que as consequências sociais que resultam de tais travessias sejam geralmente compreendidas pelo público em geral. Assim que a verdadeira influência e importância dos fatos forem apreciadas pelos legisladores, uma mudança completa em nossa estrutura política ocorrerá inevitavelmente, e nossa dependência atual das influências da educação será substituída por um reajuste baseado em valores raciais.

Tendo em mente a extrema antiguidade dos caracteres físicos e espirituais e a persistência com que eles sobrevivem aos elementos do ambiente denominados linguagem, nacionalidade e formas de governo, devemos considerar a relação desses fatos com o desenvolvimento da raça na América. Podemos estar certos de que o progresso da evolução está em plena operação hoje sob as leis da natureza que a controlam, e que o único guia seguro para o futuro está no estudo da operação destas leis no passado.

Nós, americanos, devemos compreender que os ideais altruístas que têm controlado nosso desenvolvimento social durante o século passado, e o sentimentalismo obscuro que fez da América “um asilo para os oprimidos”, estão varrendo a nação para um abismo racial. Se ao *melting pot*¹¹³ é permitido ferver sem controle, e continuarmos a seguir nosso lema nacional e deliberadamente nos

¹¹³ Caldeirão de mistura. Vide nota 7.

cegarmos para todas as “distinções de raça, credo ou cor”, o tipo de nativo americano de descendência colonial se tornará tão extinto quanto o ateniense da era de Péricles, e o viking dos dias de Rollo¹¹⁴.

¹¹⁴ Ou Rolão, do nórdico antigo Hrólf, O Caminhante, ou Rögnvaldsson, “Filho de Ragnualdo”, foi um líder viking e fundador do Ducado da Normandia em 911 d. C.

REFERÊNCIAS

A lista de obras a seguir será útil para os leitores que desejarem investigar os aspectos de antropologia tratados neste livro.

Avebury, Lord. *Prehistoric Times*. 1913.

Beddoe, J. Vários escritos.

Boule, M. *Revue d'Anthropologie*. 1888, 1905, e 1908.

Breuil, l'Abbe H. Vários escritos.

Broca, Paul. Vários escritos.

Cartailhac, E. Vários escritos.

Chamberlain, Houston Stewart. *Foundations of the XIXth Century*.

Collignon, R. Vários escritos.

Darwin, Charles. *Descent of Man*.

Davenport, Charles Benedict. *Heredity in Relation to Eugenics*. 1911.

Deniker, J. *The Races of Man*. 1901.

Duckworth, W. L. H. *Morphology and Anthropology*. 1904.

Duckworth, W. L. H. *Prehistoric Man*. 1912.

Flinders-Petrie, W. M. *Revolutions of Civilization*. 1912.

Galton, Sir Francis. *Hereditary Genius*. 1892.

Gowland, W. *Metals in Antiquity*. *Jour. Roy. Anth. Inst.*, XLII, 1912, p. 245 et seq.

Haddon, A. C. *Wanderings of Peoples*. 1912.

Haddon, A. C. *Races of Man*.

Haddon, A. C. *The Study of Man*. 1898.

Harle, E. Vários escritos.

Hauser, O. Vários escritos.

Hrdlicka, Dr. A. *The Most Ancient Skeletal Remains of Man*. 1914.

Huntington, Ellsworth. *Pulse of Asia*. 1907.

Huntington, Ellsworth. *Palestine and Its Transformation*. 1911.

Huntington, Ellsworth. *Civilization and Climate*. 1915.

- Johnston, Sir Harry H. *Views and Reviews*. 1912.
 Johnston, Sir Harry H. *Colonization of Africa*. 1905.
 Johnston, Sir Harry H. *The Opening Up of Africa*. 1911.
- Keane, A. H. *Man, Past and Present*. 1900.
 Keane, A. H. *Ethnology*. 1901.
- Keith, Arthur. *Antiquity of Man*. 1915.
- Klaatsch, H. *Homo Aurignacius Hauseri*. 1909.
 Klaatsch, H., e Hauser, O. *Archiv fur Anthropologie*. 1908.
- MacCurdy, G. G. *The Eolithic Problem*. 1905.
 MacCurdy, G. G. *The Antiquity of Man in Europe*. 1910.
- Metchnikoff, Elie. *Nature of Man*. 1903.
- Mierow, Chas. C. *The Gothic History of Jordanes*.
- Morgan, Thomas Hunt. *Heredity and Sex*. 1914.
 Morgan, Thomas Hunt. *Heredity and Environment*. 1915.
- Munro, John. *Story of the British Race*. 1907.
- Munro, R. *Paleolithic Man and the Terramara Settlements*.
- Obermaier, H. *L'Anthropologie*. 1908; 1909.
- Osborn, Henry Fairfield. *Age of Mammals*. 1910.
 Osborn, Henry Fairfield. *Men of the Old Stone Age*. 1915.
- Payne, Edward John. *History of the New World Called America*. 1899.
- Penck, A. *Zeitschrift fur Ethnologie*. 1908.
- Peyrony, M., e Capitan. *Bulletins de la Societe d'Anthropologie de Paris*. 1909-1910.
- Quatrefages, A. de. Vários escritos.
- Rathgen, F. *Die Metalle im Alterthum*. 1915.
- Reid, G. Archdall. *Principles of Heredity*. 1905.
 Reid, G. Archdall. *Laws of Heredity*. 1910.
- Retzius, A. A. Vários escritos.
- Retzius, M. G. Vários escritos.
- Ridgeway, Wm. *Early Age in Greece*. 1907.

Ridgeway, Wm. *The Thoroughbred Horse*. 1905.

Ripley, W. Z. *Races of Europe*. 1899.

Rutot, A. Vários escritos.

Salisbury, R. D., and Chamberlain, T. C. *Geology*. 1905.

Schoetensack, O. *Der Unterkiefer des Homo heidelbergensis*. 1908.

Schwalbe, G. *Vorgeschichte des Menschen*. *Zeitschrift für Morphologie und Anthropologie*. 1906.

Sergi, G. *The Mediterranean Race*. 1901.

Smith, G. Elliot. *The Ancient Egyptians*. 1911. E outros escritos.

Sollas, W. J. *Ancient Hunters*. 1911.

Taylor, Isaac. Vários escritos.

Villari, Pasquale. *The Barbarian Invasions of Italy*. 1902.

Woodruff, Charles Edward. *Effects of Tropical Light on White Men*. 1905.

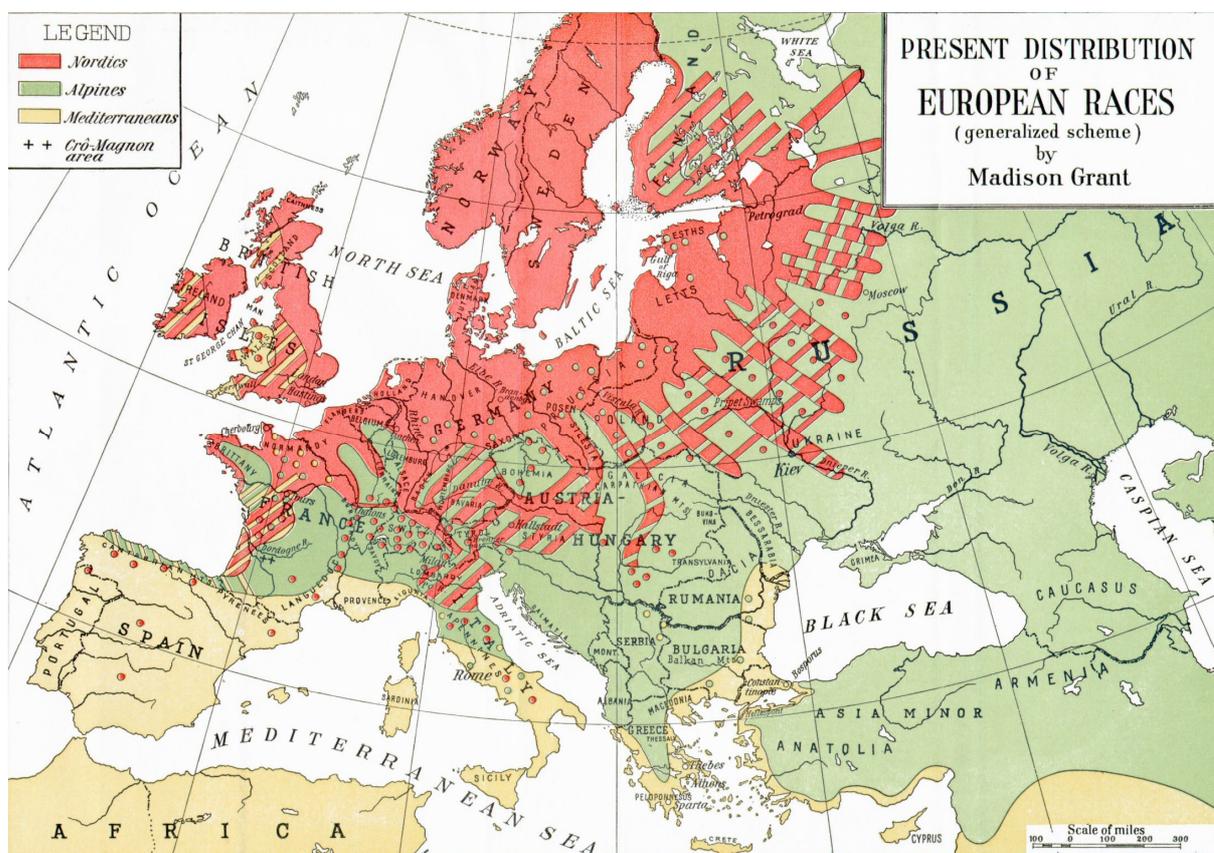
Woodruff, Charles Edward. *Expansion of Races*. 1909.

Woods, Frederick Adams. *Heredity in Royalty*. 1906.

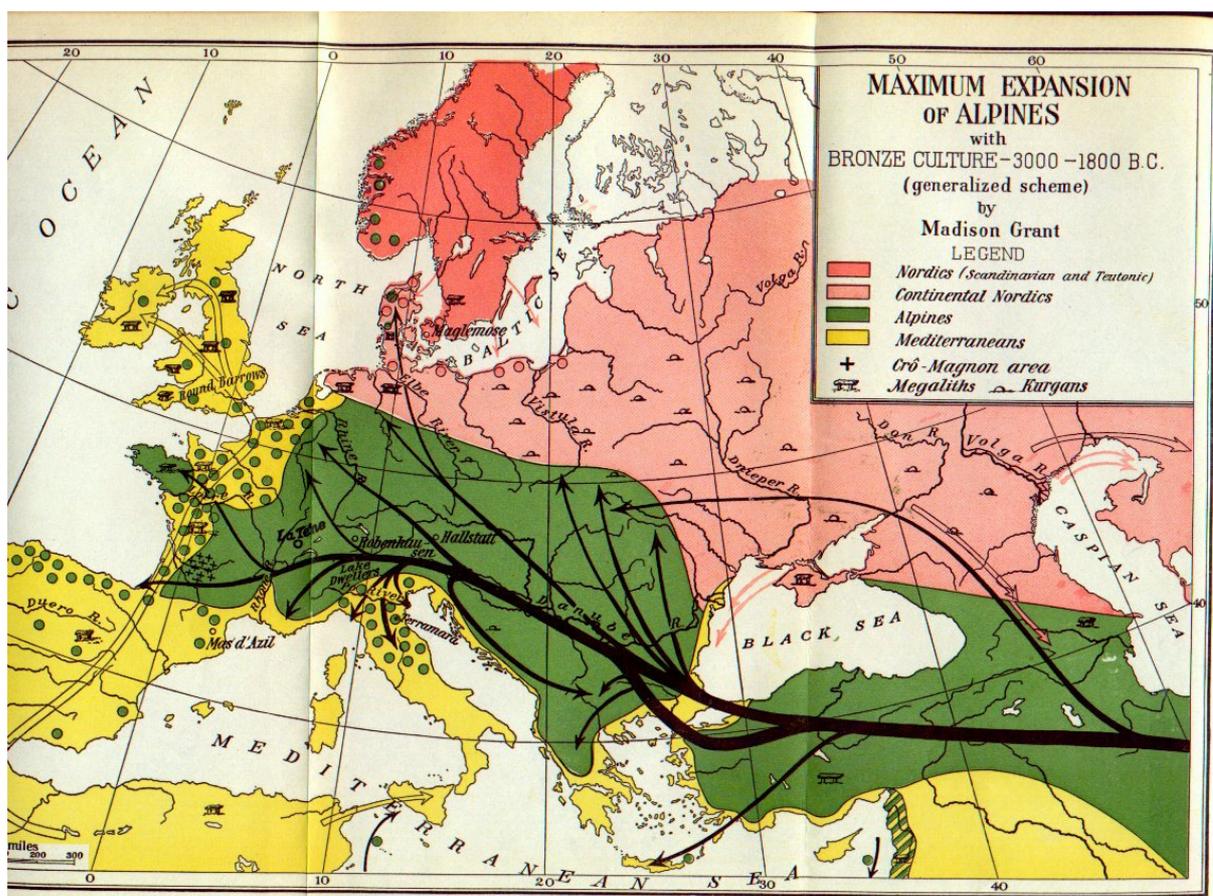
Woodward, A. S. Vários escritos.

Zaborowski, S. Paris. *Les Aryens en l'Asie et l'Europe*.

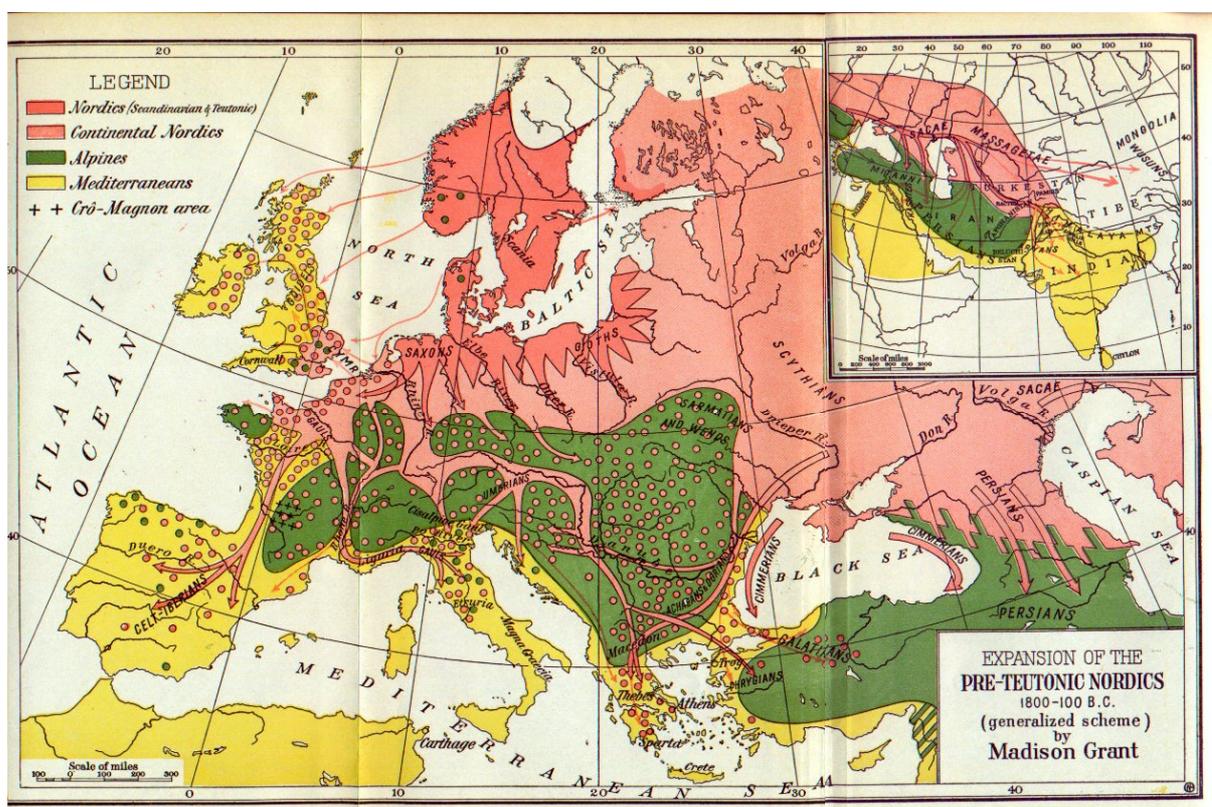
MAPAS



Distribuição das raças europeias em concepção generalizada.



Expansão máxima dos Alpinos no período do Bronze (3000 – 1800 a. C.)



Expansão dos Nórdicos pré-teutônicos (1800 – 100 a. C.)